UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – NÍVEL DE DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE

MICHELE SCHNEIDERS

ANÁLISE DA SONORIZAÇÃO E DA DESSONORIZAÇÃO NA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE NOS DADOS DO ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA – ALCF

CASCAVEL - PR
2022

MICHELE SCHNEIDERS

ANÁLISE DA SONORIZAÇÃO E DA DESSONORIZAÇÃO NA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE NOS DADOS DO ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA – ALCF

Tese apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Doutora em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado - área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem - Descrição dos fenômenos linguísticos, culturais, discursivos e de diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Sanimar Busse

CASCAVEL - PR
2022

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Schneiders, Michele
ANÁLISE DA SONORIZAÇÃO E DA DESSONORIZAÇÃO NA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE NOS DADOS DO ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA ? ALCF / Michele Schneiders; orientadora Sanimar Busse. -- Cascavel, 2022.
144 p.

Tese (Doutorado Campus de Cascavel) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Dialetologia Pluridimensional e Relacional. 2. Variação. 3. Contato linguístico. 4. Bilinguismo. I. Busse, Sanimar , orient. II. Título.

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

MICHELE SCHNEIDERS

ANÁLISE DA SONORIZAÇÃO E DA DESSONORIZAÇÃO NA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE NOS DADOS DO ATLAS DAS LÍNGUAS EM CONTATO NA FRONTEIRA – ALCF

Esta tese foi julgada adequada para obtenção de título de Doutora em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

BANCA EXAMINADORA

Orientador(a) - Sanimar Busse
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Documento assinado digitalmente
gov.br MARCELO JACO KRUG
Data: 10/11/2022 10:21:00-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Documento assinado digitalmente
gov.br CRISTIANE HORST
Data: 27/10/2022 18:43:33-0300
Verifique em https://verificador.iti.br

Prof. Dr. : Cristiane Horst
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Profª. Drª. Clarice Cristina Corbari
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Profª. Drª. Rosemary Irene Castañeda Zanette
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Cascavel, 18 de outubro de 2022

A todos os falantes de alemão no Brasil.

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Sanimar Busse, por ter me aceitado como aluna especial, em 2018, na disciplina “Fonética, Fonologia, variação e ensino” e, posteriormente, como sua orientanda. Obrigada pelas sugestões e correções, todas muito criteriosas e importantes para o amadurecimento desta tese. Agradeço imensamente por termos caminhado juntas nesta etapa tão importante da minha vida.

Ao Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug, Prof. Dra. Cristiane Horst, Prof. Dra. Terezinha da Conceição Costa-Hübes e Prof. Dra. Clarice Cristina Corbari, pelas sugestões na banca de qualificação da tese. Suas contribuições foram muito importantes para esta pesquisa.

Aos coordenadores e aos pesquisadores do grupo de pesquisa “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF”, por terem viabilizado o uso dos dados. Sem os dados, esta pesquisa não teria sido possível.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel (PR), por todo o conhecimento repassado.

Aos colegas da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel (PR), pelo acolhimento.

Aos colegas do Curso de Letras – Português e Inglês da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), *Campus* União da Vitória (PR), em especial, Prof. Dra. Bernardete Ryba, Prof. Dra. Valéria de Fátima Carvalho Vaz Boni, Prof. Dra. Giselle Ludka e Prof. Dra. Mônica Cristina Metz, pelo apoio e pela amizade construída ao longo destes três anos.

Às amigas de Chapecó (SC), Sandra, Emy, Melissa, Roberta e Ângela, pelo companheirismo durante o período de trabalho no Instituto Federal de Santa Catarina.

Ao meu companheiro de vida, Adriano Sehn, pela ajuda, empatia, por todo apoio e pela força que tem me dado durante todo esse período. Te amo.

Ao meu irmãozinho caçula, Paulo Arthur Werle, por ser minha fortaleza, pela inocência e o coração puro, por me fazer sentir tão amada e me trazer tantas alegrias. A mana te ama muito.

A todos os meus familiares – pai, mãe, sogra/o, irmã, cunhados/as, vó, vô, tios, tias, primos e amigas, por serem minha base de proteção, felicidade e por me

permitirem dar muitas risadas. “Uma família não é formada apenas por laços sanguíneos. Família é aquela que escolhemos com o coração”.

A todos que, de alguma forma, torceram para que este título tão sonhado fosse conquistado. A caminhada foi extremamente árdua, foram muitos quilômetros rodados toda semana, longas horas de viagem de Chapecó a Cascavel, para que fosse possível cumprir todas as disciplinas obrigatórias ao longo de três semestres. Obrigada a todos que torcem e torceram por mim.

“A variabilidade é inerente à linguagem humana entendida como fenômeno social. É riqueza, dinamismo, pluralidade, jogo de poder e muito mais. Quem se vale conscientemente disso em seu dia a dia, seja para ouvir e falar, seja para ler e escrever, está em vantagem em relação àqueles que acreditam que, de cada língua, só existe uma única forma correta de dizer cada coisa. Essa crença é, de fato, uma visão extremamente empobrecida de uma língua e tem servido, historicamente, para produzir exclusão social”.

Ana Maria Stahl Zilles

SCHNEIDERS, Michele. **Análise da sonorização e da dessonorização na fala do Extremo Oeste Catarinense nos dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF.** 2022. 144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Orientadora: Sanimar Busse
Defesa: 18 de outubro de 2022

RESUMO

Esta pesquisa tem como temática a variação de sonorização e de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português brasileiro em contato com o alemão em três localidades do Sul do Brasil, em dados coletados pelo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF). A partir do tema, a pesquisa norteia-se por meio do seguinte questionamento: quais contextos linguísticos e extralinguísticos atuam como condicionadores para a realização da variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão no Extremo Oeste Catarinense? Para alcançar as possíveis respostas, o objetivo geral é analisar os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam os fenômenos de sonorização e da dessonorização na realização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português nas cidades de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, Santa Catarina. Para isso, utilizamos a base teórica e metodológica da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2005; 2010), a qual analisa a língua a partir de diferentes dimensões. Neste estudo, investigamos a variação por meio da dimensão diatópica, diastrática, diageracional e diassexual. Trata-se, portanto, de uma pesquisa quantitativa-qualitativa descritiva e experimental, em que estratificamos os dados quantitativamente para posterior análise qualitativa e descritiva. Para a análise dos dados, foram elaborados gráficos e cartogramas para que fosse possível verificar os elementos que condicionam a variação. Como resultado, os dados revelam que no município de São João do Oeste, tanto a variação de sonorização quanto a de dessonorização são mais salientes, além de a idade junto à baixa escolaridade serem fatores importantes no condicionamento do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Variação. Contato linguístico.

SCHNEIDERS, Michele. **Análise da sonorização e da dessonorização na fala do Extremo Oeste Catarinense nos dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF.** 2022. 144 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 2022.

Orientadora: Sanimar Busse
Defesa: 18 de outubro de 2022

ABSTRACT

This research has as its theme the variation of voicing and devoicing of occlusive and fricative consonants in Brazilian Portuguese in contact with German in three locations in Brazil, in data collected by the “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira” (ALCF). Based on the theme, the research is guided by the following question: which linguistic and extralinguistic contexts act as conditioners for the realization of the variation of voicing and devoicing of occlusive and fricative consonants of Portuguese in contact with German in the extreme west of Santa Catarina? To reach the possible answers, the general objective is to analyze the linguistic and extralinguistic contexts that condition the voicing and devoicing phenomena in the realization of occlusive and fricative consonants in the speech of German-Portuguese bilinguals in the cities of São Itapiranga, São João do Oeste and Mondaí, Santa Catarina. For this, the theoretical and methodological basis is Multidimensional and Relational Dialectology (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998; 2005; 2010), which analyzes language from diferent dimensions. In this study, we investigated variation through diatopic, diastratic, diagenerational and diassexual dimensions. It is, therefore, a experimental descriptive quantitative-qualitative research, in which we stratify the data quantitatively for subsequent qualitative and descriptive analysis. For data analysis, graphs and cartograms were prepared so that it was possible to verify the elements that condition the variation. As a result, the data reveal that in the municipality of São João do Oeste, both the variation in voicing and devoicing are more productive, in addition to age and low education are important factors in conditioning to the phenomenon.

KEYWORDS: Multidimensional and Relational Dialectology. Variation. Language contact.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALCF – Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

ADDU – *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay*

ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

ALGR – Atlas Guaraní-Románico

ALIB – Atlas Linguístico do Brasil

ALMA-H – Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs da Bacia do Prata-*Hunsrückisch*

CaGII – classe alta geração II

CaGI – classe alta geração I

CbGII – classe baixa geração II

CbGI – classe baixa geração I

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Dess. – Dessonorização

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHLBrI - Inventário do *Hunsrückisch* como Língua Brasileira de Imigração

IPOL – Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

ITAP – Itapiranga

Inf. – Informantes

H – Homens

M – Mulheres

NORMs – *Nonmobile Older Rural Males*

PB – Português Brasileiro

SFS – sons foneticamente semelhantes

SJO – São João do Oeste

Son. – Sonorização

SUP - Sociedade União Popular

VARSUL – Projeto “Variação Linguística na Região Sul”

VOT – *Voice Onset Time*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da região Extremo Oeste de Santa Catarina.....33
Figura 2 – Pórtico de Itapiranga (SC).....35
Figura 3 – Pórtico de São João do Oeste (SC).....36
Figura 4 – Museu Municipal de Mondaí (SC).....37
Figura 5 – Esquema do espaço variacional.....50
Figura 6 – Evolução das consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/.....58
Figura 7 – Evolução das consoantes /f/, /v/, /s/ e /z/.....59
Figura 8 – Evolução das consoantes /ʃ/ e /ʒ/.....59
Figura 9 – Fonemas do *Deitsch*.....63
Figura 10 – Glote e pregas vocais.....68
Figura 11 – Três tipos de Voice Onset Time.....69
Figura 12 – Diferenças entre o Voice Onset Time do português e do alemão.....70
Figura 13 – Características dos informantes.....79
Figura 14 – Distribuição dos informantes no modelo em cruz.....80
Figura 15 – Localização de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí.....89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Total de ocorrências de dessonorização nas três localidades.....87
Gráfico 2 – Total de ocorrências de sonorização nas três localidades.....88
Gráfico 3 – Total de ocorrências de dessonorização quanto à tonicidade silábica...103
Gráfico 4 – Total de ocorrências de sonorização quanto à tonicidade silábica.....104
Gráfico 5 – Total de ocorrências de dessonorização quanto ao número de sílabas.105
Gráfico 6 – Total de ocorrências de sonorização quanto ao número de sílabas.....106
Gráfico 7 – Total de ocorrências de dessonorização de oclusivas e fricativas.....107
Gráfico 8 – Total de ocorrências de sonorização de oclusivas e fricativas.....108
Gráfico 9 – Ocorrências de dessonorização.....109
Gráfico 10 – Ocorrências de sonorização.....111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Objetivos específicos e hipóteses.....21
Quadro 2 – Origem dos grupos alemães do Brasil.....29
Quadro 3 – Contínuo linguístico do alemão.....32
Quadro 4 – Dimensões de análise.....51
Quadro 5 – Dialetologia Monodimensional x Pluridimensional e Relacional.....52
Quadro 6 – Consoantes do latim clássico.....55
Quadro 7 – Consoantes do latim vulgar.....56
Quadro 8 – Consoantes do Português Brasileiro.....57
Quadro 9 – Consoantes do alemão-padrão.....61
Quadro 10 – Consoantes do *Deitsch*.....62
Quadro 11 – Regras de vozeamento e desvozeamento do *Deitsch*.....63
Quadro 12 – Conjunto de traços distintivos das consoantes oclusivas e fricativas.....66
Quadro 13 – Quadro da coleta de dados.....77
Quadro 14 – Apresentação dos dados.....82
Quadro 15 – Dimensões de análise utilizadas na pesquisa.....83
Quadro 16 – Exemplos de dessonorização obtidos na análise.....85
Quadro 17 – Exemplos de sonorização obtidos na análise.....85
Quadro 18 – Exemplos do fenômeno com relação à tonicidade silábica.....102
Quadro 19 – Exemplos de dessonorização na sílaba tônica.....103
Quadro 20 – Exemplos de sonorização na sílaba pretônica.....104
Quadro 21 – Exemplos do fenômeno com relação ao número de sílabas.....106
Quadro 22 – Síntese das ocorrências de dessonorização nas três localidades.....110
Quadro 23 – Síntese das ocorrências de sonorização nas três localidades.....112

LISTA DE CARTOGRAMAS

Cartograma 1 – Total de ocorrências de dessonorização em cada grupo.....92
Cartograma 2 – Total de ocorrências de sonorização em cada grupo.....93
Cartograma 3 – Total de ocorrências de dessonorização entre mulheres.....98
Cartograma 4 – Total de ocorrências de dessonorização entre homens.....99

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **18**
1 A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA **24**
1.1 Os contatos linguísticos no Brasil **24**
1.2 A colonização alemã no Sul do Brasil **27**
1.3 A presença da língua alemã em Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí **31**
1.4 O bilinguismo alemão-português **38**
1.5 Transferências linguísticas **40**
2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ESPAÇO SOCIAL **43**
2.1 A língua como objeto de estudo da Sociolinguística **43**
2.2 A língua como objeto de estudo da Dialetologia **47**
2.3 A inovação da Dialetologia Pluridimensional e Relacional **48**
3 CONSOANTES OCLUSIVAS E FRICATIVAS **54**
3.1 As consoantes oclusivas e fricativas do Latim e do Português Brasileiro **54**
3.2 As consoantes oclusivas e fricativas do alemão-padrão e do *Deitsch* **61**
3.3 Traços distintivos e o traço sonoridade **65**
3.4 *Voice Onset Time* das oclusivas e medida de duração das fricativas **69**
3.5 Variação fonético-fonológica **71**
4 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA **74**
4.1 O projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira **75**
4.2 Instrumento para geração dos dados **76**
4.3 Tratamento dos dados **78**
4.4 A perspectiva pluridimensional dos dados **82**
5 ANÁLISE DOS DADOS DA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE **85**
5.1 Condicionadores extralinguísticos **86**
5.1.1 A arealidade dos fenômenos de sonorização e dessonorização no Extremo Oeste Catarinense 86
5.1.2 Dimensão diatópica, diastrática e diageracional 91
5.1.3 Dimensão diassexual 97
5.2 Condicionadores intralinguísticos **101**
5.2.1 Tonicidade silábica 102
5.2.2 Número de sílabas 105
5.2.3 Característica da ocorrência 107
5.3 Cruzamento dos dados **109**
CONSIDERAÇÕES FINAIS **114**
REFERÊNCIAS **119**
APÊNDICE – DADOS DA PESQUISA **129**

ANEXO A – Questionário I (KRUG, 2013 [adaptado]) 135
ANEXO B – Questionário II (KRUG, 2013 [adaptado]) 137

INTRODUÇÃO

Esta tese tem como tema a variação de sonorização e dessonorização dos fonemas consonantais na fala de bilíngues alemão-português do Extremo Oeste de Santa Catarina, sendo objeto de investigação a realização das consoantes oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e fricativas /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, em dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus* Chapecó, Santa Catarina (SC).

O fenômeno, conhecido entre os falantes como “troca de letras”, é analisado em três localidades de Santa Catarina, Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, sendo São João do Oeste a cidade natal da pesquisadora. As localidades foram escolhidas devido à semelhança entre os aspectos geográficos e culturais, principalmente, no que se refere ao número de habitantes, à colonização alemã e, também, por apresentarem, em seu calendário de eventos, festividades alusivas à cultura alemã: *Oktoberfest*, em Itapiranga*, Deutsche Woche*[1], em São João do Oeste e *Kerbfest*[2], em Mondaí.

A escolha da temática foi motivada principalmente por ouvir diariamente familiares realizando a troca dos fonemas, como, por exemplo, “baile ~ [p]aile”, discutir ~ [t]iscutir, “gostar ~ [k]ostar”, votar ~ [f]otar, visitar ~ vi[s]itar e “Juliane ~ [ʃ]uliane”. Além da convivência diária com o alemão e, consequentemente, com falantes bilíngues que realizam as trocas, a imitação dessa fala por parte de outros falantes ou humoristas sempre gerou um incômodo pelo fato de que a troca das consoantes acontece de forma específica dentro do sistema linguístico, ou seja, em uma palavra, não são todas as consoantes que se tornam sonoras e/ou surdas e, por vezes, a imitação acaba se tornando exagerada.

O alemão falado no Extremo Oeste Catarinense é uma língua brasileira de imigração trazida pelos imigrantes alemães que vieram de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, para a região Oeste de Santa Catarina. Essa língua é comumente denominada por pesquisadores (cf. ALTENHOFEN, 1996) como hunsriqueano, que é definido como uma língua brasileira de imigração que provém do centro-oeste da Alemanha e que, segundo Altenhofen e Morello (2018, p. 37),

---

[1] Semana Alemã.
[2] Festa da colheita.

> engloba um contínuo de variantes linguísticas que se estende do francônio-moselano ([+dialetal]) ao francônio-renano ([+próximo do *standard*]) e que, ao longo de sua história no novo mundo, a partir de 1824, agrega influências de contatos linguísticos com demais variedades do alemão, em especial do *Hochdeutsch* local, e com o português e demais línguas faladas no entorno.

Além de hunsriqueano, outras denominações também podem ser utilizadas, como *Deutsch* ou *Deitsch*[3]*.* Nesta pesquisa, escolhemos não utilizar a forma "hunsriqueano" pelo fato de os entrevistados denominarem sua língua como *Deutsch* ou *Deitsch* ou apenas com o termo genérico "alemão".

A forma *Deutsch* é caracterizada como uma variedade linguística mais próxima do *Hochdeutsch* (alto alemão) ou alemão-padrão/*standard*, enquanto a forma *Deitsch* é caracterizada como uma variedade linguística mais dialetal e mais próxima ao hunsriqueano. Não é possível saber, de fato, de onde são originadas essas variedades linguísticas, se *Deitsch* é o mesmo que hunsriqueano ou se *Deutsch* é o mesmo que o *Hochdeutsch,* mas, o que se tem, *a priori*, é que esses usos se aproximam e apresentam uma mesma base de origem.

Pelo fato de as localidades apresentarem contato linguístico entre o alemão e o português, muitas vezes, o português falado pelos descendentes de alemães é caracterizado como um falar "de colono", considerado "errado" e que é motivo de julgamentos, chacotas e risadas[4]. Por esse falar característico, esses falantes são caracterizados como "aqueles do interior" e "da roça" [*colonist*]. Isso acontece porque os falantes bilíngues trazem alguns traços de transferência, tanto fonética-fonológica, quanto lexical e sintática da sua língua materna (alemão) para sua língua-alvo (português).

As transferências entre as línguas fazem com que os falantes bilíngues alemão-português apresentem uma identidade particular. Segundo Altenhofen e Margotti (2011), alguns traços comuns desse falar característico são: a ausência de palatalização das consoantes dentais /t/ e /d/ diante de /e/[5], a realização do rótico em

---

[3] Leia-se ['dɔy.tʃ] e ['daɪ.tʃ]

[4] Em uma pesquisa a respeito do (des)uso do alemão, Knob (2018) investigou os motivos para que os falantes deixassem de usá-lo. Segundo a autora, o que acelerou o processo de desuso desse idioma foi, principalmente, o preconceito linguístico, "atrelado à ideia de uma língua cujo sotaque é feio, é motivo de riso, etc." (KNOB, 2018, p. 95).

[5] A realização de /t/ e o /d/ é usada na expressão "leit**e** quent**e** dá dor d**e** dent**e** e dói os dent**e** da frent**e**".

início de palavra e em contexto medial, como r-tepe[6] e, sobretudo, a dessonorização e sonorização de consoantes oclusivas e fricativas, que são foco desta pesquisa. Quanto ao rótico, há estudos recentes que revelam um forte preconceito relacionado a essa pronúncia entre falantes de alemão (FRITSCH; PEREIRA, 2018), assim como a troca das consoantes surdas e sonoras (sonorização e dessonorização), que é considerado “um dos traços mais estigmatizados socialmente e um dos mais perceptíveis pelos membros de outras comunidades de fala” (ALTENHOFEN; MARGOTTI, 2011, p. 299).

Dado o contexto de investigação, esta pesquisa parte do seguinte questionamento: quais contextos extralinguísticos e intralinguísticos atuam como condicionadores para a realização da variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão no Extremo Oeste Catarinense?

A partir das perguntas de pesquisa, temos como **objetivo geral** analisar os contextos extralinguísticos e intralinguísticos que condicionam os fenômenos de sonorização e da dessonorização na realização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português nas cidades de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, localizadas em Santa Catarina. Já os objetivos específicos e as hipóteses foram organizados no quadro a seguir:

[6] De acordo com Cristófaro-Silva (2007, p. 33), “Tepe (ou vibrante simples): O articulador ativo toca rapidamente o articulador passivo ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da boca. O tepe ocorre em português nos seguintes exemplos: cara, brava”.

Quadro 1 – Objetivos específicos e hipóteses

Objetivos Específicos	Hipóteses
a) Comparar o registro dos fenômenos da dessonorização e sonorização das consoantes na dimensão diatópica;	Nossa hipótese era de que a variação dos fonemas ocorreria em maior proporção em falantes bilíngues de São João do Oeste, considerando que os falantes dessa localidade possuem mais contato com a variedade alemã, principalmente pelo fato da disposição geográfica da localidade, bem como ser considerada a "Capital Catarinense da Língua Alemã".
b) Avaliar o fenômeno em variação a partir da dimensão diastrática e diageracional;	Pressupomos que o fenômeno em variação estaria presente, principalmente, em falantes da geração mais velha e de classe baixa, concordando com os estudos de Gewehr-Borella (2014, p. 155, grifos do autor), ao destacar que "a variável dessonorização/sonorização de oclusiva passa atualmente por um processo de *mudança linguística*", por não ser realizada com tanta frequência entre os mais jovens.
c) Pesquisar se a dimensão diassexual é fator determinante na realização do fenômeno;	Nossa hipótese era de que a troca dos fonemas aconteceria com mais frequência entre os homens, pois, supomos que estes usariam mais a língua alemã (WEINREICH, 1979) e, ao falarem português, acabariam realizando o fenômeno. Além disso, as mulheres tendem a preferir as formas mais *standard* (ROMAINE, 2003; TRUDGILL, 1983).
d) Identificar quais aspectos intralinguísticos condicionam a variação de sonorização e dessonorização.	Quanto ao sistema interno, nossa hipótese baseou-se nos resultados da pesquisa de Lara (2017), que o que favorece a realização da variação de dessonorização e sonorização das consoantes é se a palavra possui um grande número de sílabas e se a sílaba é a tônica ou pretônica.

Fonte: Elaboração da autora

A partir dos objetivos específicos e de suas respectivas hipóteses, destacamos que o tema da nossa pesquisa se insere no âmbito da fonética, disciplina responsável pelo "estudo dos sons utilizados na linguagem humana" (CRISTÓFARO-SILVA, 2007, p. 01) e da fonologia, por tratar dos fenômenos de sonorização e dessonorização, sobretudo, a variação fonológica, entendida como "parte do desempenho linguístico do falante" (LEE, 2013, p. 106).

Compreendemos a dessonorização e a sonorização como fenômenos caracterizados pela troca do traço sonoridade, e essa pode abranger tanto o processo de sonorização, substituição de um fonema surdo pelo seu correspondente sonoro, quanto a dessonorização, substituição de um fonema sonoro pelo seu correspondente surdo (CRISTOFOLINI, 2011).

Para a análise e o tratamento dos dados, utilizamos a base teórica e metodológica da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que tem como

precursores Radtke e Thun (1996) e Thun (1998; 2005; 2010). Na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a língua é analisada a partir de diferentes dimensões, as quais, indicam, principalmente, a situação do fenômeno linguístico analisado. Neste estudo, a análise é pautada na dimensão diatópica (localidade), diastrática (classe social baseada na escolaridade), diageracional (faixa etária) e diassexual (sexo/gênero).

Os dados analisados nesta pesquisa foram coletados por pesquisadores do grupo de pesquisa "Atlas das Línguas em Contato na Fronteira" (ALCF), grupo de pesquisa do qual fazemos parte. O ALCF[7], criado em 2010, é coordenado pela professora Cristiane Horst e pelo professor Marcelo Jacó Krug, da Universidade Federal da Fronteira Sul, C*ampus* Chapecó, Santa Catarina e está vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Com esta pesquisa, pretendemos contribuir com estudos linguísticos e sociais. Quanto aos linguísticos, objetiva-se relacionar esta pesquisa com os estudos na área da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, do bilinguismo e das línguas em contato e, principalmente, com os estudos já realizados na área da variação fonológica e transferência fonético-fonológica entre falantes bilíngues alemão-português. Como exemplo, destacamos a pesquisa de Gewehr-Borella (2014) e Lara (2017), as quais analisaram as consoantes oclusivas e Martins (2013), que analisou as consoantes oclusivas, fricativas e róticas, todas em dados de falantes bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul. Por meio da relação com essas pesquisas, é possível, ao final de nossa investigação, apresentar uma comparação entre os dados, principalmente se os falantes do Extremo Oeste Catarinense apresentam resultados semelhantes aos do Rio Grande do Sul.

Quanto à contribuição social, pretendemos demonstrar, a partir desta tese, a relevância da manutenção do alemão entre os falantes ao considerar que as transferências fonético-fonológicas e a variação fonológica são processos naturais das línguas em contato e não devem ser consideradas um problema linguístico a ser combatido ou resolvido. Além disso, também será possível verificar se as trocas das consoantes são realizadas de forma organizada.

[7] Na seção que trata da Metodologia, item 4.1, destinamos uma subseção para tratar especificamente do grupo de pesquisa "Atlas das Línguas em Contato na Fronteira - ALCF". Informações importantes sobre o grupo também podem ser encontradas no diretório dos grupos de pesquisa no Brasil: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/15184.

Damos destaque à contribuição social da pesquisa, considerando o fato de as trocas das consoantes já terem sido motivo de reprovação dos estudantes na disciplina de língua portuguesa em um dos municípios investigados (PAULI, 2001) e, consequentemente, pode ter sido um motivo de os pais não quererem ensinar o alemão aos filhos, pelo medo de que os filhos falem o português “errado” (KNOB, 2018). Por isso, esta pesquisa é dedicada aos falantes de alemão no Brasil – como um todo – para que possam compreender os fenômenos característicos da sua língua e, a partir disso, manter o alemão nas localidades de contato linguístico.

Quanto à organização estrutural da tese, iniciamos pela introdução, seguida da primeira seção, em que apresentamos a heterogeneidade linguística brasileira para que seja possível ter um panorama geral das localidades investigadas, bem como o contexto sociocomunicativo em que estão inseridas. A segunda e a terceira seção são destinadas aos aspectos teóricos da pesquisa. A segunda seção é iniciada pela subseção “a variação linguística no espaço social”, em que apresentamos, de forma geral, o conceito de língua para a Sociolinguística e para a Dialetologia, enquanto na terceira seção, intitulada “Fonética e Fonologia”, apresentamos os conceitos mais específicos, dando ênfase às consoantes oclusivas e fricativas do português e do alemão, o traço sonoridade e a variação fonético-fonológica. Na quarta seção, especificamos a metodologia utilizada, baseada na Dialetologia Pluridimensional e Relacional e, na quinta seção, apresentamos a análise dos resultados obtidos, seguida das considerações finais e das referências bibliográficas. Ao final da pesquisa consta o apêndice com a relação dos dados e, por último, os anexos com os questionários utilizados ao longo das entrevistas.

1 A HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Nesta seção, discutimos o contexto em que a pesquisa está inserida, levando em consideração a heterogeneidade da realidade linguística brasileira. No primeiro tópico, contextualizamos os contatos linguísticos no Brasil, destacando as situações vivenciadas em algumas localidades brasileiras. Na sequência, apresentamos aspectos da colonização alemã no Sul do Brasil para, em seguida, tratar do alemão falado nas três localidades investigadas. Em seguida, discutimos o bilinguismo e os processos de transferência linguística, considerando que esses processos estão intimamente ligados às comunidades de pesquisa e, consequentemente, ao contexto de investigação.

1.1 Os contatos linguísticos no Brasil

Se pensarmos em toda a história do Brasil, podemos caracterizá-la como uma história de contatos linguísticos. De acordo com Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 13), “ao longo dos mais de cinco séculos depois do descobrimento, no território brasileiro conviveram, comunicaram e se misturaram populações ameríndias, europeias, africanas e asiáticas”. O Brasil é marcado por situações de contato linguístico que caracterizam a história e a cultura do país.

No Brasil, Altenhofen (2008, p. 137) reconhece que há sete tipos de contato linguístico do português com outras variedades, sendo elas:

1) Português e línguas autóctones (indígenas);
2) Português e língua afro-brasileiras;
3) Português e línguas de imigração (alóctones);
4) Português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (por exemplo com guarani e espanhol, no Paraguai, e espanhol no Uruguai);
5) Português e línguas co-oficiais em contato (por exemplo Tukano, Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira);
6) Contatos linguísticos de fronteira com países vizinhos; e
7) Contatos entre falantes de variedades regionais do português.

A partir da constatação da heterogeneidade linguística brasileira, compreendemos que toda a história do Brasil é marcada pela sua relação com outros povos e, consequentemente, com suas respectivas línguas. Nessa perspectiva, com a chegada dos imigrantes europeus no Sul do Brasil, no século XIX e na primeira metade do século XX, a paisagem linguística foi alterada significativamente, pois eles

trouxeram consigo uma língua diferente da falada na época. A presença dos imigrantes e descendentes de imigrantes na região Sul fez com que essa região ficasse fortemente marcada pela presença de contato linguístico entre diferentes tipos de variedades (ALTENHOFEN, 2008), principalmente variedades do italiano e do alemão.

De acordo com Weinreich (1979, p. 01), podemos dizer que "duas ou mais línguas estão em contato quando essas são usadas alternadamente pelas mesmas pessoas"[8]. Altenhofen (2008, p. 02) destaca que o que entra em contato nas sociedades "são, antes de tudo, modos de falar individuais (idioletos) identificados como variedades linguísticas". Os modos de falar individuais, caracterizados como idioletos, entram em contato com outras variedades, que podem gerar situações de bilinguismo. Appel e Muysken (1987) defendem que o contato linguístico inevitavelmente leva ao bilinguismo[9], pois uma língua que entra em contato linguístico com outra acaba por misturar-se[10].

Atualmente, é difícil afirmar que uma comunidade seja completamente monolíngue. As situações de contato linguístico demonstram que uma língua tem mais poder sobre outra. Em comunidades em que somente uma língua é a oficial, ela tende a ser a majoritária, e a outra, considerada minoritária, pode ocupar uma posição secundária, o que Ferguson (1959) define como diglossia.

Nos municípios investigados nesta pesquisa, percebemos que o português ocupa a posição de língua majoritária, pois é considerada a língua oficial, enquanto o alemão, apesar de ser utilizado diariamente, ocupa uma posição secundária, considerando que é uma variedade predominantemente oral. O português é a língua utilizada nos ambientes formais, como, por exemplo, na escola, na universidade, em reuniões e assembleias e, por isso, é vista, muitas vezes, como uma língua mais prestigiada. O alemão, por sua vez, é utilizado em situações informais, com a família e nos afazeres do dia a dia, como em supermercados e no comércio. Há situações em que o alemão pode se sobressair em relação ao português, como em casos em

[8] Tradução nossa. No original: "*two or more languages will be said to be in contact if they are used alternately by the same person*".
[9] Tradução nossa. No original: *"Language contact inevitably leads to bilingualism".*
[10] A mistura das línguas, resultado do contato linguístico e do bilinguismo, é um processo comum denominado de *code-mixing* e *code-switching*. Segundo King e Mackey (2007), *code-mixing* (mistura de códigos) refere-se ao que aprendizes fazem quando estão adquirindo as duas línguas e *code-switching* (alternância de códigos) é o que bilíngues proficientes fazem para expressar a si mesmos, além de servir como uma estratégia de comunicação.

que o falante não consegue se comunicar em português, em uma instituição bancária, em uma conversa na prefeitura ou em uma consulta no posto de saúde, por exemplo. Por isso, um dos requisitos para que um funcionário seja contratado é o conhecimento da língua minoritária falada nessas comunidades, para que ele possa se comunicar com os falantes que não sabem o português.

No caso de coexistência de duas ou mais línguas em uma localidade, são importantes as políticas linguísticas que viabilizem a cooficialização dessas línguas, como já tem sido feito em algumas comunidades no Brasil. É a partir da cooficialização que é possível traçar políticas linguísticas que assegurem o direito dessas línguas fazerem parte da comunidade em todos os contextos, tanto familiares quanto escolares, principalmente, para que as futuras gerações continuem usando-as e, assim, não percam a sua identidade e nem sua cultura. Corbari (2013) destaca a importância de termos conhecimento sobre as línguas faladas no Brasil e a necessidade de um respaldo constitucional para manutenção dessas línguas. Segundo a autora,

> Um recenseamento que incluísse uma pergunta a respeito das línguas diferentes do português faladas nos lares possibilitaria, a partir dos dados obtidos, conhecer mais precisamente as habilidades linguísticas da população a fim de promover a diversidade linguística e cultural, por meio de políticas linguísticas adequadas a cada região, tais como a formação de associações que incentivem o uso informal das línguas minoritárias ou minorizadas e a inclusão dessas línguas no currículo escolar. [...] Além disso, é preciso pensar que a perda de língua/dialeto representa a perda de identidade cultural (ou, ao menos, parte dela), pois uma língua está simbolicamente ligada à sua cultura (CORBARI, 2013, p. 253).

Sobre a cooficialização de línguas no Brasil, o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) apresenta que temos, no Brasil, 22 línguas cooficializadas em 48 municípios, sendo 13 línguas indígenas em 10 municípios e 09 línguas alóctones (de imigração) em 38 municípios[11]. Alguns exemplos são os municípios de São Gabriel da Cachoeira (AM) (línguas indígenas); Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins (SC) (língua pomerana); Antônio Carlos (SC) e Santa Maria do Herval (RS) (*Hunsrückisch*).

[11] A lista completa com todas as línguas cooficiais dos municípios pode ser acessada no link: https://drive.google.com/file/d/1kNJvY0SWmeRi3zbCLSVNREh0y-bix_LM/view.

Dentre as localidades investigadas nesta pesquisa, o município de São João do Oeste, é o único que cooficializou o alemão falado na localidade a partir de uma Lei de Cooficialização (Lei nº 1.685/16, de 12/07/2016). Por meio da lei, o município institui que “será aceito o dialeto germânico para comunicação informal em todo o território municipal” (2016, p. 01) e, além disso, consta na lei que o uso da língua não deve ser motivo de discriminação e que seu uso tem a finalidade de preservar a cultura herdada pelos colonizadores. Em Itapiranga e em Mondaí, apesar de a língua estar presente no dia a dia, ainda não há discussão sobre a cooficialização do alemão nesses municípios.

Para que seja possível compreender mais sobre a relação do alemão com as comunidades de pesquisa, na subseção a seguir, explicamos o processo de colonização alemã no Sul do Brasil, a fim de entender como esses imigrantes chegaram ao Brasil e por qual motivo escolheram a região Sul como sendo o seu destino principal.

1.2 A colonização alemã no Sul do Brasil

O Brasil, marcado pela diversidade e pelos contatos linguísticos, deu espaço àqueles que vivenciavam a crise na Alemanha e buscavam a promessa de uma vida melhor. Segundo Jungblut (2000, p. 24), “na virada do século 18 para o 19, a Europa foi arrasada pelas guerras napoleônicas. As regiões de fronteira entre a França e a Alemanha foram as mais atingidas”. Junto à fome e pobreza, não havia terras para o plantio, por isso o Brasil foi destino desses imigrantes.

A chegada dos alemães ao Brasil foi dividida em três períodos diferentes: o primeiro período é datado de 1824, quando chegaram os primeiros agricultores e camponeses; o segundo é marcado pela vinda de representantes da intelectualidade, após as revoluções de 1848 e 1949; e o terceiro período marcado pelo contexto de pós-guerra, trouxe, principalmente, artesãos e operários. De acordo com Gregory (2013), a partir de 1824, os alemães chegaram a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e, ao final da década, estabeleceram-se nas colônias de São Pedro de Alcântara e Mafra, em Santa Catarina, e Rio Negro, no Paraná. Gregory (2013) menciona que, no Paraná, muitos alemães chegaram também a partir do início do século XX, fixando moradia nas localidades de Curitiba, Ponta Grossa, Palmeira, Ivaí, Irati e Cruz Machado.

Segundo Jungblut (2000), a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, foi a primeira colonização bem-sucedida. Datada de 25 de julho de 1824, chegaram ao Rio Grande do Sul cerca de 39 imigrantes, advindos da região de *Hunsrück*, no Sudoeste da Alemanha, os quais, segundo Rambo (1999), em sua maioria, eram homens solteiros e agricultores.

Com a situação calamitosa vivenciada na Alemanha, os imigrantes que chegaram ao Brasil vieram com o objetivo de buscar uma vida melhor no "Novo Mundo", bem como colonizar as novas terras e ocupar "os vazios demográficos"[12], razão pela qual optaram pelas regiões Sul e Sudeste. Terras quase de graça, viagem e diárias gratuitas, sementes e gado foram algumas das promessas feitas aos colonizadores. "Emigrar virou um desejo irresistível, tornou-se uma mania" (JUNGBLUT, 2000, p. 27).

Para Jungblut (2000, p. 27), existiram, no Brasil, quatro tipos de colonização: a) colônias governamentais, que foram fundadas pelo governo federal, estadual ou municipal; b) colônias fundadas por entidades lucrativas, como a empresa Chapecó-Peperi Ltda.; c) colônias fundadas por uma entidade filantrópica, como o *Bauerverein* e o *Volksverein*; e d) colônias fundadas por pessoas particulares, as quais adquiriram "uma grande gleba e promoviam a colonização com fins lucrativos".

Em virtude das condições geográficas, sociais e econômicas da colonização, principalmente no Sul do Brasil, o imigrante alemão é, até hoje, caracterizado como colono ou agricultor (SANTANA, 2010). Além disso, o trabalho árduo na agricultura e a mão de obra fez com que a região Sul fosse considerada uma região de quem produz e de quem trabalha pesado. Essas caracterizações foram feitas até mesmo na época da colonização, considerando que os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil encontraram uma região já habitada por povos nativos, a quem os imigrantes denominavam de "indolentes e preguiçosos".

Considerando que os imigrantes alemães vieram ao Brasil de diferentes regiões da Alemanha, era comum que as colônias fossem formadas por alemães de diferentes origens. É possível verificar, por meio do quadro a seguir, retirado de Gregory (2013), os diferentes grupos étnicos de origem germânica que chegaram ao Brasil:

[12] Schneiders (2021, p. 39) destaca que "o governo brasileiro passou a se preocupar com a habitação dessa região, utilizando o termo 'vazio demográfico' para classificar a área, mesmo havendo ocupação esparsa do território, principalmente por caboclos e indígenas".

Quadro 2 – Origem dos grupos alemães do Brasil

Localidade	Fundação	Origem
São Leopoldo RS	1824	Hunsrück, Saxônia, Württemberg, Saxônia-Coburg
Santa Cruz RS	1849	Renânia, Pomerânia, Silésia
Santo Ângelo RS	1857	Renânia, Saxônia, Pomerânia
Nova Petrópolis RS	1859	Pomerânia, Saxônia, Boêmia
Teutônia RS	1868	Westfália
São Lourenço RS	1857	Pomerânia, Renânia
Blumenau SC	1850	Pomerânia, Holstein, Hannover, Braunschweig, Saxônia
Brusque SC	1860	Bade, Oldenburgo, Renânia, Pomerânia, Schleswig-Holstein, Braunschweig
Joinville SC	1851	Prússia, Oldenburgo, Schleswig-Holstein, Hannover, Suíça.
Curitiba PR	1878	Teutos do Volga
Santa Isabel ES	1847	Hunsrück, Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia
Santa Leopoldina ES	1857	Pomerânia, Renânia, Prússia, Saxônia

Fonte: Gregory (2013, p. 24)

A partir do quadro, concordamos com Gregory (2013, p. 10), ao destacar que a formação da população brasileira se caracteriza por “um processo de convivências, de conflitos, de intercâmbios, de influências, de resistências e de contribuições que interferiram nas negociações de identidades”, já que é notória a presença de alemães advindos de diferentes localidades, mas que se encontraram no “Novo Mundo”.

Com relação aos alemães vindos da região de *Hunsrück*, eles chegaram, primeiramente, à cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, e, posteriormente, seus descendentes migraram para as demais regiões do Sul do Brasil, bem como para os estados do Espírito Santo e Mato Grosso e para outros países da América do Sul: a Argentina, o Paraguai e a Bolívia. Os três estados do Sul do Brasil podem ser caracterizados, dentro das migrações, por dinâmicas diferentes. Para Gregory (2013, p. 19), o estado do Rio Grande do Sul caracteriza-se como um “estado expulsor de população e o Paraná como um estado receptor. Santa Catarina, por sua vez, expelia migrantes das áreas mais próximas do litoral e recebia migrantes mais a oeste do estado”.

O Extremo Oeste Catarinense foi colonizado por descendentes de alemães que fixaram residência, primeiramente, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. O grupo de imigrantes vindos dessa região era formado majoritariamente por católicos e

falantes de alemão. Além disso, as localidades de colonização alemã, majoritariamente, eram atendidas por padres jesuítas[13] (RAMBO, 2013).

Os alemães e seus descendentes primavam pelo trabalho e, a fim de ter mão de obra suficiente para o trabalho na lavoura, as famílias constituíam-se de um grande número de filhos com o objetivo de que seus sucessores ficassem em casa para trabalhar. Por causa dessa característica, os alemães foram responsáveis pela criação das colônias e sua estruturação muito antes da chegada de outros grupos de imigrantes (GREGORY, 2013).

A manutenção da língua alemã nas comunidades foi um dos símbolos mais representativos da formação histórica e cultural da região Sul. Segundo Willems (1946, p. 276),

> A condição fundamental para a constituição de comunidades linguísticas no Brasil foi o isolamento espacial das principais áreas de colonização. Quanto ao meio de comunicação verbal, não havia outro recurso senão a conservação do equipamento linguístico trazido do país de origem. Na situação nova que se deparava aos imigrantes, somente este idioma podia desempenhar as funções que normalmente uma língua exerce com relação à configuração cultural.

Conforme mencionado, a manutenção da língua era uma forma de resistência à identidade cultural dos imigrantes. Os alemães apresentavam um estilo de vida próprio e com características peculiares que se diferenciavam dos demais grupos. A cultura trazida foi perpetuada e permanece viva em muitos descendentes, seja na manutenção da língua, da música, da dança ou da comida típica. Possivelmente, o isolamento dos demais grupos (WILLEMS, 1946) e a falta de mobilidade teve como consequência a manutenção desses símbolos culturais.

Todos esses aspectos que remetem à cultura alemã são considerados símbolos da germanidade ou *Deutschtum* e refletem a identidade étnica do próprio imigrante e de seus descendentes. Percebemos que as comunidades colonizadas por alemães ainda apresentam essas características trazidas pelos descendentes, principalmente na arquitetura das casas (estilo enxaimel) e na manutenção das festas típicas alemãs, o que faz com que os moradores não percam e não esqueçam suas raízes.

---

[13] Padre Theodor Amstad (1851-1938) fundou a primeira cooperativa da América Latina e prestou assistência às colônias alemãs do Rio Grande Sul. Padre Maximiliano von Lassberg – Max von Lassberg – também foi um padre enviado para missões no Sul do Brasil. Segundo Jungblut (2015), veio para as colônias alemãs no Rio Grande do Sul para atuar como o pastor das almas.

Dada a importância da língua para os imigrantes colonizadores, inclusive na configuração cultural das colônias, na subseção a seguir, apresentamos a língua alemã trazida pelos descendentes.

1.3 A presença da língua alemã em Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí

O alemão falado nas três localidades é entendido como uma variedade linguística que se distancia consideravelmente do alemão padrão, falado na Alemanha. A língua falada na região do Extremo Oeste Catarinense é denominada, comumente, como hunsriqueano ou *Hunsrückisch*. A princípio, esse nome deriva da região de onde vieram os imigrantes, *Hunsrück*; contudo, Altenhofen e Morello (2018) destacam que já houve a identificação de pelo menos vinte tentativas para a explicação desse nome (SCHELLACK, 1975).

Apesar de os dados do "*Hunsrückisch*: Inventário de uma língua no Brasil" demonstrarem que em São João do Oeste os falantes se autodenominam como falantes de hunsriqueano, percebe-se, na convivência do dia a dia, que, muitas vezes, esses falantes desconhecem essa denominação.

Inicialmente, em nossa pesquisa preliminar, havíamos utilizado o termo "hunsriqueano" para denominar a língua falada pelos descendentes; contudo, destacamos que, nesta pesquisa, os entrevistados a denominaram apenas como "alemão" ou "*Deutsch/Deitsch*". Portanto, em respeito aos falantes e informantes e pela valorização da língua local, usaremos estas últimas formas para denominar a língua falada em Itapiranga, em São João do Oeste e em Mondaí. Segundo Habel (2017, p. 317), o nome *Hunsrückisch* não exclui, nem diminui os outros nomes (*Deitsch, Platt, Dialekt*).

Vale destacar, contudo, que nossa pesquisa não tem como foco central mensurar se o alemão falado na região do Extremo Oeste Catarinense é ou não *Hunsrückisch/*hunsriqueano ou um *Hochdeutsch* local. Inclusive, em algumas partes desta pesquisa, há a menção a outras pesquisas que tratam a língua falada nessa região como hunsriqueano. Entendemos que as denominações *Deutsch* ou *Deitsch* apresentam uma matriz de origem próxima ao hunsriqueano e a escolha dessas denominações é apenas para manter a relação com os informantes e a lealdade com a sua identidade linguística.

Sobre essas denominações, Altenhofen e Morello (2018, p. 40) mencionam que

> Enquanto as formas *Hunsrückisch, Hunsrück* são uma alusão ao *Hunsrück*, na Renânia Central, Alemanha, de onde provém um grupo significativo de imigrantes falantes dessa variedade, as formas mais genéricas *Deutsch e Deitsch (*pt. 'alemão') acentuam novamente a função de "língua de meio" que Altenhofen (2018) atribui a ela. *Deutsch* e *Deitsch* podem também refletir a perspectiva do olhar de fora, visto que para o brasileiro não habituado a toda essa variação, tudo se resume no termo alemão.

São relativamente recentes as pesquisas que escolhem por utilizar a denominação *Deutsch* e *Deitsch* no lugar de hunsriqueano. Encontramos essa denominação em Fornara (2019), Kaufmann (2019) e Horst e Krug (2020), os quais também analisam a região Oeste Catarinense. Nesse sentido, é importante que a denominação usada pelos próprios falantes seja utilizada, visto que estamos garantindo a visibilidade e a manutenção da própria identidade. Kaufmann, Horst e Krug (2022, p. 62) também ressaltam a importância de trazermos outras denominações para o alemão falado no Brasil. Assim, os autores apresentam que a denominação *Deitsch* refere-se à variedade do alemão falada pelas "famílias que migraram de São Leopoldo, Nova Petrópolis e Estrela (RS)". A denominação *Deutsch* é dada à variedade oral produzida pelos migrantes que vieram de Santa Cruz, Rio Pardo, Lajeado e, inclusive, da Alemanha.

A partir da relação entre as variedades *Deutsch/Deitsch,* elaboramos um contínuo mais *standard* (*Deutsch)* e outro mais dialetal (*Deitsch)*, a exemplo do quadro a seguir:

Quadro 3 – Contínuo linguístico do alemão

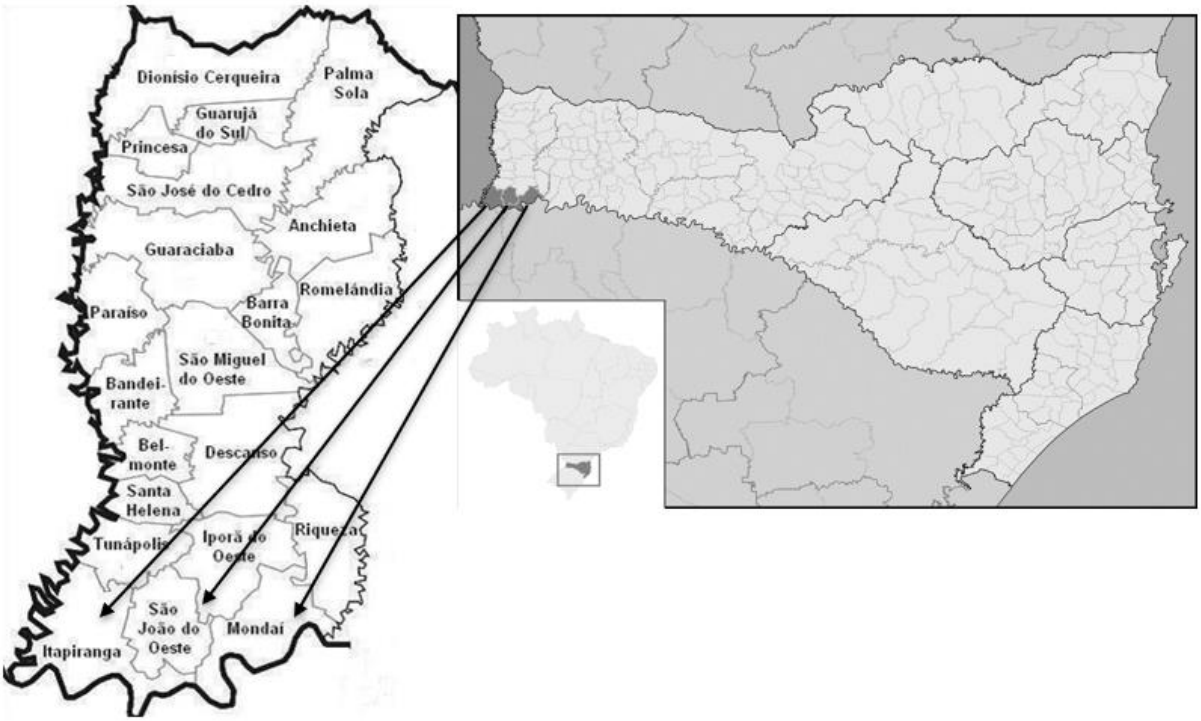
Contínuo	**Exemplo 1**	**Exemplo 2**
[+*standard*] *Hochdeutsch* *Deutsch* *Deitsch* Hunsriqueano **[+dialetal]**	Wahr (trad. Verdade)	Weißt du? (trad. Tu sabes?) Weiʃt tu? (trad. Tu sabes?)
	Woa (trad. Verdade)	Wees tu? (trad. Tu sabes?) Wees te? (trad. Tu sabes?)

Fonte: Elaboração da autora

O *Deutsch*/*Deitsch* é uma variedade oral[14], razão pela qual é utilizada na comunicação do dia a dia e no âmbito familiar. Destaca-se a forma *Deutsch* como sendo mais próxima ao alemão *standard* e *Deitsch* mais distante do alemão padrão e mais próximo à forma dialetal. Os falantes de São João do Oeste e Itapiranga se autodenominaram como falantes de alemão ou *Deitsch*, enquanto os falantes de Mondaí denominam-se como falantes de *Deutsch*. Prova disso é que uma informante de Mondaí menciona que as pessoas de São João do Oeste falam um alemão diferente do de Mondaí e que é, inclusive, difícil de entender.

As três localidades escolhidas para serem investigadas nesta pesquisa, Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, foram colonizadas por migrantes vindos do estado do Rio Grande do Sul. Esses colonizadores eram, em sua maioria, descendentes de alemães e tinham o objetivo de buscar uma vida melhor. Os três municípios estão localizados no Extremo Oeste Catarinense, como mostra o mapa a seguir:

Figura 1 – Mapa da região Extremo Oeste de Santa Catarina



Fonte: Adaptado de Abreu (2006)

[14] Apesar de não haver uma escrita "oficial", há tentativas, por parte do ALMA-H, de organizar e sistematizar uma escrita do Hunsriqueano, por meio do projeto ESCRITHU - "Sistema de Escrita do Hunsrückisch", coordenado pelo professor Cleo Vilson Altenhofen da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ver mais em: https://www.ufrgs.br/projalma/escrithu-sistema-de-escrita-do-hunsruckisch/

O Extremo Oeste Catarinense foi colonizado por empresas do Rio Grande do Sul, denominadas de Chapecó-Peperi Ltda., Companhia Territorial Sul Brasil e Barth, Denete e Cia Ltda e a entidade filantrópica denominada de *Volskeverein*. O município de Itapiranga foi colonizado em 1926 por meio da *Volksverein* ou Sociedade União Popular (SUP), quando empresários compraram a área correspondente a Porto Novo, que pertencia à Empresa Chapecó-Peperi Ltda. O *Volksverein* foi uma organização criada em 1912 no Rio Grande do Sul. Os moradores eram descendentes de alemães, vindos do Rio Grande do Sul e de religião predominantemente católica. O *Volksverein* tinha como objetivo principal “reunir os alemães para preservar os bons costumes, a cultura, a religião católica” (JUNGBLUT, 2000, p. 46).

Primeiramente, a Sociedade União Popular não tinha a finalidade de colonizar terras; contudo, vendo os bons resultados obtidos, a SUP permitiu a compra de terras para formar uma colônia somente de alemães e de preferência de religião católica (JUNGBLUT, 2000). Essas colônias atraíram muitos agricultores vindos do Rio Grande do Sul, a exemplo da Colônia Porto Novo, que englobava os municípios de Itapiranga e São João do Oeste e que, à época, pertencia à cidade de Chapecó (SC).

A emancipação político-administrativa do município de Itapiranga aconteceu em 1926, com a visita de Adolfo Konder, à época, governador do estado. Atualmente, Itapiranga tem 17.007 habitantes (dados do IBGE, 2010) e o município se destaca na cultura alemã, principalmente, pelos grupos de dança folclórica, pelas comidas típicas, pelo turismo rural e pelo título de “Berço Nacional da *Oktoberfest*”, festa realizada durante o mês de outubro desde o ano de 1978. O estilo germânico pode ser observado no pórtico da cidade:

Figura 2 – Pórtico de Itapiranga (SC)

Fonte: Site da prefeitura municipal de Itapiranga (2021)

Assim como Itapiranga, São João do Oeste também foi colonizada pela *Volksverein* e fez parte da Colônia Porto Novo. Atualmente, o município tem 6.402 habitantes (dados do IBGE, 2010), sendo, em sua maioria, descendentes de alemães e de religião católica. O município carrega o título de Capital Catarinense da Língua Alemã[15], pelo fato de 92,9% de os moradores falarem e 94,7% entenderem a língua alemã. A cultura alemã está presente no município por meio de festividades típicas, danças folclóricas, nas placas dos estabelecimentos e, principalmente, na decoração da cidade, conforme apresentamos na figura a seguir:

[15] Estes dados foram coletados pelas agentes de saúde do município durante as visitas domiciliares e, por isso, não se sabe ao certo de que forma essa pesquisa foi realizada.

Figura 3 – Pórtico de São João do Oeste (SC)

Fonte: Prefeitura de São João do Oeste (2021)

Já o município de Mondaí foi colonizado a partir de 1922 e, à época, foi denominado de Colônia Porto Feliz pela empresa Chapecó-Peperi Ltda. O objetivo era tornar Porto Feliz uma colônia homogênea, habitada somente por moradores luteranos. Contudo, desde o início da colonização, chegaram a Porto Feliz moradores de diferentes religiões, fazendo com que esse princípio tivesse de ser abandonado. Eidt (2009, p. 147), em uma das suas obras, apresenta a história de Porto Novo por meio de uma narrativa. Em certo momento, faz alusão à situação vivenciada entre os moradores de Itapiranga/Porto Novo e os moradores de Mondaí/Porto Feliz por meio de uma conversa entre dois personagens:

> - Grande parte das coisas que compramos na ‘venda’ tem sua origem na colonização de Porto Feliz. E acrescentou: - Aquele lugar passou a ser chamado de Mondaí, e as pessoas de lá não gostam dos católicos daqui.

Nesse trecho, percebe-se que há uma linha tênue entre a ficção e a realidade. Wolschick (2016, p. 25), com base em Jungblut (2000), destaca que Mondaí é um município que possui características heterogêneas bem demarcadas. A partir dos túmulos do cemitério, verifica-se, segundo a autora, as diferentes etnias e crenças religiosas presentes. O que chama a atenção é que, ao lado direito, descansam os

evangélicos, e ao lado esquerdo, os católicos (WOLSCHICK, 2016). Atualmente, o município tem 11.889 habitantes (dados do IBGE, 2010) e a presença da cultura alemã é marcada nas decorações e na arquitetura do município, como a enxaimel ou *Fackwerk*. Na figura a seguir, apresentamos o Museu Municipal Pastor Karl Ramminger[16], que existe desde 1992 e apresenta a história do município de Mondaí:

Figura 4 – Museu Municipal de Mondaí – SC

Fonte: Página “Museu Municipal de Mondaí ‘Karl Ramminger’” (2021)

Meyer (2009), com base em Altenhofen (2009), menciona que, no município de Mondaí, há a presença de duas variedades dialetais: uma variedade mais próxima ao alemão-padrão e falada na zona urbana, denominada de variedade *Deutsch* /ɔy/, e outra denominada *Deitsch* /ɑɪ/. Em Itapiranga e São João do Oeste também há a presença dessas duas variedades dialetais, mas o que predomina é a variedade mais dialetal, denominada de *Deitsch.*

Por meio da observação e também de outras pesquisas realizadas nessas localidades (RUSCHEINSKY, 2014; WOLSCHICK, 2016), evidenciamos que há situações de contato linguístico em Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí. A presença das duas línguas nessas localidades também fez com que as escolas ofertassem a língua alemã em seu currículo. Em Mondaí e em São João do Oeste, o alemão-padrão ou *Hochdeutsch* é ensinado nas escolas municipais desde os

[16] O museu leva esse nome pelo fato de a família de Paul Ramminger ser uma das primeiras a chegar ao município.

primeiros anos escolares, e em Itapiranga, é ofertado nas escolas estaduais durante o ensino médio. Apesar de o alemão-padrão ter características estruturais diferentes do alemão falado nessas localidades, consideramos que a oferta da língua alemã no currículo escolar é um grande avanço para o ensino local, já que, por meio do ensino da língua alemã, os estudantes conseguem aprimorar o seu conhecimento prévio, fazendo com que não percam o contato com a língua de origem.

Ao observarmos as localidades da pesquisa, percebemos que tanto o português quanto o alemão estão presentes na fala dos mais jovens. Contudo, como os mais jovens têm acesso à escola e universidade, por vezes, o português acaba por ocupar um espaço maior, e o alemão fica restrito às situações de uso familiar. Nesse sentido, para que possamos compreender teoricamente as questões aqui abordadas e compartilhadas pelas comunidades da pesquisa, na próxima seção, apresentamos as teorias que fundamentam o estudo do bilinguismo.

1.4 O bilinguismo alemão-português

Destacamos, com base em Calvet (2002) e Grosjean (2012), que no mundo existem cerca de 5.000 línguas para 193 países. A partir dessa constatação, é evidente que existem mais línguas que países. Por isso, muitos países são caracterizados como plurilíngues, sendo as situações de monolinguismo quase uma exceção. Calvet (2002, p. 35) entende que “o mundo é plurilíngue”, e, para Grosjean (2012), metade da população ou mais é bilíngue.

O Brasil possui cerca de 330 línguas (274 indígenas e 56 de imigração); porém, infelizmente, ainda é comum a visão errônea de que se trata de um país monolíngue[17]. Segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 42), essa visão, que ainda prepondera na fala de muitos brasileiros, demonstra o monolinguismo como “situação normal, legítima e legitimadora”, apesar de a existência de localidades realmente monolíngues ser quase impossível, dado o número de línguas existentes em relação ao número de países.

[17] Essa visão é extremamente preconceituosa e conservadora. Possivelmente seja uma consequência da Era Vargas, ao adotar a política de nacionalização e proibir o uso de outras línguas. Na época, havia uma placa com a seguinte informação: “É proibido falar os idiomas Alemão, Italiano e Japonês. No Brasil fala-se somente o português. Os infratores serão punidos com todo o rigor da lei”. Disponível em: http://nacaomestica.org/blog4/wp-content/uploads/2018/03/29365458_1845927802125603_8771894888699527168_n.jpg

O conceito e a definição do indivíduo bilíngue ainda geram muitas discussões e dúvidas. Fazendo um percurso histórico, chegamos à definição feita por Bloomfield (1933), que compreendia que o indivíduo bilíngue deveria ser o falante nativo; ou seja, só era considerado bilíngue aquele que fosse nativo em duas línguas e sabia se comunicar bem nessas duas línguas. Mais adiante, Haugen (1953) entende que só era bilíngue aquele que fosse capaz de produzir frases, com sentido, em duas línguas.

Diferentemente desses estudiosos, Mackey (1972, p. 555) considerou o bilinguismo como um fenômeno relativo, definindo-o como "o uso alternado de duas ou mais línguas pelo mesmo indivíduo"; além disso, o autor entende que é impossível determinar o momento em que um falante de uma segunda língua se torna bilíngue.

O bilinguismo deve ser considerado um fenômeno relativo. Concordamos com a definição de Grosjean (2012, p. 05), que também se aproxima da definição de Mackey (1972), ao expor que o bilinguismo deve ser entendido como "o uso de duas ou mais línguas (ou dialetos) na vida cotidiana"[18], não sendo possível, portanto, mensurar o grau de bilinguismo de um indivíduo, pois as línguas podem ser utilizadas com diferentes objetivos e em diferentes circunstâncias, não havendo necessidade de ser fluente em todos os níveis.

A partir do momento que um indivíduo utiliza duas ou mais línguas em seu cotidiano, já é possível identificar um grau de bilinguismo, mesmo que a segunda língua tenha sido aprendida somente na vida adulta. Grosjean (2012) destaca que é um mito considerarmos que só é bilíngue aquele que aprendeu as duas línguas na infância, pois muitos indivíduos adquirem outras línguas já na adolescência ou até mesmo na vida adulta.

As comunidades do Sul do Brasil, apresentadas nas primeiras seções desta pesquisa, revelam situações de contato linguístico, principalmente entre o português e as línguas de imigração, e muitos desses indivíduos são considerados bilíngues por terem conhecimento e usarem essas duas línguas no cotidiano. Muitos desses falantes aprenderam o alemão em casa, junto a seus familiares, enquanto o português foi aprendido na escola.

[18] Tradução nossa. No original: "*as the use of two or more languages (or dialects) in everyday life*".

Os dados do Inventário do *Hunsrückisch* como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI)[19] mostram que, de 188 informantes entrevistados em Itapiranga e São João do Oeste, 144 falam alemão. Nesse sentido, a presença das duas línguas nessas localidades acarretou uma situação de bilinguismo. Em Mondaí, Wolschick (2016), em sua pesquisa com relação ao bilinguismo, demonstrou que os informantes têm uma boa compreensão auditiva do alemão, mas consideram que falam melhor o português.

Os municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí, localidades desta pesquisa, trazem o contato linguístico entre o português e o alemão, evidenciando, nos indivíduos, moradores dessas localidades, situações de bilinguismo. Para Weinreich (1979), o contato linguístico é um dos aspectos da cultura em contato. Destacamos que os descendentes desses imigrantes ainda preservam muitas características da própria cultura alemã, o que os torna, como mencionado por Grosjean (2012), biculturais, que é uma das características dos imigrantes e de seus descendentes.

Em se tratando de indivíduo bilíngue e das comunidades de pesquisa investigadas, é necessário destacar que pelo menos uma das línguas foi aprendida no âmbito familiar, o que é característico do bilinguismo. Pelo fato de os falantes utilizarem as duas línguas, tanto o português como o alemão, é comum que ocorra mistura entre as duas línguas (*code-mixing)* ou até mesmo alternância (*code-switching),* considerados processos naturais, visto que há dois sistemas linguísticos distintos se relacionando. Além desses processos, pode vir a ocorrer processos de transferência de uma língua para outra, que podem ser fonéticas, lexicais e sintáticas, como veremos na seção a seguir.

1.5 Transferências linguísticas

O fenômeno de transferência[20] implica uma relação de bilinguismo e de línguas em contato, ou seja, a transferência de línguas só acontece quando há duas ou mais línguas envolvidas. Por isso, as línguas em contato e o bilinguismo relacionam-se intimamente a esse fenômeno. Para Weinreich (1979), existem três tipos de

[19] O material está disponibilizado de forma gratuita no seguinte *link*: https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2014/08/eBook_Livro-do-Invent%C3%A1rio-do-Hunsr%C3%BCckisch_2018-1.pdf. Acesso em: 20 ago. 2022.

[20] Escolhemos transferência e não interferência pelo fato de o termo “interferência” trazer uma ideia de influência negativa.

transferência: as fônicas, as sintáticas e as lexicais. Quanto às fônicas, o autor traz como exemplo a dificuldade que os brasileiros têm em realizar a distinção entre as vogais breves e longas no inglês, como em *sheep e ship.* Em relação às transferências sintáticas, destaca a organização da estrutura de uma frase usando as regras sintáticas da língua A na língua B. As transferências lexicais referem-se ao uso de falsos cognatos, ou seja, utilização de uma palavra na língua A que tem um sentido totalmente diferente na língua B.

A transferência acontece quando um indivíduo bilíngue transfere sua língua materna para a língua-alvo. Os falantes "baseiam-se no conhecimento que têm de sua língua materna para compreender como a língua estrangeira é estruturada – seja no nível fonológico, sintático, semântico ou pragmático" (ZIMMER, 2003, p. 59). Para Gewehr-Borella e Zimmer (2009, p. 4096) com base em Macwhinney (2007),

> essas transferências ocorrem devido ao sistema neurolinguístico já entrincheirado nas redes neuronais que o aprendiz traz consigo para a aquisição da nova língua. Ao aprender uma L2, o aluno sempre irá buscar na sua língua mais entrincheirada as características necessárias para a formação estrutural desta língua.

A partir do termo "entrincheirado", apresentado na citação, destacamos que qualquer indivíduo que aprende uma segunda língua, acaba buscando o sistema mais forte, resultante da sua primeira língua.

Geradas de forma inconsciente, as transferências fonético-fonológicas estão relacionadas diretamente com a fala. O falante utiliza as regras e os padrões estabelecidos em sua L1 (língua materna) na produção da L2 (língua alvo).

Com relação aos falantes bilíngues que possuem o alemão como língua materna, esses, ao aprenderem o português, buscam os padrões estabelecidos na sua L1, no caso, o alemão, ao falarem a L2, o português. Por isso a troca das consoantes surdas e sonoras serem comuns entre os falantes, pelo fato de ser um padrão exclusivo e característico do alemão (L1) e não do português (L2).

A transferência fonético-fonológica das consoantes, comumente conhecida entre os falantes como "troca de letras", é um fenômeno estigmatizado. Ao observar os falantes no convívio diário, percebemos que aqueles que realizam as consoantes de forma "trocada", ou seja, que produzem uma consoante oclusiva ou fricativa sonora em lugar de uma surda, tem sua fala caracterizada como "de colono" ou "do interior". Por isso, os mais jovens, aparentemente, têm tido uma monitoração maior com

relação a essa transferência, o que já foi demonstrado pelos estudos de Gewehr-Borella (2014) com relação à mudança em progresso do fenômeno de variação de sonorização e de dessonorização, já que não está mais presente na fala dos mais jovens.

Considerando o processo de transferência como uma característica do bilinguismo, entendemos que o bilinguismo deva ser considerado como um fenômeno relativo, ao destacar que existem graus de bilinguismo e não bilinguismo ideal ou perfeito, em que o falante precisa ser fluente em todos os níveis. Muitos dos bilíngues em alemão-português carecem de fluência de leitura e/ou escrita, principalmente pelo fato de a variedade alemã ser predominantemente oral.

A partir do exposto, foi possível compreender, portanto, que não podemos considerar os falantes do Extremo Oeste Catarinense como não bilíngues ou que possuem um nível inferior de bilinguismo pelo fato de realizarem transferências de sua língua materna para a língua-alvo. Compreendemos que a transferência seja um fenômeno natural característico do contato linguístico e do bilinguismo.

Diante do exposto, na próxima seção, damos destaque aos estudos linguísticos a partir da Sociolinguística, área de estudo que relaciona língua e sociedade e, a partir da Dialetologia, entendida como a ciência geral da variação linguística.

2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ESPAÇO SOCIAL

A variação linguística é inerente às línguas e motivada por fatores internos e externos a ela. Embora esses conceitos não se separem, as teorias linguísticas, sobretudo a Sociolinguística e a Dialetologia, tratam a língua, metodologicamente, de forma distinta. Por isso, descrevemos e apresentamos considerações sobre a língua como objeto de estudo da Sociolinguística, para, na sequência, contrastar com os estudos da Dialetologia.

2.1 A língua como objeto de estudo da Sociolinguística

Com a publicação do livro “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, em 1916, organizado pelos seus discípulos Bally e Sechehaye, Saussure inaugura o que se pode chamar de Linguística Moderna. A corrente predominante dessa época era a estruturalista e Saussure considerava a língua como um sistema estruturado e organizado. A língua foi definida como “um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias [...] constitui algo adquirido e convencional” (SAUSSURE, (2006 [1916], p. 17).

A partir da década de 1960, sob a influência do gerativismo de Noam Chomsky, a língua passa a ser vista como um sistema de princípios universais. A língua é concebida como uma forma abstrata e fora do contexto histórico-social. Além disso, busca-se, a partir dos estudos gerativistas, analisar um falante-ouvinte ideal de uma comunidade completamente homogênea.

Em ambas as correntes, tanto no estruturalismo quanto no gerativismo, a língua é tratada fora do seu contexto de uso, o que foi passível de muitas críticas. A crítica deu-se pelo fato de essas correntes, principalmente o estruturalismo, além de terem uma concepção de língua homogênea, “não oferecerem nenhum meio efetivo para constituir uma comunidade de fala a partir de vários idioletos, nem sequer para representar o comportamento de um único falante com diversos idioletos à sua disposição” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 87).

Além disso, na Linguística do século XX, também não havia espaço para a variação e mudança linguística, nem mesmo para a avaliação social das variantes (LABOV, 2008[1972]).

Pela necessidade de trazer questões relacionadas aos aspectos externos à língua, as pesquisas começaram a articular-se com os estudos sobre a sociedade, daí a denominação de “Sociolinguística”, ao entender que a língua é um fato social. A corrente sociolinguística teve seu início na década de 60, sendo o objetivo principal romper com as ideias estruturalistas da época. Nesse sentido, a Sociolinguística surge nos Estados Unidos por meio da conferência de William Bright, em Los Angeles, e também com as publicações de Gumperz, Labov e Hymes.

William Labov, em 1963, é quem inaugura os estudos da Sociolinguística, ao analisar o inglês falado na ilha de *Martha’s Vineyard* em Massachusetts, nos Estados Unidos. Labov (2008[1972]) defende que o termo “sociolinguística” seja redundante porque entende que não existe língua separada de seu contexto social, nem mesmo uma teoria que não seja social. Os estudos de Labov surgiram como uma nova proposta de estudo da língua. Sua proposta consiste em uma reação ao modelo de Saussure, ao defender que a língua é um sistema heterogêneo e que possui regras variáveis. Suas ideias fundem-se a uma nova teoria, denominada de Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Laboviana.

Considera-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística como uma das vertentes da Sociolinguística e as pesquisas que se utilizam dessa teoria como aporte teórico analisam os dados quantitativamente, com o objetivo de estudar a variação da língua dentro de seu contexto de uso: a comunidade de fala. Nesse sentido, é possível denominá-la também de “Sociolinguística Quantitativa” (COAN; FREITAG, 2010), por “operar com números e tratamento estatístico dos dados” (TARALLO, 2005, p. 08).

A proposta de Weinreich, Labov e Herzog, doravante WLH, denominada Teoria da Variação e Mudança Linguística demarca o início dos estudos sobre variação e mudança linguística e indica a ruptura das concepções vigentes, principalmente ao modelo estruturalista. Assim, a língua passa a ser vista como “um sistema heterogêneo ordenado, condição *sine qua non* para o estudo da mudança linguística” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 133).

A heterogeneidade e a variabilidade são inerentes às línguas, sendo possível exibir uma unidade em meio à heterogeneidade (MOLLICA, 2004). WLH (2006) consideram a heterogeneidade ordenada e sistemática, com um sistema de organização pleno, o que faz com que todos os falantes, mesmo com suas diferenças linguísticas, consigam se comunicar.

A variação linguística, de acordo com Mollica (2004, p. 10), “constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas variantes”. As variantes linguísticas, segundo Tarallo (2005, p. 08), “são as diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Desse modo, tanto a variação quanto a mudança ocorrem de forma contextualizada, condicionada por fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

As variáveis extralinguísticas podem, segundo Moreno Fernández (2009, p. 40), “determinar a variação até onde permite o sistema da língua e demonstram como certas variáveis linguísticas, internas, podem incidir na aparição de determinadas variantes de uma variável determinada”.[21] Fatores ou dimensões como a localidade/dimensão diatópica, classe social/dimensão diastrática, sexo/dimensão diassexual, faixa etária/dimensão diageracional, são alguns dos condicionadores que interferem no uso de determinadas variantes em uma comunidade de fala.

A variação linguística é sempre condicionada por algum tipo de fator, seja ele extralinguístico ou intralinguístico. Esses condicionadores são os responsáveis por organizar a variação a partir de determinadas situações. Por isso dizemos que não é tudo, dentro da língua, que varia. Há, na variação linguística, uma organização e um sistema que é condicionado por diferentes fatores. Os condicionares, portanto, organizam e delimitam quais os contextos que são propícios e favoráveis para a variação ocorrer.

Para Moreno Fernández (2009, p. 21), “a língua se manifesta de modo variável. Com isso, entende-se que os falantes recorrem a elementos distintos para expressar coisas distintas[22]”. Muitas vezes, a variação é utilizada por um mesmo falante que, em dadas situações, utiliza diferentes variantes, como é o caso da variação de “tu” e “você”, pronomes que, independentemente da situação, indicam segunda pessoa do singular. Considera-se, nessas situações, um caso de variação estável.

WLH (2006, p. 126) afirmam que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”, isto é, toda mudança pressupõe variação, mas nem toda variação

---

[21] Tradução nossa. No original: “*son capaces de determinar la variación hasta donde lo permite el sistema de la lengua, y queda ilustrado cómo unas variables lingüísticas, internas, pueden incidir en la aparición de tales o cuales variantes de una variable determinada”.*

[22] Tradução nossa. No original: “*la lengua es variable y se manifieste de modo variable. Con esto se quiere decir que los hablantes recurren a elementos lingüísticos distintos para expresar cosas distintas, naturalmente”.*

indica mudança, pelo fato de que duas variantes podem conviver de forma harmoniosa durante muito tempo, como é o caso de “tu” e “você”, mas, pode ocorrer mudanças, como no caso do processo de “vossa mercê” para “você”.

Podemos dizer, portanto, que algumas variantes têm, dentro da comunidade de fala, mais prestígio que outras. Todas as variantes estão em um campo de batalha, convivendo em concorrência, e são, de acordo com Tarallo (2005), classificadas em variantes padrão ou conservadoras *versus* variantes não padrão ou inovadoras. As variantes conservadoras gozam de maior prestígio na comunidade, enquanto as inovadoras geralmente são mais estigmatizadas.

O julgamento das variantes é tratado pela Sociolinguística Laboviana como a avaliação social. A avaliação é dividida em três categorias, que são denominadas de indicadores, marcadores e estereótipos. Labov (2008 [1972], p. 360) destaca que os indicadores são “traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística”. Os marcadores exibem estratificação estilística e social e podem estar abaixo do nível da consciência. Por último, o estereótipo é um traço linguístico feito conscientemente pelos próprios falantes, considerado por Labov (2008 [1972) como uma “força socialmente marcada”.

Nas comunidades pesquisadas, a troca das consoantes surdas por sonoras e vice-versa é uma marca dos falantes bilíngues e pode ser considerada como um caso de variação em progresso e, inclusive, propensa à mudança. Considerando a avaliação social dessas variantes, destacamos que esta pronúncia, possivelmente, é considerada um estereótipo positivo para os grupos com faixas etárias maiores, enquanto para os mais jovens, é um estereótipo negativo, já que tendem a estigmatizar o seu uso. Inclusive, muitos humoristas, ou qualquer pessoa que queira imitar a fala de um descendente de alemão, realiza a troca das consoantes para marcar a característica da fala (cf. Albino Wallsmaia[23] / Willmutt).

A partir dessas considerações, destacamos que a língua deve ser entendida e analisada dentro do seu contexto de uso ou comunidade de fala. Assim como a Sociolinguística, a Dialetologia também analisa a variação linguística, mas em um âmbito horizontal, que será explicado no tópico a seguir.

[23] “Ticionário do Alemón” (Albino Wallsmaia). Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=hTSLZ-PS_Qc

2.2 A língua como objeto de estudo da Dialetologia

Os estudos dialetológicos iniciam-se em dois momentos distintos. Na Alemanha, destaca-se o levantamento de dados da língua alemã, realizada por Wenker, ao final do século XIX e o levantamento de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), obra organizada por Gillierón e Edmont e publicada em Paris, de 1902 a 1910. Para Cardoso (2010, p. 44), a obra de Gillierón marca o início da aplicação do método da geografia linguística, entendida como "o ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados" (CARDOSO, 2016, p. 12).

A Dialetologia se mostra necessária pelo fato de sistematizar os dados e demonstrar as diferentes realidades linguísticas e dialetais presentes no espaço geográfico, por meio de atlas linguísticos. Para Alvar (1961), a geolinguística é um método dialetológico e comparativo que registra diferentes formas linguísticas em mapas específicos para esse fim e as formas linguísticas são comprovadas por meio de pesquisa científica em rede de pontos.

Focada apenas no âmbito do espaço geográfico e, portanto, Monodimensional, a Geolinguística, método da Dialetologia Tradicional, "consiste em apresentar os dados linguísticos sob a forma de mapa ou carta geográfica, distribuídos por pontos espacialmente identificados" (CARDOSO, 2016, p. 117).

Inicialmente, os estudos linguísticos no âmbito da Dialetologia Tradicional, utilizavam uma metodologia que restringia as dimensões extralinguísticas. Por esse motivo, denominou-se Dialetologia Monodimensional, pelo fato de as análises serem baseadas somente em uma dimensão – a diatópica/localidade. Inclusive, buscavam-se informantes que apresentassem as seguintes características: homens adultos, moradores da zona rural, analfabetos e sedentários, o que corresponde à sigla HARAS (ZÁGARI, 2005). Entendia-se que esses falantes apresentavam o vernáculo, ou seja, por não terem muito contato com o mundo "exterior", apresentariam a língua tal como ela é, mais "pura". Chambers e Trudgill (2004, p. 47), denominam como NORMs os informantes com essas características: *nonmobile older rural males*[24]*.* Esses, portanto, apresentariam "o dialeto mais genuíno", nas palavras dos autores.

[24] Tradução nossa: homens velhos moradores da zona rural e sem mobilidade.

Trazemos, como exemplo de pesquisa monodimensional, o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), sendo seu primeiro volume publicado em 2002. Muito embora não tenha sido o primeiro[25] atlas publicado, a metodologia utilizada na estratificação dos dados apresenta-se como Monodimensional, pelo fato de as entrevistas terem sido realizadas com um informante do sexo masculino, morador da zona rural e com baixa escolaridade.

Uma das pesquisas mais recentes, a saber, o Atlas Linguístico do Brasil – ALIB, publicado em 2014, já apresenta mudanças em sua metodologia, principalmente pelo fato de trazer variáveis sociais como idade, sexo e escolaridade. Os dois volumes publicados apresentam e descrevem a realidade linguística do Brasil, pautando a análise linguística com base em diferentes fatores extralinguísticos.

A perspectiva Pluridimensional, que apresenta diferentes dimensões na análise das variáveis, é apontada por Thun (2009) como um modelo que é capaz de descrever a história da língua, bem como a realidade das formas linguísticas que ocorrem em determinadas regiões. A relações das variáveis sociais juntamente ao espaço geográfico é o ponto-chave da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que se apresenta de forma inovadora pelo fato de considerar diversas dimensões em um espaço geográfico relativamente amplo. Essas e outras inovações são exemplificadas na subseção a seguir.

2.3 A inovação da Dialetologia Pluridimensional e Relacional

Os estudos dialetais, marcados, inicialmente, pela Geolinguística Monodimensional, passam por avanços e inicia-se uma nova metodologia, a da Geolinguística Pluridimensional, também denominada de Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998; RADTKE; THUN, 1996), definida como “a ciência geral da variação linguística” (THUN, 2010, p. 01). Para Thun (2005, p. 533), precursor da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a Geografia Linguística “é a disciplina que foi encarregada de registrar, num espaço mais ou menos extenso, a coexistência de formas entre as quais o grupo de falantes faz a escolha de uma “candidata” eleita para substituir uma forma velha”.

[25] No Brasil, o Atlas Prévio dos Falares Baianos, primeiro atlas publicado, apresentou informantes homens e mulheres, com idades entre 25 e 60 anos. Publicado em 1963, contou com uma rede de pontos de 50 localidades e teve como objetivo mapear a área baiana dos falares baianos.

Com base em Thun (1998), podemos dizer que, historicamente, a Dialetologia era considerada Monodimensional, ou areal, pois considerava somente uma dimensão linguística, a arealidade, ou seja, a localidade, sem levar em consideração aspectos como idade, sexo/gênero, escolaridade, fatores importantes e considerados pela Sociolinguística.

Desse modo, a Sociolinguística, separada da Dialetologia Monodimensional, considerava os fatores extralinguísticos (sexo/gênero, escolaridade, idade), porém, em apenas uma comunidade de fala. Houve a necessidade de ambas se juntarem para que a língua pudesse ser analisada no espaço geográfico e a partir de diferentes dimensões extralinguísticas.

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional analisa as variedades linguísticas, os dialetos e as variedades em contato a partir de diferentes dimensões (pluridimensionalidade) em uma ampla rede de pontos. Ela se assemelha aos preceitos da Sociolinguística, por considerar a língua e as suas variedades dentro do espaço social, analisando-a como um sistema heterogêneo dotado de variação.

Considerando que o objeto de estudo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional são as variedades linguísticas, os dialetos e as variedades em contato, entendemos que o dialeto é uma variedade linguística, subordinada a uma língua superior. Coseriu (1982, p. 16) afirma que “ninguém fala ‘o espanhol’ (todo o espanhol, ou seja, ao mesmo castelhano, asturiano-leonês, navarro-aragonês, etc.), o que se fala é sempre alguma forma determinada do espanhol”[26]. Contudo, atualmente, pelo estigma que o termo “dialeto”[27] carrega, é preferível substituí-lo por “variedade linguística”.

Além de a Dialetologia considerar as variedades linguísticas mistas, ou seja, as que estão em contato com outras línguas de imigração, ela também inovou quanto a sua perspectiva metodológica, que passou a trazer a “pluralidade de informantes”. Diferentemente da Sociolinguística, a partir da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, as entrevistas passam a ser realizadas com mais de um informante, de preferência um homem e uma mulher, pois, de acordo com Thun (1998), o uso dessa metodologia faz com que tenhamos um aumento na representativa dos dados, além

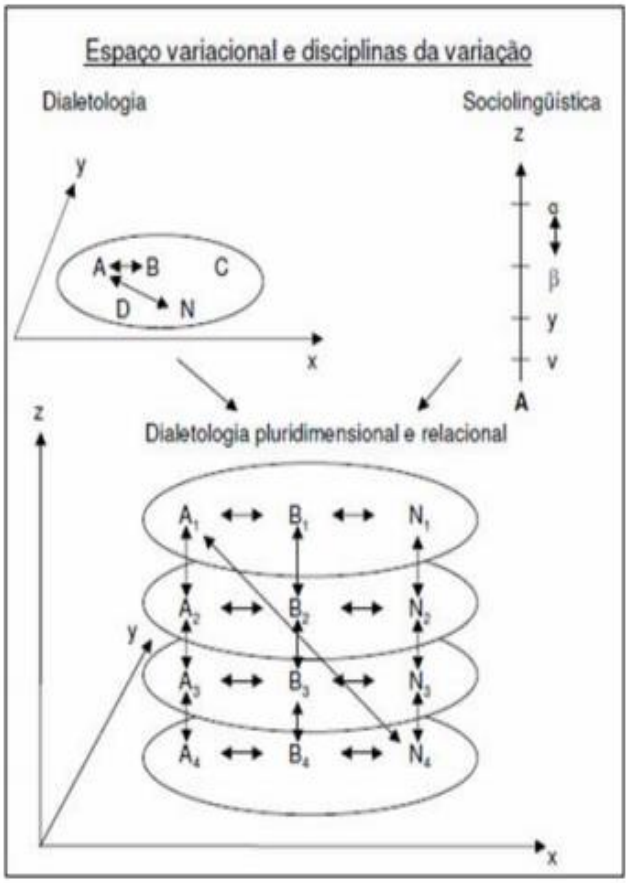
[26] Tradução nossa. No original *“nadie habla ‘el español’ (todo el español, o sea, al mismo tiempo, castellano, asturiano-leonés, navarro-aragonés, etcétera); lo que se habla es siempre alguna forma determinada del español”.*

[27] Os falantes tendem a utilizar o termo “dialeto” para referir-se a uma língua errada.

de proporcionar dados metalinguísticos (conversas sobre a língua que também podem ser analisados).

Para Thun (1998, p. 704), “a superfície bidimensional horizontal da Dialetologia e o eixo vertical da Sociolinguística formam juntas o espaço variacional tridimensional da Dialetologia Pluridimensional e Relacional”, como apresentado no esquema a seguir:

Figura 5 – Esquema do espaço variacional



Fonte: Thun (1998, p. 705)

A partir da figura, é possível entender que a Dialetologia é também denominada de Relacional ou Contatual pelo fato de analisar as relações de todos os tipos, como, por exemplo, “os que unem os pontos da mesma superfície, num mesmo eixo, os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície e as relações entre pontos diagonais” (THUN, 2005, p. 68).

Os princípios da Dialetologia combinados com os da Sociolinguística, “podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos

fatores que determinam sua evolução" (BRANDÃO, 1991, p. 12). O principal campo de observação da Dialetologia não é somente o dialeto puro, considerado o vernáculo, sem variação, mas, sim, as variedades mistas, os fenômenos em contato, além das variedades minoritárias.

O objetivo da Dialetologia é "expandir o marco da percepção dos dados em variação e resgatar certos fenômenos do desaparecimento" (THUN, 1998, p. 707). Além disso, busca analisar as variedades a partir de diferentes dimensões (pluridimensional), bem como relacionar todas as dimensões entre si (relacional/contatual).

A seguir, apresentamos o quadro com algumas das dimensões que possibilitam a análise da língua, a partir da pluridimensionalidade:

Quadro 4 – Dimensões de análise

Dimensão	Parâmetro
1. Dialingual	Presença de duas ou mais línguas.
2. Diatópica	Topostático: informantes que tenham residência fixa na localidade que são pontos de inquérito.
3. Diatópica-cinética	Topodinâmico: informante que tenha mudado recentemente de residência.
4. Diastrática	Classe sociocultural com base na escolaridade: classe alta (ensino superior) e classe baixa (ensino médio incompleto).
5. Diageracional	Idade: geração mais velha (GII, acima de 55 anos) e geração mais jovem (GI, entre 18 e 36 anos).
6. Diassexual	Homens e mulheres.
7. Diafásica	Estilo: Leitura, resposta ao questionário e conversa livre.
8. Diarreferencial	Diferença entre língua-objeto, forma apresentada e metalinguagem.

Fonte: Thun (2010 [adaptado])

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional também prevê os resultados dos dados expostos em cartas linguísticas[28] ou em mapas pluridimensionais. Com relação aos dados cartográficos, esses exibem, de acordo com Cardoso (2016, p. 20),

> a realidade coletada numa dada região, fornecendo aspectos dos usos correntes na área, os quais podem ser vistos não apenas como um retrato da língua naquele momento e naquela área, mas como indicadores de mudanças que se esboçam, de comportamentos linguísticos típicos de áreas, de usos que se especificam conforme o

[28] Pelo fato de as cartas linguísticas geralmente apresentarem um grande número de pontos, utilizamos o termo "cartograma", pois estamos apresentando os dados somente em três localidades de pesquisa.

> tipo de falante, de interferências no léxico, possivelmente atreladas a transformações na ordem político-econômica do país, de denominações que interpretam e reproduzem um profundo entrosamento com a realidade cultural, enfim, como a língua nos seus "caprichos" vincula o falante a sua terra e lhe impõe as marcas da sua identidade.

A partir da materialização dos dados em mapas, é possível verificar a realidade linguística vivenciada nas localidades, além de apresentar os fatores extralinguísticos envolvidos na realização de determinado fenômeno, porque "a apresentação cartográfica põe lado a lado a informação diatópica e a informação sociolinguística" (CARDOSO, 2010, p. 19).

Considerando as características da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, em comparação à Dialetologia Monodimensional, apresentamos um quadro com as principais diferenças entre elas e como a Dialetologia Pluridimensional e Relacional apresenta-se inovadora frente às pesquisas linguísticas:

Quadro 5 – Dialetologia Monodimensional x Pluridimensional e Relacional

Dialetologia Monodimensional	**Dialetologia Pluridimensional e Relacional**
Preferência por áreas rurais.	Áreas rurais e urbanas.
Dimensões extralinguísticas restritas.	Diferentes dimensões extralinguísticas.
Espaço social topostático.	Espaço social topodinâmico.
Preferência por homens velhos e com pouca escolaridade.	Homens e mulheres com diferentes escolaridades.
Um único informante entrevistado.	Pluralidade de informantes.
Admite apenas a resposta ao questionário.	Admite mais estilos de resposta.
Analisa variedades puras.	Analisa variedades mistas e em contato.

Fonte: Schneiders (2017 [adaptado]) com base em Thun (1998)

A partir do quadro, evidenciamos que a Dialetologia Pluridimensional e Relacional se apresenta de forma inovadora, pelo fato de considerar, em sua metodologia, aspectos deixados de lado na Dialetologia Tradicional, principalmente quanto às dimensões extralinguísticas, que eram mais restritas, bem como a metodologia de coleta de dados, ao realizar a entrevista somente com um informante e permitir somente a resposta espontânea do questionário.

Nesta seção, apresentamos os estudos linguísticos a partir da Sociolinguística e da Dialetologia. A Sociolinguística é entendida como um ramo da Linguística que investiga a língua no âmbito da comunidade de fala e a Dialetologia, uma grande área de investigação, considerada a ciência da variação espacial (COSERIU, 1965). Da

mesma forma, caracterizamos a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a qual analisa a língua e as variedades linguísticas no espaço geográfico, apresentando, por meio de cartas linguísticas, a realidade linguística das localidades.

Dada a característica da pesquisa, utilizamos a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, pelo fato de podermos apresentar as características fonético-fonológicas dos falantes bilíngues no que concerne à variação de sonorização e dessonorização. Sendo assim, para que possamos compreender melhor o fenômeno da sonorização e da dessonorização, na seção a seguir, detalhamos os estudos da Fonética e da Fonologia.

3 CONSOANTES OCLUSIVAS E FRICATIVAS

Nesta seção, descrevemos as características das consoantes oclusivas e fricativas do latim e do português e, na sequência, as características do alemão-padrão e alemão falado no Extremo Oeste Catarinense. Em seguida, conceituamos os traços distintivos e o traço sonoridade para, na sequência, apresentar o *Voice Onset Time* (VOT) das consoantes oclusivas e a medida de duração das consoantes fricativas. No último item, tratamos da variação fonético-fonológica.

3.1 As consoantes oclusivas e fricativas do Latim e do Português Brasileiro

Nosso objeto de pesquisa são as consoantes oclusivas e fricativas, sendo as oclusivas assim denominadas pelo fato de apresentarem uma obstrução total do trato vocal quando são realizadas, fazendo com que ocorra, metaforicamente, uma "explosão", e as fricativas, pelo fato de serem realizadas por meio de uma fricção da passagem do ar, ou seja, o ar passa por um canal estreito.

Pelo fato de as consoantes do português brasileiro (PB) originarem-se do latim, percebemos que o quadro fonético que conhecemos hoje ainda apresenta algumas similaridades com sua língua-mãe. O latim classificava-se em latim clássico e latim vulgar, e foi o latim vulgar, falado pelo povo em geral e no dia a dia, que deu origem ao português. Sendo assim, convém destacar, inicialmente, alguns aspectos das consoantes do latim, pois elas apresentam evoluções e mudanças com relação às consoantes que chegaram ao português.

A evolução do latim até chegar ao português é caracterizada por três fases distintas: a) fase latina, que compreende o século VI a.C até o século V ou VI d.C., em que se iniciaram as variedades do latim vulgar e o processo de dialetalização da língua; b) fase romance, em que se iniciou a modificação do latim vulgar; e c) fase das línguas românicas modernas, que compreende o período entre o século XV e XVI.

De acordo com Ilari (1999), o latim clássico era formado por 17 consoantes, incluindo as semivogais /j/ e /w/ e a aspirada /h/, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 6 – Consoantes do latim clássico

	bil.	l. dent.	dent. a.	pal.	vel.	uvul.
oclus. surdas	*p*	*t*			*k*, *kw**	
oclus. sonoras	*b*	*d*			*g*, *gw**	
nasais	*m*	*n*				
laterais		*l*				
vibrantes		*r*				
fric. surdas	*f*	*s*				*h*
fric. sonoras						
semivogais	*w*			*j*		

* grafados *qu* e *gu*, respectivamente, são consoantes labiovelares.

Fonte: Ilari (1999, p. 77)

Do quadro consonantal do latim clássico, derivou o quadro das consoantes do latim vulgar, que também são introduzidas no quadro das consoantes das línguas românicas. No quadro das consoantes do latim clássico, Mattoso Câmara Jr. (1975) e Mattos e Silva (2006) ainda inserem as consoantes geminadas junto das simples. As consoantes geminadas serviam para marcar, na escrita, uma pronúncia prolongada. No período românico, todas as línguas românicas simplificaram essas consoantes, permanecendo apenas no italiano e no sardo (ILARI, 1999).

De acordo com Ilari (1999, p. 78), o quadro das consoantes do latim vulgar “explora mais amplamente o trecho anterior da cavidade bucal, prenunciando a grande variedade de consoantes anteriores que entrarão em contraste fonológico nas línguas românicas”, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 7 – Consoantes do latim vulgar

	bil.	l. dent.	dent. a.	pal.	vel.	uvul.
oclus. surdas	*p*		*t*		*k*	
oclus. sonoras	*b*		*d*		*g*	
nasais	*m*		*n*			
laterais			*l*			
vibrantes			*r*			
fric. surdas		*f*	*s*			
fric. sonoras		*v*				
semivogais	*w*			*j*		

Fonte: Ilari (1999, p. 78)

A partir do quadro das consoantes do latim clássico e do latim vulgar, podemos perceber, portanto, a transposição do lugar de articulação do fonema /f/, de bilabial para labiodental, os fonemas /t/ e /d/ e /s/ passaram de labiodentais para dentais, além da presença, no latim vulgar, do fonema /v/, correspondente sonoro de /f/, que não existia no latim clássico. No latim vulgar, contudo, ainda não está presente o fonema /z/, correspondente sonoro do fonema /s/, que aparecerá mais tarde, da mesma forma que as consoantes fricativas /ʃ/ e /ʒ/.

Para Ilari (1999), um dos processos fonológicos característicos do período latino[29] é a sonorização das oclusivas surdas intervocálicas. Nesse sentido, portanto, "no ocidente da România, começa a afirmar-se a tendência a sonorizar as oclusivas surdas intervocálicas, determinando a cisão da România em dois grandes domínios dialetais" (ILARI, 1999, p. 82). É possível perceber essa evolução nas palavras *jocat* > joga em português, *maturu* > maduro em português e *ripa* > riba em português.

Segundo Neuschrank (2015), os processos de degeminação e sonorização das surdas, tanto no caso das oclusivas como no das fricativas, podem ser caracterizados como processos fonológicos predominantes na evolução do latim ao português. Nesse contexto, destacamos que o traço sonoridade tem sido relevante no processo de evolução do latim ao português.

[29] Ilari (1999) divide o processo de evolução do latim em duas etapas: o período latino que vai até o final do Império, quando a România ainda era unida e o período românico, que começa com a queda do Império Românico no século V d.C.

Para Netto (2001, p. 70), os segmentos obstruintes oclusivos sonoros resultaram de “um processo fonológico conhecido como abrandamento, que, no caso da língua portuguesa, acarretou a sonorização de segmentos surdos”. Dessa mudança, temos alguns exemplos: *lupu* > lobo, *natare* > nadar, *secretu* > segredo, *profectu* > proveito, *vicinu* > vizinho. Com relação à evolução do latim para o português, Neuschrank (2015, p. 99) entende que

> a sonorização, na evolução do latim ao português, mostra-se como um tipo de assimilação, uma vez que ocorre continuamente com consoantes em posição intervocálica, as quais acabam recebendo o traço de sonoridade característico das vogais que estão em seu entorno. É um fenômeno importante na evolução histórica do português e ainda observável no português contemporâneo, que apresenta a sonorização da fricativa surda quando esta se encontra em final de palavra, antecedida e seguida por vogais.

Compreendemos, portanto, que a sonoridade no português se estabeleceu como um traço característico da língua, destacando, juntamente com outros processos fonológicos, a sua particularidade linguística no que tange às línguas românicas modernas, a exemplo do português brasileiro. Com relação ao português brasileiro (PB), apresentamos, a seguir, o quadro das consoantes, juntamente com o lugar, a maneira de articulação e o grau de vozeamento:

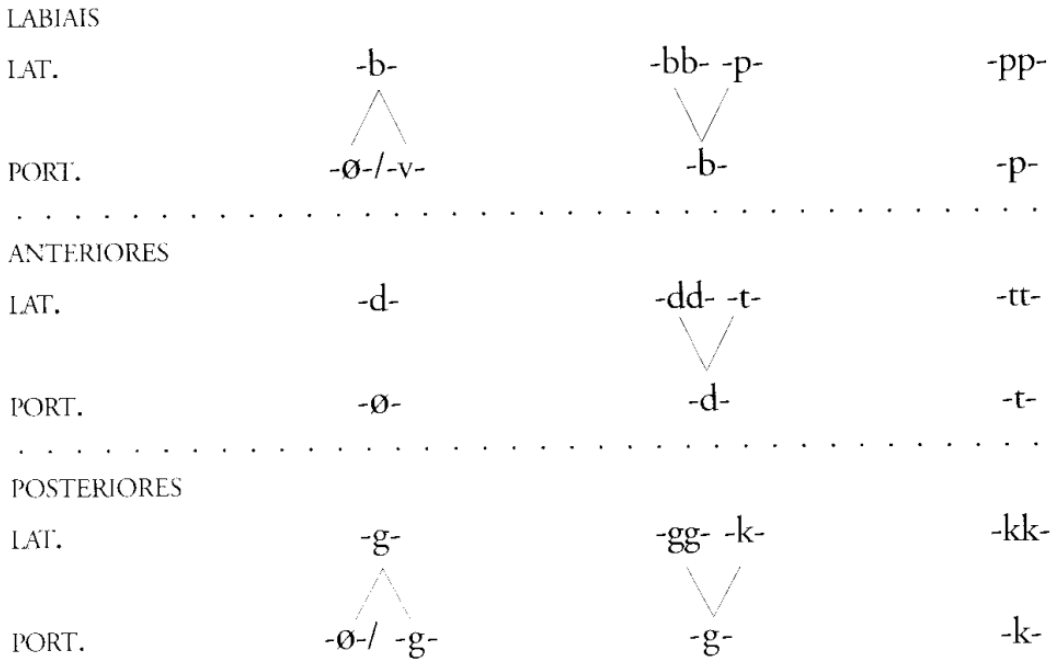
Quadro 8 – Consoantes do Português Brasileiro

Articulação Maneira / Lugar		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		X ɣ	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ỹ		
Tepe	voz			ɾ				
Vibrante	voz			ř				
Retroflexa	voz			ɹ				
Lateral	voz			l ɬ		ʎ ỻ		

Fonte: Cristófaro-Silva (2007, p. 37)

Comparando os quadros fonéticos, percebemos uma grande evolução histórica até chegar ao quadro de consoantes que temos hoje no português brasileiro atual. Mattos e Silva (2006) apresentam as correspondências evolutivas das consoantes, de forma que seja possível verificar a origem das consoantes do PB, como podemos ver nas figuras que seguem:

Figura 6 – Evolução das consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/

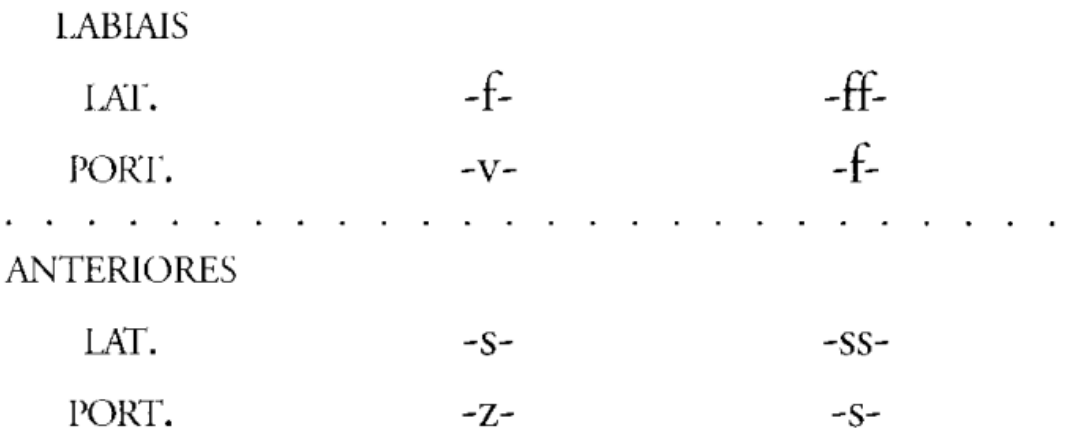


Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 75)

Percebemos, portanto, que as consoantes /b/, /d/ e /g/ surgem da simplificação das consoantes geminadas, bem como a partir da sonorização dos seus pares surdos. Já as consoantes /p/, /t/ e /k/ surgem a partir da consoante geminada. Em sua origem, considera-se o /v/, inicialmente, como um alofone[30] de /b/. Já as consoantes fricativas, denominadas de constritivas no latim, são apresentadas na figura a seguir:

[30] São entendidas como variações de um mesmo fonema.

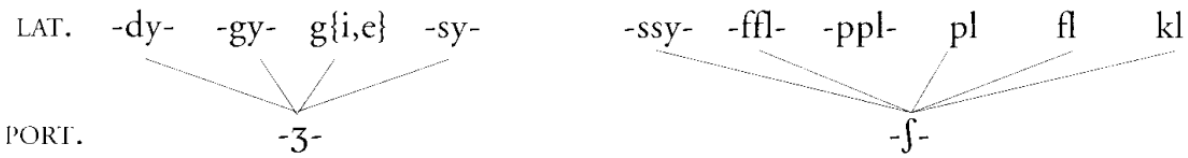
Figura 7 – Evolução das consoantes /f/, /v/, /s/ e /z/



Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 76)

Considerando que as consoantes constritivas do latim eram somente surdas, no PB, houve a sonorização desses pares. Portanto, a partir da consoante /f/, surge o /v/, assim como a partir de /s/, surge o seu par sonoro /z/. A partir da simplificação das consoantes geminadas, surge o /f/ e o /s/. As consoantes fricativas /ʃ/ e /ʒ/ apresentam sua origem a partir de diferentes consoantes, como é possível verificar na figura a seguir:

Figura 8 – Evolução das consoantes /ʃ/ e /ʒ/



Fonte: Mattos e Silva (2006, p. 76)

Com relação às consoantes /ʃ/ e /ʒ/, Mattos e Silva (2006) destaca que essas têm origem a partir da palatização de anteriores dentais e de posteriores velares. Nesse sentido, essas duas consoantes se apresentam de forma mais complexa com relação às demais, devido a sua origem ter relação com mais de uma consoante.

Com relação ao PB atual, cabe mencionar também que os pares de consoantes investigados nesta pesquisa se opõem somente quanto ao grau de vozeamento. Essas consoantes, ao serem substituídas umas pelas outras, interferem no significado

de determinadas palavras, como [p]ia e [b]ia, [t]ato e [d]ado, [k]ata e [g]ata, [f]aca e [v]aca, [ʃ]a e [ʒ]a. Esses pares de consoantes compartilham as mesmas propriedades fonéticas e, por isso, são considerados sons foneticamente semelhantes (SFS) que apresentam o grau de vozeamento como a única diferença. Esses casos, de acordo com Cagliari (2002, p. 34), também podem ser denominados como “pares mínimos, pois, têm um ambiente comum, ou seja, um conjunto de sons iguais e uma diferença, representada pela troca de um único som, ou propriedade fonética, por outro”.

Como essas consoantes apresentam mudança de significado ao serem trocadas umas pelas outras, é preciso considerá-las como fonemas, e não como variantes do mesmo fonema, apesar de compartilharem as mesmas propriedades fonéticas.

Quanto aos exemplos apresentados a respeito dos sons foneticamente semelhantes e dos pares mínimos, destacamos que, no alemão, isso acontece de forma distinta. Apesar de o alemão também apresentar pares mínimos, algumas pronúncias não apresentam mudança de significado, sendo possível, portanto, uma mesma palavra ser pronunciada ou com /p/ ou com /b/, sem prejuízo para o significado. Contudo, a possibilidade de sonorização ou dessonorização das consoantes depende da posição ocupada na palavra. Geralmente, esse processo ocorre no início ou no final da palavra, em sílaba pretônica ou tônica. A respeito do contato entre línguas, sobretudo as línguas estrangeiras que possuem um sistema fonológico distinto, Cagliari (2002, p. 28) destaca que,

> ao desconhecer o funcionamento do sistema fonológico dessa língua, sua [do estrangeiro] tendência é julgar o que encontra em função do sistema fonológico da sua própria língua. Dessa maneira, o estrangeiro tende a considerar como alofones dois fonemas daquela língua, pela simples razão que, em sua língua, aqueles sons não estão em oposição fonológica.

Assim como o PB, o alemão-padrão ou *standard* também apresenta algumas evoluções a partir de sua base de origem, assim como a forma mais dialetal *Deitsch.* No tópico a seguir, exemplificamos o quadro das consoantes do alemão-padrão e da forma mais dialetal, *Deitsch,* Destacamos que a forma *Deutsch* pode abarcar as mesmas consoantes da forma mais dialetal e, ao mesmo tempo, da forma mais *standard*, portanto, não apresentamos um quadro específico para a forma *Deutsch*.

3.2 As consoantes oclusivas e fricativas do alemão-padrão e do *Deitsch*

O alemão falado na região do Extremo Oeste Catarinense difere consideravelmente do alemão-padrão falado na Alemanha, sobretudo pelo contato com o português já estabelecido em sua estrutura linguística. As consoantes do alemão-padrão são apresentadas no quadro a seguir:

Quadro 9 – Consoantes do alemão-padrão

	bilabial	labio -dental	dental	alveo -lar	post -alveolar	palatal	velar	uvular	glottal
Plosive	p b			t d			k g		ʔ
Frikative		f v		s z	ʃ ʒ	ç	x	χ ʁ	h
Approxi -manten						j			
Nasale	m			n			ŋ		
Laterale				l					
Vibranten				r				R	

Fonte: IPA (2005 [adaptado])

As consoantes do alemão-padrão podem sofrer dessonorização quando ocorrem ao final de sílaba ou de palavra, como podemos observar nos seguintes exemplos: *Urlaub* > [uːɐlaʊp], *Kind* > [kɪnt], *Hamburg* > [ham'bʊrk], *aktiv* > [ak'tiːf], *Söhne* > ['zøːnə], *Schule* > ['ʃuːlə][31]. O alemão *standard*, diferentemente do português, apresenta dois símbolos para os grafemas <ch> e <sch>, respectivamente temos /ç/ para o primeiro e /ʃ/ para o segundo, pois, no alemão, são sons diferentes. O que se assemelha ao som do português é o grafema <sch>.

De forma semelhante, ocorrem os fonemas do alemão falado no Extremo Oeste Catarinense, os quais foram primeiramente apresentados e estudados por Cléo V. Altenhofen, em sua tese de doutorado "*Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen",* publicada em 1996.

Considerando que essa é uma variedade oral e que, diferentemente do português e do alemão *standard*, não tem uma modalidade escrita, Altenhofen (1996)

[31] Férias, criança, Hamburgo, ativo, filhos, escola.

apresenta, com base na variedade alemã falada em sua cidade natal, localizada no interior do Rio Grande do Sul, uma possibilidade de símbolos fonéticos para compor um inventário fonológico do alemão/*Deitsch*.

Para o quadro fonético do *Deitsch,* baseamo-nos nas consoantes do hunsriqueano, apresentado por Habel (2019), com base em Altenhofen (1996):

Quadro 10 – Consoantes do *Deitsch*

		Bilabial	**Labio-dental**	**Alveolar**	**Pós-alveolar**	**Palatal**	**Velar**	**Glotal**
Plosivas	Desv.	pʰ		tʰ			kʰ	
	Voz.	b̥		d̥			g̥	
Fricativas	Desv.		f	s	ʃ	ç	x	h
	Voz.	w	v			j		
Nasais	Voz.	m		n			ŋ	
Vibrante	Voz.			r				
Lateral	Voz.			l				

Fonte: Adaptado de Habel (2019, p. 86)

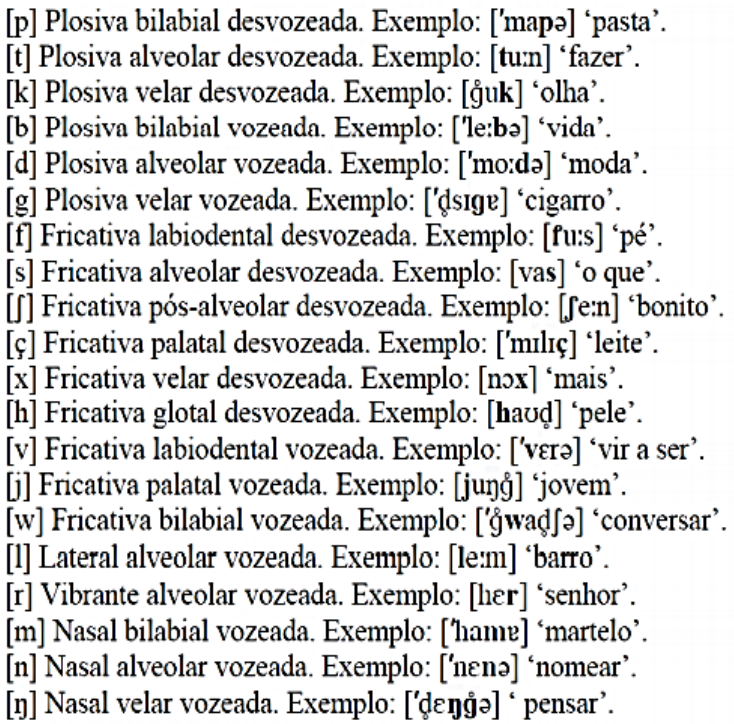
Com base no quadro apresentado, percebe-se que os fonemas /p/, /t/ e /k/, assim como /b/, /d/ e /g/, estão marcados com diacríticos. Os diacríticos, para essas consoantes, servem para marcar a aspiração em /pʰ/, /tʰ/, e /kʰ/)[32] e a dessonorização em /b̥/, /d̥/ e /g̥/. Altenhofen (1996) considera as consoantes oclusivas como relevantes para o sistema fonético do alemão, principalmente por definir que essas consoantes possuem algumas regras de desvozeamento, as quais podem ocorrer no início de sílaba ou final de palavra, em sílabas pretônicas e tônicas.

Martins (2013, p. 33), com base em Altenhofen (1996), demonstra que os "fonemas /b̥, d̥ e g̥/, que são denominados de *Halbfortes*, indicam fonemas oclusivos com ensurdecimento, completo ou parcial, e resultam de um processo de dessonorização dos fonemas vozeados /b, d, g/ do alemão padrão ou do PB".

Desse modo, com base no sistema consonantal do alemão, Habel (2019, p. 88) apresenta alguns exemplos que ilustram os fonemas consonantais:

[32] Gewehr-Borella e Altenhofen (2012), em suas pesquisas sobre sonorização e dessonorização, escolheram utilizar os símbolos genéricos representados pelos fonemas surdos /p/, /t/ e /k/ e sonoros por /b/, /d/ e /g/ e assim também o faremos ao longo de nossa pesquisa, já que o foco está na sonorização e dessonorização das oclusivas e fricativas do PB, sem utilizar, portanto, os diacríticos.

Figura 9 – Fonemas do *Deitsch*


[p] Plosiva bilabial desvozeada. Exemplo: [ˈmapə] ‘pasta’.
[t] Plosiva alveolar desvozeada. Exemplo: [tuːn] ‘fazer’.
[k] Plosiva velar desvozeada. Exemplo: [ɡ̊uk] ‘olha’.
[b] Plosiva bilabial vozeada. Exemplo: [ˈleːbə] ‘vida’.
[d] Plosiva alveolar vozeada. Exemplo: [ˈmoːdə] ‘moda’.
[g] Plosiva velar vozeada. Exemplo: [ˈd̥sɪgɐ] ‘cigarro’.
[f] Fricativa labiodental desvozeada. Exemplo: [fuːs] ‘pé’.
[s] Fricativa alveolar desvozeada. Exemplo: [vas] ‘o que’.
[ʃ] Fricativa pós-alveolar desvozeada. Exemplo: [ʃeːn] ‘bonito’.
[ç] Fricativa palatal desvozeada. Exemplo: [ˈmɪlɪç] ‘leite’.
[x] Fricativa velar desvozeada. Exemplo: [nɔx] ‘mais’.
[h] Fricativa glotal desvozeada. Exemplo: [haʊd̥] ‘pele’.
[v] Fricativa labiodental vozeada. Exemplo: [ˈvɛrə] ‘vir a ser’.
[j] Fricativa palatal vozeada. Exemplo: [juŋɡ̊] ‘jovem’.
[w] Fricativa bilabial vozeada. Exemplo: [ˈɡ̊waɖʃə] ‘conversar’.
[l] Lateral alveolar vozeada. Exemplo: [leːm] ‘barro’.
[r] Vibrante alveolar vozeada. Exemplo: [hɛr] ‘senhor’.
[m] Nasal bilabial vozeada. Exemplo: [ˈhamɐ] ‘martelo’.
[n] Nasal alveolar vozeada. Exemplo: [ˈnɛnə] ‘nomear’.
[ŋ] Nasal velar vozeada. Exemplo: [ˈd̥ɛŋɡ̊ə] ‘ pensar’.

Fonte: Habel (2019, p. 88)

Assim, entendemos que as consoantes oclusivas vozeadas podem variar, sendo substituídas por seus respectivos pares não vozeados. O diacrítico ‘bolinha’ indica, portanto, o desvozeamento das consoantes oclusivas e o diacrítico ‘h’ indica que a consoante oclusiva é aspirada. Contudo, tendo em vista outras pesquisas realizadas sobre o fenômeno da dessonorização, optamos por manter os símbolos genéricos das consoantes oclusivas e fricativas, sem a inserção dos diacríticos, assim como o fez Gewehr-Borella em sua tese de doutorado. A autora também apresenta um quadro que resume as regras do vozeamento e desvozeamento do alemão descritas por Altenhofen (1996):

Quadro 11 – Regras de vozeamento e desvozeamento do *Deitsch*

Posição da sílaba	**Sílaba pretônica e início de palavra**	**Sílaba tônica**	**Sílaba postônica**
Processo/Exemplo	Dessonorização	Dessonorização	Sonorização
Bedanke “agradecer”	<**b**e>	**d**an	**k**e>
Pronúncia no alemão	[b̥]	[d̥]	[g̊]

Fonte: Adaptado de Gewehr-Borella (2014, p. 69)

Percebemos que, apesar de haver, tanto no português quanto no alemão, consoantes oclusivas, há uma diferenciação considerável entre elas, principalmente quanto à possibilidade de dessonorização e aspiração na pronúncia, sendo que esta última não integra as consoantes oclusivas do português. Além disso, a pronúncia com a dessonorização não altera o significado da palavra em questão.

Com relação às fricativas, o *Deitsch*, diferentemente do quadro fonético do alemão-padrão, não contempla algumas das consoantes presentes no PB como /z/ e o /ʒ/[33], pois esses são pronunciados como /s/ e /ʃ/, respectivamente. Contudo, apesar de não fazerem parte do quadro fonético, eles podem ocorrer na língua falada, principalmente em palavras emprestadas do português, como a palavra “bichado”, que é pronunciada em alemão como [‘bˌɪʒɪç][34] (MARTINS, 2013, p. 41).

Os fonemas /f/ e /s/ são produzidos pelos seus pares vozeados /v/ e /z/. De acordo com Martins (2013, p. 40), com base em Altenhofen (1996), o fonema /f/ é substituído por /v/ quando estiver em posição medial, em sílaba pós-tônica, antes de vogal ou de encontro consonantal, como é o caso da palavra ‘*Ofen*’ (fogão), que é pronunciada como [‘o:və]. O fonema /s/ pode ser substituído por /z/ quando estiver em meio de palavra como em ‘*Eisen*’ (ferro), que é pronunciada como [‘aɪzə].

Nesse sentido, assim como ocorre com as consoantes oclusivas, com as consoantes fricativas também pode haver processos de dessonorização quando o falante bilíngue utiliza o português para se comunicar, pois usa as regras da sua língua materna e acaba por transferi-las para o português.

Pauli (2001, p. 137) destaca que “no dialeto não há posição fonêmica entre /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, não há fonema /ʒ/ e também não existe oposição fonêmica nítida entre /s/ e /z/, ocorrendo geralmente o /z/”, o que implica a transferência da pronúncia do alemão para o português, já que muitos bilíngues têm como referência o alemão, que é a primeira língua aprendida.

Quanto às regras de vozeamento das oclusivas, Altenhofen (1996 *apud* GEWEHR-BORELLA, 2014 p. 572) apresenta-as da seguinte forma:

---

[33] No alemão-padrão ou *Hochdeutsch*, a consoante /ʒ/ é pronunciada em palavras como “Journalist”. Contudo, essa palavra não é originária do alemão; por isso, mantém-se a mesma pronúncia da língua de origem – neste caso, do inglês.

[34] Apesar de o fonema /ç/ ser usado preferencialmente em final de palavra no alemão, nesse exemplo, a pronúncia se assemelha ao som de /ʃ/ do PB.

> a) em início e fim de palavra e em sílabas pretônica e tônica, ocorre, via de regra, oclusivas com dessonorização, chamadas de *Halbfortes* (semisurdas), tendo um ensurdecimento parcial ou completo, como na pronúncia da palavra *Butter* 'manteiga', pronunciada como [b] ou [p]; b) em sílaba postônica e intervocálica, ocorre normalmente a sonorização, num processo de lenização, como um som "enfraquecido".

Como já exemplificado, "as oclusivas vozeadas podem variar com suas respectivas não vozeadas no mesmo idioleto" (GEWEHR-BORELLA, 2014, p. 572). Como exemplo, temos a própria palavra *Deutsch,* que é pronunciada com /t/ ou /d/ na posição inicial da sílaba.

Quanto ao sistema fonológico do português[35], destacamos que existem características próprias e que apresenta evoluções quanto a sua origem latina. Percebemos também que, em algumas palavras, houve o processo de sonorização, sendo algo característico da evolução da língua. Já o alemão possui algumas diferenças em relação ao quadro fonético do português, sobretudo a inexistência dos símbolos /z/ e /ʒ/. Além disso, há a possibilidade de substituição dos pares /+sonoro/ por /-sonoro/ e vice-versa, sem prejuízo do significado, diferentemente do português. Os pares surdo e sonoro são exemplificados a partir do traço sonoridade, subseção que será abordada na sequência.

3.3 Traços distintivos e o traço sonoridade

Os traços distintivos são definidos, segundo Matzenauer (2014, p. 17), como "propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório, como 'nasalidade', 'sonoridade', 'labialidade', coronalidade', que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas". A noção de distintividade foi trazida por Trubetzkoy, por meio da Escola de Praga, por considerar que os fonemas "se distinguiam por um ou mais traços (características articulatórias e/ou acústicas) que os compunham" (PEDROSA; LUCENA, 2017, p. 21). A distintividade, para Trubetzkoy (1933, p. 31) deve ser levada em consideração por meio da noção de oposição. Por exemplo, o fonema /p/, em oposição ao fonema /b/, distingue-se somente por meio do traço sonoridade.

[35] O alemão falado no Brasil é uma variedade predominantemente oral; assim, os bilíngues também tendem a escrever tendo como base a pronúncia dessa língua, ocorrendo também na escrita as trocas, como em *tinheiro*, *pola*, *cato*, *cheladeira*, entre outros.

Foi em 1952, com o trabalho “*Preliminaries to Speech Analysis*” (PSA), de Jakobson, Fant e Halle, que ocorreu, efetivamente, a formalização de um estudo referente aos traços distintivos. Posteriormente, esse conceito foi retomado por Chomsky e Halle (1968), com a publicação da obra “Os padrões sonoros do inglês”, no âmbito dos estudos da Teoria Gerativa e da Fonologia Gerativa. Chomsky e Halle (1968) consideram o fonema como um feixe de traços distintivos.

Ao longo desta seção, não nos aprofundaremos nos estudos da Fonologia Gerativa, mas apresentaremos algumas considerações referentes ao conjunto de traços distintivos com relação às consoantes oclusivas e fricativas, já que os traços distintivos servem como um instrumento para descrever e explicar o funcionamento do sistema linguístico (MATZENAUER, 2014). Nesse sentido, no quadro a seguir, adaptado de Chomsky e Halle (1968), podemos verificar os conjuntos de traços distintivos referentes às consoantes do português brasileiro:

Quadro 12 – Conjunto de traços distintivos das consoantes oclusivas e fricativas

	Consoantes											
Traços	/p/	/b/	/t/	/d/	/k/	/g/	/f/	/v/	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/
Silábico [sil]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Consonantal [cons]	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Soante [soan]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Alto [alto]	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+
Baixo [baixo]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Recuado [rec]	-	-	-	-	+	+	-	-	-	-	-	-
Anterior [ant]	+	+	+	+	-	-	+	+	+	+	-	-
Coronal [cor]	-	-	+	+	-	-	-	-	+	+	+	+
Arredondado [arr]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Contínuo [con]	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+
Estridente [estr]	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+
Nasal [nas]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Lateral [lat]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Soltura retardada [sol ret]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vozeado [voz]	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	+

Fonte: Chomsky e Halle (1968)

As consoantes oclusivas e fricativas podem ser relacionadas entre si por meio do conjunto de traços distintivos que estão na parte esquerda da coluna. Sendo assim, todas as consoantes oclusivas e fricativas têm traço negativo /-/ para silábico, pois, são consoantes e estão presentes nas margens das sílabas. Somente as vogais possuem traço [+sil]. Além disso, todas são [+cons], porque possuem certa obstrução

da passagem de ar. Apresentam, também, traço de [-soan], pois o ar não passa livremente pela cavidade oral.

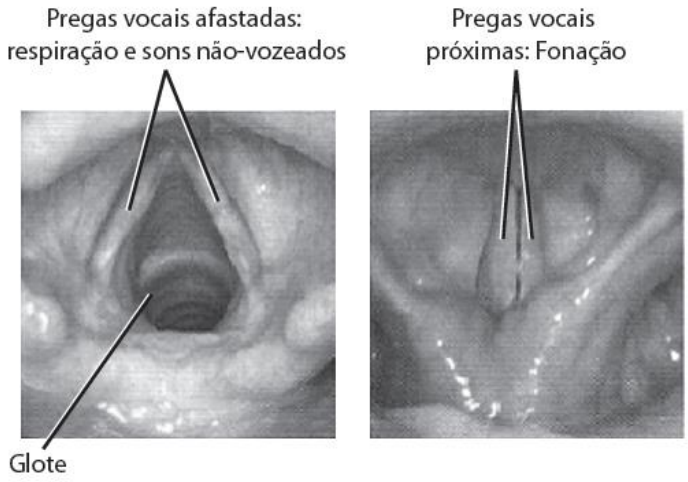
Com relação ao corpo da língua, as consoantes /k/, /g/ e /ʃ/, /ʒ/ apresentam traço [+alto], /k/ e /g/ traço [+rec] e as demais consoantes apresentam traço negativo para a posição da língua. Sobre a cavidade do trato vocal, as consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /f/, /v/, /s/ e /z/ apresentam traço [+ant], pois, de acordo com Matzenauer (2014, p. 22), esses sons “são produzidos com uma obstrução localizada na frente da região palato-alveolar da boca”. As consoantes /t/, /d/ e /ʃ/, /ʒ/ apresentam traço [+cor], pois o som é produzido com o ápice ou a lâmina da língua.

Quanto à forma dos lábios, os sons [+arr] apresentam um estreitamento dos lábios e todas as consoantes apresentam traço negativo para essa característica. Com relação ao modo de articulação, os sons [+con], segundo Matzenauer (2014, p. 24), são “os sons em cuja constrição primária o trato vocal não está estreitando a ponto de bloquear a passagem de fluxo de ar”, como é o caso das consoantes fricativas /f/, /v/, /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/. Essas também são caracterizadas como [+estr] por apresentarem uma fricção no som, ou seja, um ruído estridente ao serem pronunciadas. Todas as consoantes apresentam traço [-nas] e [-lat], pois são todas orais e o som sai pela região central da boca. Todas as consoantes apresentam traço [-sol ret] ou metátese instantânea, que, segundo Matzenauer (2014, p. 24), “é a liberação do ar sem turbulência”.

Com relação à fonte de excitação, as consoantes apresentam traço sonoro ou surdo, ou vozeado e desvozeado. As consoantes /p/, /t/, /k/, /f/, /s/ e /ʃ/ apresentam traço [-son], enquanto as consoantes /b/, /d/, /g/, /v/, /z/ e /ʒ/ apresentam traço [+son]. A sonoridade é o traço mais importante para as consoantes oclusivas e fricativas estudadas nessa pesquisa, considerando que essas consoantes somente se diferenciam quanto ao grau de vozeamento.

O grau de vozeamento de uma consoante é dado a partir da notação segmental. Por meio da notação segmental, os sons são caracterizados em modo de articulação, lugar de articulação e, por fim, grau de vozeamento. O grau de vozeamento refere-se ao estado da glote. Quando aberta, o som é caracterizado como sonoro ou vozeado e quando fechada, o som é caracterizado como surdo ou desvozeado. Podemos verificar os dois estados da glote na figura a seguir:

Figura 10 – Glote e pregas vocais



Fonte: Parker (2007, p. 137)

Dessa forma, no português, com relação às consoantes oclusivas e fricativas, o grau de vozeamento se faz imprescindível quando tratamos de pares mínimos. Os pares /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, /f/ e /v/, /s/ e /z/ e /ʃ/ e /ʒ/ possuem sons foneticamente semelhantes (SFS). Nesse sentido, são pares mínimos pelo fato de compartilharem duas propriedades fonéticas iguais: o modo de articulação e o lugar de articulação, diferenciando-se apenas pelo grau de vozeamento. Os pares mínimos, quando modificados, ou seja, quando substituídos um pelo outro, podem mudar o significado das palavras como em [‘pia] ~ [‘bia].

Essa diferenciação não coexiste no alemão. Como mencionado anteriormente, há palavras que podem ser pronunciadas com /t/ ou /d/ sem interferir no significado da palavra, como é o caso da palavra *Deutsch*, que é pronunciada com /t/ ou /d/, dependendo da variedade dialetal utilizada pelo falante. Inclusive, o fenômeno do vozeamento e do desvozeamento das consoantes no alemão, segundo Dudalski (*et al.,* 2008, p. 32), é uma das maiores dificuldades apresentadas pelos brasileiros que estudam a língua alemã, pois é uma característica que não faz parte do sistema fonético-fonológico do português.

O alemão, tendo um sistema fonológico distinto do português, aceita tanto uma pronúncia quanto outra, por isso, a dificuldade dos falantes bilíngues em português e alemão em diferenciarem as consoantes vozeadas e desvozeadas quando as utilizam no português. Nesse mesmo contexto, Pauli (2001, p. 01) confirma que

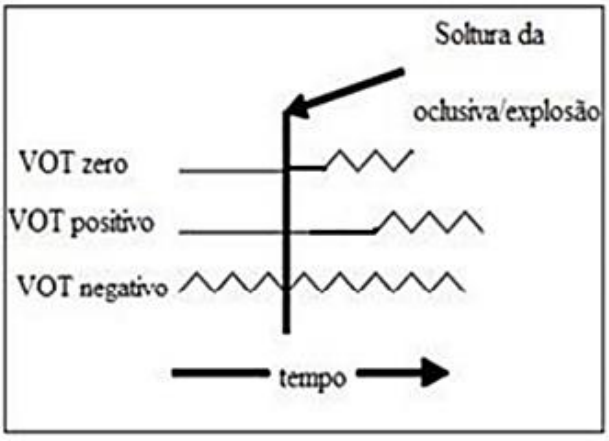
> é muito provável que venha a ocorrer uma interferência fonética ou fonológica num falante nativo da língua alemã, quando este passa a falar a língua portuguesa, pois na língua portuguesa existem traços fonéticos que não ocorrem no dialeto alemão e vice-versa.

A partir das regras mencionadas nesta seção, é necessário destacar que o português e o alemão apresentam características fonológicas distintas. Para tanto, no tópico a seguir, explicamos o *Voice Onset Time* das oclusivas e a medida de duração das fricativas, considerando as duas línguas.

3.4 *Voice Onset Time* das oclusivas e medida de duração das fricativas

O *Voice Onset Time* (VOT), traduzido como “tempo de início” ou “ataque de sonoridade”, é considerado um atributo fonético que serve para medir a duração do intervalo de tempo entre a plosividade e o início da vibração das cordas vocais, sendo medido em milissegundos. Segundo Bandeira e Zimmer (2011, p. 90), “a medida de duração do *Voice Onset Time* corresponde ao intervalo de tempo entre a liberação da oclusão e o início do vozeamento que precede, sucede ou coincide com essa liberação”. É possível caracterizar os padrões de vozeamento a partir de três categorias diferentes, conforme destacado na figura a seguir:

Figura 11 – Três tipos de Voice Onset Time



Fonte: Gewehr-Borella (2010, p. 36)

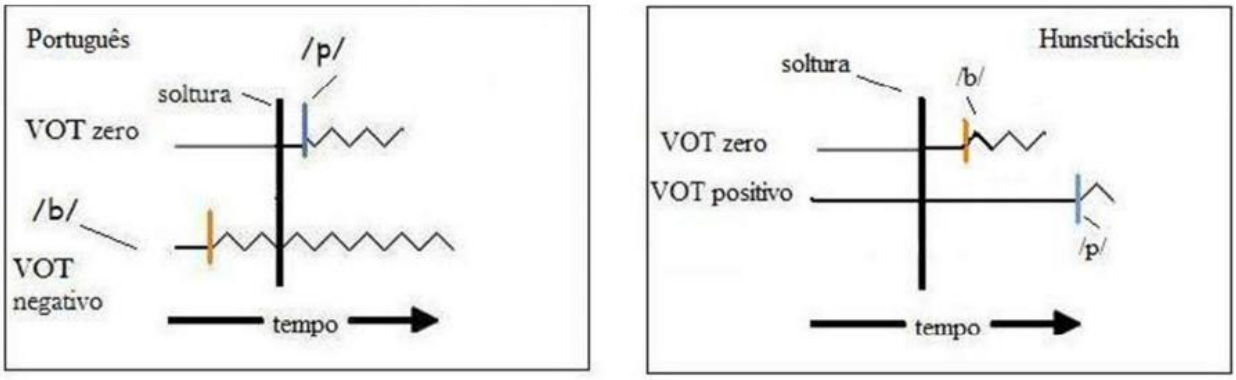
O VOT zero caracteriza-se por um período de surdez pequeno ou nulo, em torno de +10ms, representado pela linha horizontal. Destaca-se, após esse período, o início da vibração das cordas vocais, representada pela linha dentilhada. Nessa categoria estão representadas as consoantes /p/, /t/ e /k/ do português.

O VOT positivo representa um período de surdez mais longo, em média +75ms (linha horizontal mais longa) e, na sequência, o início da vibração das cordas vocais. Enquadram-se, nessa categoria, as consoantes oclusivas surdas do inglês e do alemão que são produzidas com aspiração (GEWEHR-BORELLA, 2014).

No VOT negativo acontece o pré-vozeamento, caracterizado pela vibração das cordas vocais em todo o período, antes mesmo da soltura da oclusiva, em torno de -100ms, representada pela linha dentilhada na figura. Nessa categoria estão as consoantes /b/, /d/ e /g/ do português.

Com relação às consoantes oclusivas surdas do português, elas enquadram-se na categoria VOT zero, enquanto as consoantes oclusivas sonoras são classificadas como VOT negativo (GEWEHR-BORELLA, 2014). Contudo, segundo Gewehr-Borella (2010), as consoantes oclusivas surdas do alemão são classificadas dentro da categoria VOT positivo, pois apresentam aspiração, e as oclusivas sonoras são enquadradas na categoria VOT zero, conforme exemplificado na figura a seguir, elaborada por Gewehr-Borella (2010, p. 37):

Figura 12 – Diferenças entre o Voice Onset Time do português e do alemão



Fonte: Gewehr-Borella (2010, p. 37)

Percebemos a proximidade do padrão de vozeamento da consoante /p/ à esquerda (português) da consoante /b/ à direita (alemão). O VOT demonstra, portanto, uma diferença na distinção das oclusivas surdas e sonoras entre o português e o alemão, o que pode ser a causa da dificuldade dos falantes bilíngues ao produzirem as consoantes oclusivas do português.

Já as consoantes fricativas são definidas como aquelas que possuem algum tipo de contrição ao serem realizadas, ou seja, possuem algum estreitamento do trato vocal quando proferidas, gerando uma “turbulência” e, consequentemente, um

“barulho” (KENT; READ, 1992). Sendo assim, as consoantes fricativas são medidas por meio da duração dessa “turbulência”, que é considerada maior que nas consoantes oclusivas.

Os valores das consoantes fricativas do português foram medidos por Santos (1987), que apresenta a duração das consoantes fricativas como dependendo do modo e do lugar de articulação, sendo /f/=150 ms, /v/=110 ms, /s/=160 ms, /z/=120 ms, /ʃ/=180ms e /ʒ/=140 ms.

Percebemos que os fonemas sonoros têm menor duração em relação aos fonemas surdos, e quanto à intensidade, autores como Russo e Behlau (1993) destacam que as consoantes fricativas são consideradas as consoantes mais fracas do português. Já na língua alemã, apesar de não ter encontrado dados mais detalhados a respeito da duração, Jesus (2000) destaca que as consoantes fricativas surdas são 50ms mais longas em comparação às fricativas sonoras, o que demonstra proximidade com relação à duração das consoantes do PB.

Speckhann (2017, p. 84), com base em Helbig (2001), destaca que as consoantes fricativas podem ser categorizadas em dois tipos: as com muito atrito (*Fortes*), que são geralmente surdas, e as com pouco atrito (*Lenes*), que são geralmente sonoras. As *Fortes* são /f/, /s/ e /ʃ/, enquanto as *Lenes* são /v/, /z/ e /ʒ/. A distinção entre forte e fraco é comum entre os falantes de alemão. Ao terem dúvidas sobre como escrever ou pronunciar as consoantes oclusivas ou fricativas, eles geralmente perguntam se é com /p/ forte ou /p/ fraco. Esse último seria, portanto, caracterizado como o /b/ do português.

Os exemplos apresentados nesta seção mostram que a variação de dessonorização e sonorização das consoantes do português podem ter forte influência das regras do alemão, quando realizadas por bilíngues de português-alemão. Esse fenômeno, além de ser considerado característico do contato linguístico e das transferências linguísticas, também faz parte do que denominamos de variação fonético-fonológica, temática que será abordada a seguir.

3.5 Variação fonético-fonológica

A variação é um fenômeno universal e inerente ao sistema linguístico. Desse modo, a variação pode ser dividida em variação interna, quando ocorre dentro do sistema linguístico, e externa, quando envolve fatores externos ao sistema. A variação

interna compreende a variação lexical, fonológica, morfossintática, sintática e do nível discursivo, enquanto a variação externa compreende a localidade (diatópica), classe social (diastrática), faixa etária (diageracional), sexo (diassexual) e tudo que, de alguma forma, puder incidir sobre a decisão no uso de uma variante em detrimento de outra em uma determinada situação.

Callou e Leite (1999, p. 96), com base em Lavandera (1984), apresentam também que é possível distinguir três tratamentos diferentes quanto à variação linguística: “a) a variação livre (nem condicionada, nem significativa); b) variação pertinente (externamente condicionada); e c) variação significativa (refletindo uma eleição funcional do falante)”.

Os primeiros trabalhos sociolinguísticos investigavam apenas aspectos fonéticos-fonológicos. Consideramos como um estudo pioneiro nessa área a dissertação de mestrado de William Labov, em 1963, orientado por Uriel Weinreich, que analisou a pronúncia da primeira vogal dos ditongos /ay/ e /aw/ (como em *right* e *house*) na comunidade de falantes da Ilha de *Martha’s Vineyard*. Mais tarde, em sua tese de doutorado, também orientada por Uriel Weinreich, Labov pesquisou sobre a estratificação social do /r/ em lojas de departamento na cidade de Nova York. Para Calvet (2002, p. 96), “a maioria dos estudos de linguística variacionista incidem sobre os sons da língua, porque as variações são aqui ao mesmo tempo mais evidentes e mais fáceis de descrever e de quantificar”.

Podemos dizer que os aspectos relativos à pronúncia de determinado som caracterizam nossa fala e indicam a localidade e a região do falante, se é homem ou mulher, se tem mais ou menos escolaridade. Brescancini (2002, p. 14), com base em Lyons (1979, p. 118-119), menciona que

> em um mesmo ambiente é possível ocorrer unidades foneticamente diferentes que não estabelecem entre si uma relação de oposição, ou seja, a substituição de uma pela outra não produz uma palavra diferente, mas simplesmente uma “pronúncia” diferente da mesma palavra.

No Sul do Brasil, estudiosos já têm se debruçado sobre os fenômenos da variação fonológica, como Bisol e Collischonn (2009), organizadoras da coletânea “Português do Sul do Brasil: variação fonológica”, em que são apresentadas pesquisas sobre a descrição de fenômenos fonológicos variáveis na fala da Região Sul do Brasil, através dos dados do Banco VARSUL.

Especificamente sobre a variação fonológica em falantes bilíngues alemão-português, destacam-se os estudos de Gewehr-Borella (2014), Martins (2013) e Lara (2013). Todos esses estudos destacam a relevância quanto à apresentação da realidade linguística vivida nas localidades onde há contato linguístico alemão-português e demonstram que, em todos os aspectos, a variação acontece de forma organizada e sistemática.

Ao defender que a variação ocorre de forma organizada, entendemos que todas as línguas sofrem influência e pressão de fatores externos como localidade, classe social, idade e sexo dos falantes. Compreendemos, nesse contexto, que a variação fonológica é um tipo de variação e que está condicionada a fatores internos e externos à língua.

Nesta seção, tratamos da área da Fonética e da Fonologia, apresentando a evolução das consoantes do latim clássico e vulgar até chegar ao português. Além do quadro fonético do português, também mostramos o quadro do alemão-padrão e do *Deitsch,* destacando alguns contextos que podem ocorrer a dessonorização e a sonorização. Nesse aspecto, o traço sonoridade e a medida de duração entre as consoantes oclusivas e fricativas do português e do alemão revelam diferenças estruturais, sendo possível compreender a dificuldade dos falantes de alemão quando realizam essas consoantes em português.

Em nossa pesquisa, escolhemos três localidades e analisamos o fenômeno a partir do ponto de pesquisa, a faixa etária, a escolaridade e o sexo dos informantes. Para apresentar a realidade linguística desse fenômeno, optamos em utilizar os princípios metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que são apresentados na seção a seguir.

4 PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção, descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa. Nossa metodologia baseia-se nos preceitos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, considerada por Thun (1998; 2005; 2010), a ciência geral da variação linguística.

Esta pesquisa caracteriza-se como básica, do tipo quali-quantitativa, descritiva e experimental, amparada no paradigma interpretativista. Apesar de a Dialetologia Pluridimensional e Relacional não prever a quantificação dos dados, justificamos que a estratificação dos dados quantitativos foi necessária para posterior análise qualitativa. Após a quantificação dos dados, fizemos a análise qualitativa para que fosse possível compreender o fenômeno em variação. Para tanto, também seguimos o modelo interpretativista, ao concordar que “não há como observar o mundo independente das práticas sociais e significados vigentes” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Quanto aos procedimentos, nossa pesquisa é caracterizada como experimental, ao entender que estamos descrevendo e analisando um objeto de estudo. “A pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto” (CÓRDOVA; SILVEIRA, 2009, p. 35). No quadro a seguir, resumimos o tipo da nossa pesquisa:

Entendemos que a análise qualitativa e interpretativa dos dados auxilia no processo de compreensão do nosso objeto de investigação, principalmente na análise e na descrição dos fatores extralinguísticos e intralinguísticos envolvidos na realização da variação de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas em um contexto social marcado pelo bilinguismo e pelo contato linguístico alemão-português.

Os dados analisados neste estudo foram coletados por pesquisadores do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), grupo de pesquisa da UFFS, *Campus* Chapecó (SC), que será descrito no tópico a seguir.

4.1 O projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

O grupo de pesquisa “Atlas das Línguas em Contato na Fronteira”[36] (ALCF) teve início no ano de 2010 e é coordenado pelos professores Cristiane Horst e Marcelo Jacó Krug, da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó (SC). O grupo, desde 2010, está inscrito e certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.

Inserido no âmbito dos estudos da macroanálise da variação linguística em situações de contato multilíngue (HORST; KRUG, 2021), o grupo tem como foco principal o estudo do bilinguismo e dos contatos linguísticos entre línguas minoritárias e de fronteira, manutenção e substituição linguística, crenças e atitudes linguísticas. Investigam-se essas temáticas nas regiões de fronteira e localidades que apresentem contato entre línguas.

Seguindo os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 2005; 2010), o objetivo do grupo de pesquisa é

> desenvolver uma base de dados adequada para um atlas linguístico-contatual das línguas minoritárias (alóctones e/ou autóctones) com o português e o espanhol na região Sul do Brasil, especificamente, na região de fronteira dos três estados do Sul do Brasil com a Argentina e o Paraguai. (HORST; KRUG, 2021, p. 86).

Atualmente, o grupo conta com quase cinquenta participantes cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa (CNPq), dentre eles, estudantes de graduação, mestrado e doutorado, além de colaboradores estrangeiros. Do grupo de estudos, já resultaram artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado em andamento. Dessas pesquisas, as principais temáticas abordadas são: crenças e atitudes linguísticas, bilinguismo e multilinguismo, manutenção linguística e identidade linguística, todas voltadas para línguas de imigração e/ou indígenas.

Em uma pesquisa realizada no Repositório Digital da Universidade Federal da Fronteira Sul, evidenciamos que, entre o período de 2014 a 2022, já foram defendidas 19 dissertações de mestrado e 17 trabalhos de conclusão de curso em forma de artigo científico. Todos esses trabalhos foram realizados no âmbito da temática do grupo de pesquisa e orientados pelos coordenadores do grupo.

[36] O site do grupo está em andamento, contudo, é possível acompanhar o grupo de pesquisa nas redes sociais. Instagram: @alcf_uffs.

Resultados levantados pelo Atlas das Línguas em Contato na Fronteira revelam a heterogeneidade linguística no Oeste Catarinense. De acordo com os estudos de Horst, Krug e Fornara (2017), existem, na região Oeste Catarinense, pelo menos, doze variedades de línguas de imigração e duas línguas indígenas junto à língua oficial, o que demonstra e reafirma que a região é fortemente marcada por situações de contato linguístico e bilinguismo.

Nesta pesquisa, os dados utilizados foram coletados por pesquisadores e integrantes do grupo de pesquisa durante suas pesquisas de mestrado na Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó (SC). Nas pesquisas, Wolschick (2016) investiga a situação do bilinguismo alemão-português em Mondaí e Ruscheinsky (2014) analisa aspectos específicos da variante “uma vez” (*ein mal)* em Itapiranga e em São João do Oeste.

Normalmente, dentro do grupo de pesquisa, cada pesquisador tem feito sua coleta de dados com base na sua temática de investigação. Contudo, nesta pesquisa específica, o ALCF disponibilizou os dados para serem analisados sob outro viés. Assim, o grupo de estudo também se torna um banco de dados que viabiliza e dissemina a pesquisa científica entre seus pares, tornando-se ainda mais amplo.

O instrumento utilizado para a coleta das entrevistas realizadas nas três localidades foi o questionário semiestruturado, que será apresentado na seção a seguir.

4.2 Instrumento para geração dos dados

O instrumento para geração dos dados foi a entrevista com base em questionários do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF (KRUG, 2013). Cada pesquisador, na fase de coleta de dados, coletou-os utilizando um questionário que fosse do interesse de sua pesquisa (Anexos A e B).

Os dois questionários utilizados pelos pesquisadores em suas coletas de dados são compostos por questões semiestruturadas e elaborados no grupo de pesquisa ALCF. Os questionários foram utilizados com propósitos distintos, dependendo do objetivo da pesquisa.

As entrevistas de Itapiranga (oito entrevistas) e São João do Oeste (oito entrevistas) contaram com um questionário dividido em questões de tradução, conversa livre e leitura de texto em português. Já o questionário utilizado para a coleta

dos dados da cidade de Mondaí (oito entrevistas) consistiu em perguntas sobre questões de identidade, identificação de padrões identitários, papel da língua na constituição da identidade, o grau de bilinguismo dos informantes de sua comunidade, o reconhecimento da identidade e perguntas relacionadas a questões fonológicas. Além disso, esse questionário também conta com a leitura da Parábola do Filho Pródigo em alemão e em português.

Em nossa pesquisa, não focamos no conteúdo ou temática das entrevistas. Analisamos os dados apresentados por meio da conversa livre e das respostas dadas pelos entrevistados, focando, exclusiva e unicamente, na realização do fenômeno em variação, objeto de investigação desta pesquisa.

Os dados e os questionários utilizados em cada coleta de dados são exemplificados a seguir:

Quadro 13 – Quadro da coleta de dados

Localidade	**Metodologia de coleta de dados**
São João do Oeste	8 entrevistas realizadas em 2014. O questionário (Anexo A – Questionário I) da entrevista apresenta questões de tradução, tópicos direcionados à conversa livre e leitura de texto em português. Duração da entrevista: entre 07 a 25 minutos.
Itapiranga	8 entrevistas realizadas em 2014. O questionário (Anexo A – Questionário I) da entrevista apresenta questões de tradução, tópicos direcionados à conversa livre e leitura de texto em português. Duração da entrevista: entre 07 a 25 minutos.
Mondaí	8 entrevistas realizadas em 2015. O questionário (Anexo B – Questionário II) da entrevista consiste em perguntas e respostas, questões de tradução e leitura de texto em alemão e português. Duração da entrevista: entre 30 a 60 minutos.
Total	24 entrevistados

Fonte: Elaboração da autora

Com as entrevistas já coletadas nas três localidades, a nossa tarefa foi de transcrição dos áudios para posterior análise e produção dos cartogramas. Na tarefa de transcrição, somente foram transcritas as palavras que apresentaram o fenômeno da sonorização e da dessonorização, destacando somente a consoante que apresentou o fenômeno, por meio do uso de colchetes.

Com a transcrição, a análise dos dados e a produção dos cartogramas, foi possível apresentar os condicionadores linguísticos envolvidos na realização do fenômeno e também se há indicação de mudança em progresso.

4.3 Tratamento dos dados

Os dados analisados foram obtidos por meio das entrevistas realizadas por pesquisadores do ALCF, entre 2014 e 2015, em Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí. Os dados de Itapiranga e São João do Oeste, coletados em 2014, compõem, no total, 16 entrevistas. Os dados de Mondaí contam com 8 entrevistas e foram coletados no ano de 2015. No total, analisamos 24 entrevistas, compostas por informantes da geração II e geração I, de classe baixa e classe alta, do sexo masculino e feminino. Os 8 informantes de cada localidade são divididos nas categorias CaGII (classe alta geração II), CbGII (classe baixa geração II), CaGI (classe alta geração I) e CbGI (classe baixa geração I), contendo um homem e uma mulher em cada uma delas. A escolha dos informantes deu-se a partir da metodologia da pluridimensionalidade de Thun (1998; 2005; 2010), a qual segue um modelo em formato de cruz, apresentando as seguintes características:

Figura 13 – Características dos informantes

CaGII	CaGI
a) um homem e uma mulher acima de 55 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma	a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma
CbGII	**CbGI**
a) um homem e uma mulher acima de 55 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade básica (analfabeto até 2° grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que não exija o uso da escrita	a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos, b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos), c) com escolaridade básica (analfabeto até 2° grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que não exija o uso da escrita

Fonte: Thun (2010, p. 709)

Os critérios para a seleção dos informantes são os mesmos utilizados pelo Atlas Linguístico-Contatual das minorias Alemãs da Bacia do Prata-*Hunsrückisch* (ALMA-H), assim como do *Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU) e do Atlas Guaraní-Románico (ALGR), para facilitar a comparação entre os dados em pesquisas futuras.

Cabe salientar que a Dialetologia não analisa a classe social dos informantes a partir dos rendimentos, mas através da escolaridade. Por isso, a classe social é denominada de classe socioculturalmente alta e socioculturalmente baixa. Nesse sentido, o informante que possui ensino médio incompleto é considerado classe baixa (Cb), enquanto o informante que possui escolaridade superior (ensino médio completo ou graduação) é considerado classe alta (Ca).

Trazendo o formato em cruz para a nossa pesquisa, temos a seguinte distribuição de acordo com as características dos informantes (diastrática – Ca ou Cb; diageracional – GII ou GI; e diassexual – H ou M) em cada localidade investigada:

Figura 14 – Distribuição dos informantes no modelo em cruz

Itapiranga-SC			
CaGII		**CaGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
CbGII		**CbGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.

São João do Oeste-SC			
CaGII		**CaGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
CbGII		**CbGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.

Mondaí-SC			
CaGII		**CaGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.
CbGII		**CbGI**	
H	M	H	M
1 inf.	1 inf.	1 inf.	1 inf.

Fonte: Elaboração da autora

A Dialetologia também prevê a pluralidade de informantes, que consiste em realizar entrevistas com pelo menos duas pessoas que se conheçam, geralmente um homem e uma mulher. É possível, com a pluralidade de informantes, garantir dados qualitativos, a partir de discussões feitas entre os próprios informantes, além de possibilitarem uma análise metalinguística (RADTKE; THUN, 1996; THUN, 2010).

Além disso, com relação à idade, os informantes que possuem mais de 55 anos são considerados geração II (GII), e entre 18 e 36 anos, são considerados geração I (GI). Para cada célula, era esperada uma representatividade de pelos menos dois informantes, geralmente um homem e uma mulher, sendo dois da CaGII, dois da CbGII, dois da CaGI e dois da CbGI.

Nas entrevistas, foram considerados os diferentes estilos: (i) resposta ao questionário, (ii) conversa livre, em que os falantes puderam falar sobre determinados temas que contribuam para a fala espontânea, menos monitorada, como proposto por Labov (2008 [1972]) e (iii) leitura do texto “A Parábola do Filho Pródigo” (Lucas 14, 15). O uso desse texto nas pesquisas dialetológicas é considerado um clássico da Dialetologia Românica (THUN, 1998).

Nesta pesquisa, analisamos somente se a variação de sonorização e dessonorização ocorreu na conversa livre ou na resposta ao questionário, pois nem todos os entrevistados conseguiram fazer a leitura do texto, que é considerado o estilo mais monitorado.

A análise da nossa pesquisa parte do questionamento inicial, que consiste em responder quais contextos linguísticos e extralinguísticos atuam como condicionadores para a realização da variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão no Extremo Oeste Catarinense.

Inicialmente, a análise dos dados incluiu a etapa de transcrição. Ouvimos as entrevistas para posteriormente fazermos a transcrição fonética. Realizamos a transcrição fonética das palavras em que a dessonorização ou sonorização estivesse presente. As entrevistas de São João do Oeste e Itapiranga variaram entre 07 a 25 minutos, enquanto as entrevistas de Mondaí variaram entre 30 a 60 minutos. A diferença entre o tempo das entrevistas é considerável; contudo, posteriormente, na análise, é possível perceber que os resultados de Mondaí são extremamente baixos, mesmo com o tempo de entrevista sendo bem maior que em São João do Oeste e Itapiranga.

Após a transcrição, a primeira parte da análise envolveu a elaboração de gráficos para visualização dos dados. As ocorrências foram calculadas pelo número de vezes que houve a troca de uma consoante surda pela sonora ou de uma sonora pela surda. Nesse sentido, se em uma mesma palavra houve troca em duas sílabas distintas, então, calculamos duas (02) ocorrências para essa palavra, como é o caso da palavra [d]am[p]em, que totaliza duas (02) ocorrências do fenômeno, uma de sonorização (/t/>/d/) e outra de dessonorização (/b/>/p/).

As análises dos dados, inicialmente apresentadas por meio dos gráficos e dos cartogramas, seguem os objetivos da nossa pesquisa e, para isso, estão divididas em dimensão diatópica, dimensão diastrática e diageracional e dimensão diassexual. A dimensão diastrática é combinada com a diageracional pelo fato de seguirmos o modelo em formato de cruz (THUN, 1998).

Após a análise a partir dos gráficos, apresentamos os cartogramas para possibilitar a análise do fenômeno por meio do formato em cruz. Os gráficos foram elaborados por meio do programa Excel, e a base do cartograma foi elaborada pelo geógrafo e professor da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Prof. Dr. Silas Fonseca, que permitiu a inserção dos dados de pesquisa. Nos cartogramas, utilizamos o seguinte modelo de apresentação dos dados:

Quadro 15 – Apresentação dos dados

Símbolos	**Modelo**
	CaGII | **CaGI** **CbGII** | **CbGI**

Fonte: Elaboração da autora

Os símbolos utilizados referem-se a uma fonte, elaborada pelo professor Marcelo J. Krug e pelo professor Harald Thun na *Christian-Albrechts-Universität zu Kiel.* O símbolo completamente vazio indica que não houve ocorrências nesse grupo, enquanto o símbolo totalmente cheio, indica que há uma totalidade de ocorrências daquela porcentagem. Os cartogramas são acompanhados de uma legenda, indicando as porcentagens representadas por esses símbolos.

A partir da simbologia indicada e o modelo de cruz (THUN, 1998), apresentamos o total de ocorrências presentes na fala da CaGII, CbGII, CaGI e CbGI

nas três localidades, bem como viabilizamos a apresentação em gráficos para que seja possível verificar os fatores envolvidos na variação de sonorização e de dessonorização.

4.4 A perspectiva pluridimensional dos dados

Em nossa pesquisa, investigamos a variação de sonorização e de dessonorização por meio dos seguintes fatores extralinguísticos: o ponto de pesquisa, a faixa etária, a escolaridade e o sexo dos informantes.

Por meio da dimensão diatópica – ponto de pesquisa –, é possível registrar a variação no espaço geográfico, observando o movimento das variantes entre os pontos investigados. A diatopia pode ser considerada o aspecto mais relevante nos estudos dialetológicos; contudo, ela só tem sentido junto das demais variáveis sociais. Rossi (1967) entende que os fatos linguísticos só têm força e sentido à medida que são confrontados com outro fato correspondente em outro ponto ou área.

A partir da dimensão diageracional – faixa etária –, percebemos a dinâmica da variação em diferentes faixas etárias, pois, “ao controlar a faixa etária como um dos condicionadores, podemos observar se há uma distribuição contínua das diferentes formas através de sucessivas faixas etárias da população” (COELHO *et al*., 2012, p. 102). A análise, por meio da dimensão diageracional, também pode indicar se o fenômeno investigado apresenta variação estável ou mudança em progresso. Um fenômeno em variação pode indicar mudança quando for menos produtivo na fala de mais jovens, por exemplo.

A análise da dimensão diastrática – escolaridade – indica se a variação ocorre em pessoas mais ou menos escolarizadas. Na Dialetologia, a dimensão diastrática é avaliada a partir do grau de instrução do falante. Inspirada na ideia do *Atlas Linguistique de la France*, os informantes podem ser agrupados em duas classes: a socioculturalmente alta e a socioculturalmente baixa. Na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, a faixa etária e a escolaridade relacionam-se entre si, dando destaque aos dados em formato de cruz (Figura 13) (THUN, 1998).

A dimensão diassexual – sexo dos informantes – revela análises importantes a respeito do comportamento entre homens e mulheres frente à variação, pelo fato de que, na literatura, entende-se que as mulheres tendem a usar as variantes mais prestigiadas em relação aos homens (CHAMBERS; TRUDGILL, 2004).

A Dialetologia prevê a análise da língua a partir de diferentes dimensões (ver quadro a seguir) e, portanto, para a nossa pesquisa, analisamos a variação de sonorização e de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas, a partir das dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual:

Quadro 15 – Dimensões de análise utilizadas na pesquisa

Dimensão	Critério utilizado
1. Diatópica	Localidades do Extremo Oeste Catarinense: Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí.
2. Diageracional	Informantes mais jovens (GI), entre 18 e 36 anos e mais velhos (GII), acima de 55 anos.
3. Diastrática	Classe social com base na escolaridade. Informantes com ensino médio incompleto pertencem à classe baixa (Cb) e informantes cursando o ensino médio ou ensino superior pertencem à classe alta (Ca).
4. Diassexual	Homens e mulheres

Fonte: Elaboração da autora

Para que fosse possível verificar o fenômeno em variação de forma ampla, um dos objetivos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional é a produção de cartas linguísticas. Em nossa pesquisa, utilizamos a denominação cartograma pelo fato de apresentarmos o fenômeno em um mapa com pequenos pontos de pesquisa. Mesmo assim, as cartas linguísticas, em geral, segundo Busse (2010, p. 72),

> acabam registrando todo o movimento da língua, e, na sua forma mais detalhada, podem oferecer, o que antes era uma 'fotografia' da fala de determinado grupo e em determinada área, uma 'imagem em movimento' do comportamento linguístico dos falantes em diferentes situações de comunicação.

Uma metodologia que tem o objetivo de elaborar cartas linguísticas "permite ao leitor não só saber onde se diz tal coisa, mas que tipo de falante – homem-mulher, jovem-velho, escolarizado-não escolarizado – é responsável por aquele enunciado" (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 860). Um Atlas Linguístico, segundo Brandão (1991, p. 25), "é o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfossintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico". Dessa forma, a partir dos mapas, é possível verificar, visualmente, as diferentes variedades e variantes que coexistem em determinada região.

Nesta seção, apresentamos o aporte metodológico utilizado na pesquisa. Escolhemos essa metodologia pelo fato de ser uma forma que representa a realidade linguística brasileira. A Dialetologia, de acordo com Brandão (1991, p. 11), “se mostra de excepcional utilidade para o conhecimento das variedades regionais de uma língua”. Além disso, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional é a que atende melhor às características e exigências de nossa pesquisa, uma vez que envolve o contato entre duas línguas em três localidades de pesquisa.

Na seção a seguir, descrevemos e analisamos os dados da pesquisa, apresentando-os por meio de gráficos e cartogramas.

5 ANÁLISE DOS DADOS DA FALA DO EXTREMO OESTE CATARINENSE

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados das 24 entrevistas que foram ouvidas e transcritas e, a partir da transcrição, elaborados gráficos e cartogramas para efetivação da análise.

Iniciamos nossa análise partindo da dimensão diatópica, para, em seguida, analisarmos as dimensões diageracional e diastrática e, ao final, a diassexual. A dimensão diageracional combinada com a diastrática foi inserida nos cartogramas 01 e 02, em que buscamos demonstrar o total de ocorrências de dessonorização (cartograma 01) e sonorização (cartograma 02), registradas em cada célula (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI), nas três localidades.

Os dados analisados foram inseridos no Apêndice B e, por meio da transcrição fonética, chegamos a um total de 178 ocorrências de dessonorização e 28 de sonorização de consoantes oclusivas e fricativas, sendo possível verificar alguns exemplos nos quadros a seguir:

Quadro 16 – Exemplos de dessonorização obtidos na análise

Palavra	Pronúncia realizada	Fenômeno
Hoje	ho[ʃ]e	/ʒ/ > /ʃ/
Vezes	ve[s]es	/z/ > /s/
Alguém	al[k]em	/g/ > /k/
Branca	[p]ranca	/b/ > /p/
Dormir	[t]ormir	/d/ > /t/

Fonte: Dados do ALCF (2022)

Quadro 17 – Exemplos de sonorização obtidos na análise

Palavra	Pronúncia realizada	Fenômeno
País	[b]aís	/p/ > /b/
Terceira	[d]erceira	/t/ > /d/
Coloca	[g]oloca	/k/ > /g/

Fonte: Dados do ALCF (2022)

Elaboramos os gráficos e fizemos a inserção dos dados nos cartogramas linguísticos. O mapa da área que compreende as três localidades foi elaborado

exclusivamente para fins desta pesquisa, pelo professor Doutor Silas Rafael Fonseca (UNESPAR/União da Vitória), que autorizou a inserção dos dados.

Nossa análise está orientada pela pergunta: quais contextos linguísticos e extralinguísticos atuam como condicionadores para a realização da variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão no Extremo Oeste Catarinense? A partir da pergunta, organizamos esta seção em duas subseções, a saber, item 5.1, em que apresentamos, por meio de cartogramas e gráficos, o registro dos dados a partir das variáveis extralinguísticas, e item 5.2, em que são registrados os dados a partir dos fatores intralinguísticos.

5.1 Condicionadores extralinguísticos

Nesta seção, apresentamos os condicionadores extralinguísticos envolvidos na realização do fenômeno de sonorização e de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português. Inicialmente, apresentamos a variação dos fenômenos a partir das localidades – dimensão diatópica –, e após, descrevemos o fenômeno por meio da dimensão diastrática, diageracional e diassexual.

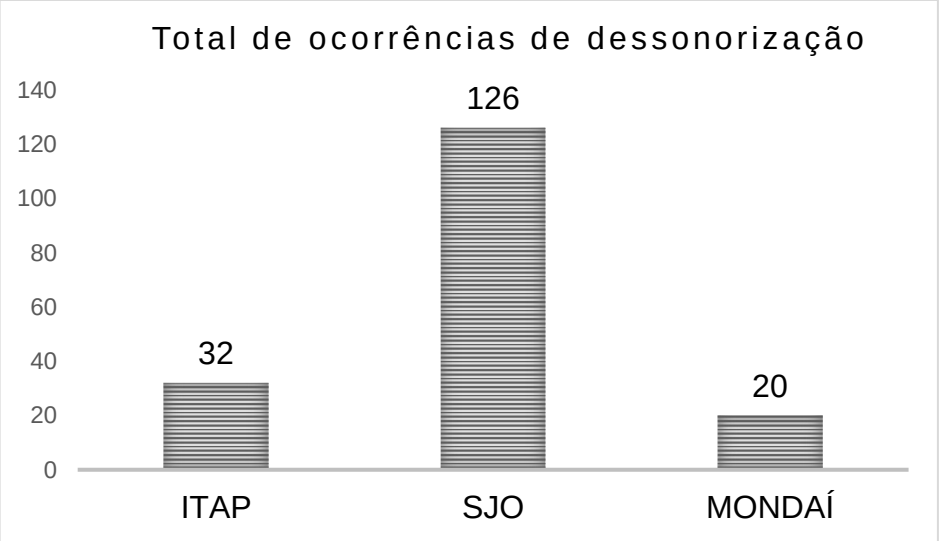
5.1.1 A arealidade dos fenômenos de sonorização e dessonorização no Extremo Oeste Catarinense

A formação histórica, cultural e linguística do Extremo Oeste Catarinense é fortemente marcada pelo contato entre línguas e culturas distintas. Essa região, colonizada por imigrantes que buscavam uma vida melhor, apresenta, em si, uma característica cultural que, em partes, se diferencia das demais regiões do Brasil. Alguns moradores do Extremo Oeste Catarinense tendem a se sentir mais alemães que brasileiros, principalmente pelo fato de a língua de imigração ainda estar muito presente nessas comunidades. Também é comum os falantes denominarem “gringo” para o descendente de italiano e “brasileiro” (*Brasilianer*) aqueles que são nascidos no Brasil, sem descendência europeia (CORBARI, 2013).

Com relação aos traços linguísticos presentes na fala da região, conforme apresentados na introdução desta pesquisa, destacam-se os fenômenos da sonorização e dessonorização das consoantes. A partir do fenômeno, os dados indicam uma realidade heterogênea quanto aos municípios, sendo que São João do

Oeste (SJO) se coloca com mais produtividade do fenômeno, tanto de dessonorização quanto de sonorização, enquanto Itapiranga (ITAP) e Mondaí se assemelham no registro da variação, como podemos observar nos gráficos a seguir:

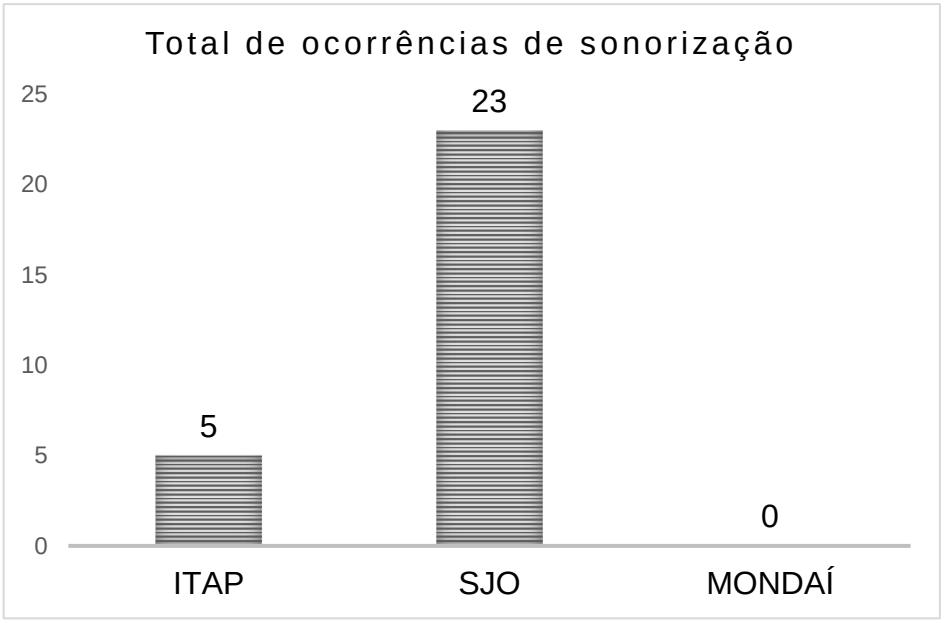
Gráfico 1 – Total de ocorrências de dessonorização nas três localidades



Fonte: Elaboração da autora

Conforme o gráfico 1, os informantes do município de São João do Oeste apresentaram maior índice de realização do fenômeno de dessonorização. Mesmo em menor número de registros em comparação à variação de dessonorização, como é possível verificar no gráfico 2, São João do Oeste também se destaca quanto à sonorização das consoantes oclusivas e fricativas:

Gráfico 2 – Total de ocorrências de sonorização nas três localidades



Fonte: Elaboração da autora

As ocorrências do fenômeno de dessonorização (troca de consoantes sonoras por surdas), conforme os dados, é mais produtiva em comparação com as ocorrências de sonorização. Esse resultado revela uma relação direta com a estrutura linguística do alemão, já que a dessonorização é algo que comumente ocorre nessa língua. Segundo Miarelli (2019), a dessonorização das oclusivas e fricativas é frequentemente encontrada na língua alemã.

O município de Mondaí, dentre os três pontos da pesquisa, apresenta os menores registros do fenômeno. Wolschick (2016, p. 99), ao comparar a realidade linguística de Mondaí com São João do Oeste, destaca que

> os informantes de São João têm a sua disposição mais áreas de contato que os de Mondaí, ou seja, eles podem usar as suas duas línguas praticamente em qualquer lugar em seu município, inclusive no Banco e no correio, pois há pessoas nesses locais que falam o alemão. A realidade de Mondaí já é diferente, há lugares na cidade em que se fala somente a língua majoritária [o português].

Além de dispor de menos contextos que possibilitam a comunicação em alemão em Mondaí, outro fator importante que pode influenciar as ocorrências de dessonorização e de sonorização das consoantes oclusivas e fricativas é o fato de que, no município de Mondaí, há a presença de uma variedade linguística do tipo *Deutsch,* ou seja, o alemão falado nessa localidade é mais próximo do alemão-padrão. Sendo assim, é possível que, ao falarem uma variedade diferente, possam demonstrar

um uso mais prestigiado e, consequentemente, terem uma monitoração maior ao falar o português. Outra possibilidade, além do uso de um alemão diferente, é o fato de o alemão não estar tão presente na fala no dia a dia, em comparação com São João do Oeste e Itapiranga, como apresentado por Wolschick (2016). Em uma das entrevistas realizadas em Mondaí, uma informante relata que o alemão de Mondaí é diferente das demais localidades e que, inclusive, é difícil de compreender o alemão falado em São João do Oeste.

O município de São João do Oeste carrega o título de Capital Catarinense da Língua Alemã (Lei nº 14.467 de 23/07/2008); por isso, também é possível inferir a vitalidade do alemão como língua materna nessa comunidade. Além disso, geograficamente, São João do Oeste é um município que está isolado dos municípios vizinhos, como podemos ver na figura a seguir:

Figura 15 – Localização de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí

Fonte: Google Maps (2021)

Na figura, vimos que os municípios de Itapiranga e Mondaí estão próximos à rodovia SC 283 e ambos fazem divisa com o estado do Rio Grande do Sul. Além disso, Itapiranga e Mondaí recebem muitos trabalhadores de outros municípios, devido à empresa JBS Foods em Itapiranga e à indústria moveleira Henn em Mondaí. Itapiranga também conta com uma instituição de ensino privada, a Unidade Central de Educação Faem Faculdade (UCEFF).

Em São João do Oeste, está localizada a empresa de laticínios “Lac Lélo”, a qual também recebe trabalhadores de outras regiões. Contudo, a indústria está distante do centro da cidade e das comunidades do interior, não havendo a circulação e a convivência entre essas pessoas que diariamente se deslocam para o trabalho.

O município de São João do Oeste também conta com uma atração turística, o parque de águas termais Termas São João. Com o crescimento do turismo, o município teve de pensar em melhorias e maneiras de conquistar o turista o ano todo, de forma que, no mês de julho, acontece a Semana Alemã – *Deutsche Woche,* uma semana inteira com festividades típicas alemãs, a fim de mostrar aos turistas e à população em geral a cultura alemã, os costumes, as danças e, principalmente, a culinária. Nessa semana, todas as atividades dão prioridade ao uso da língua alemã. De forma semelhante, acontece a *Oktoberfest* em Itapiranga, uma festa típica alemã que ocorre no mês de outubro (*Oktober).*

Dado o contexto das três localidades de pesquisa, entendemos que os falantes de São João do Oeste preservam a sua língua materna e toda a sua cultura, pois convivem diariamente com as duas línguas, com pouco contato com localidades próximas e, consequentemente, com outros falantes. Beline (2010, p. 129) apresenta que a convivência e a comunicação intensa entre os falantes interferem na forma como falamos. “Tendemos a falar como aquelas pessoas com quem mais falamos”, o que Bortoni-Ricardo (2004) denomina de rede social ou grupo de referência.

A cultura e a tradição alemãs de São João do Oeste são um atrativo para os turistas. Ao destacar que o município é considerado a Capital Catarinense da Língua Alemã, supomos que há ainda muitos falantes dessa língua na localidade, em comparação às demais. O contato do alemão com o português e as transferências linguísticas entre as duas línguas podem ser justificativas quanto ao alto número de ocorrências do fenômeno de dessonorização e sonorização no município de São João do Oeste, em comparação com Itapiranga e Mondaí. Destacamos também que o entrevistado de São João do Oeste que realizou um alto número de ocorrências de dessonorização e sonorização, elevando o número dessa localidade, é residente da zona rural, o que pode indicar uma vitalidade maior da língua alemã, e, ao falar o português, apresenta dificuldade no traço sonoridade.

A relação das variáveis sociais na distribuição do espaço geográfico é o que torna a Dialetologia Pluridimensional e Relacional inovadora em relação à Monodimensional. Por isso, na sequência, apresentamos nossa análise com base nas

três dimensões que formam o cerne da Dialetologia Pluridimensional e Relacional: a dimensão diatópica combinada com a diastrática e diageracional.

5.1.2 Dimensão diatópica, diastrática e diageracional

A idade e a escolaridade são fatores que interferem significativamente no fenômeno em variação. Eckert (1998) entende ser necessário considerar a idade junto aos demais fatores sociais, pois o mesmo indivíduo, ao longo da vida, pode ocupar papéis diferentes, incluindo formas de falar diferentes, dependendo do momento da vida em que está. Segundo Paiva (2016), “se numa comunidade de fala convivem indivíduos de diferentes faixas etárias, convivem igualmente estágios de uma mesma língua situados em vários pontos do tempo”.

Aos mais jovens, há uma pressão para o uso das formas mais inovadoras, enquanto os mais velhos tendem a ser mais conservadores em seus usos linguísticos. O conservadorismo, segundo Eckert (1998), é causado, muitas vezes, pela pressão do local de trabalho e pode ter relação direta com a escolaridade do falante.

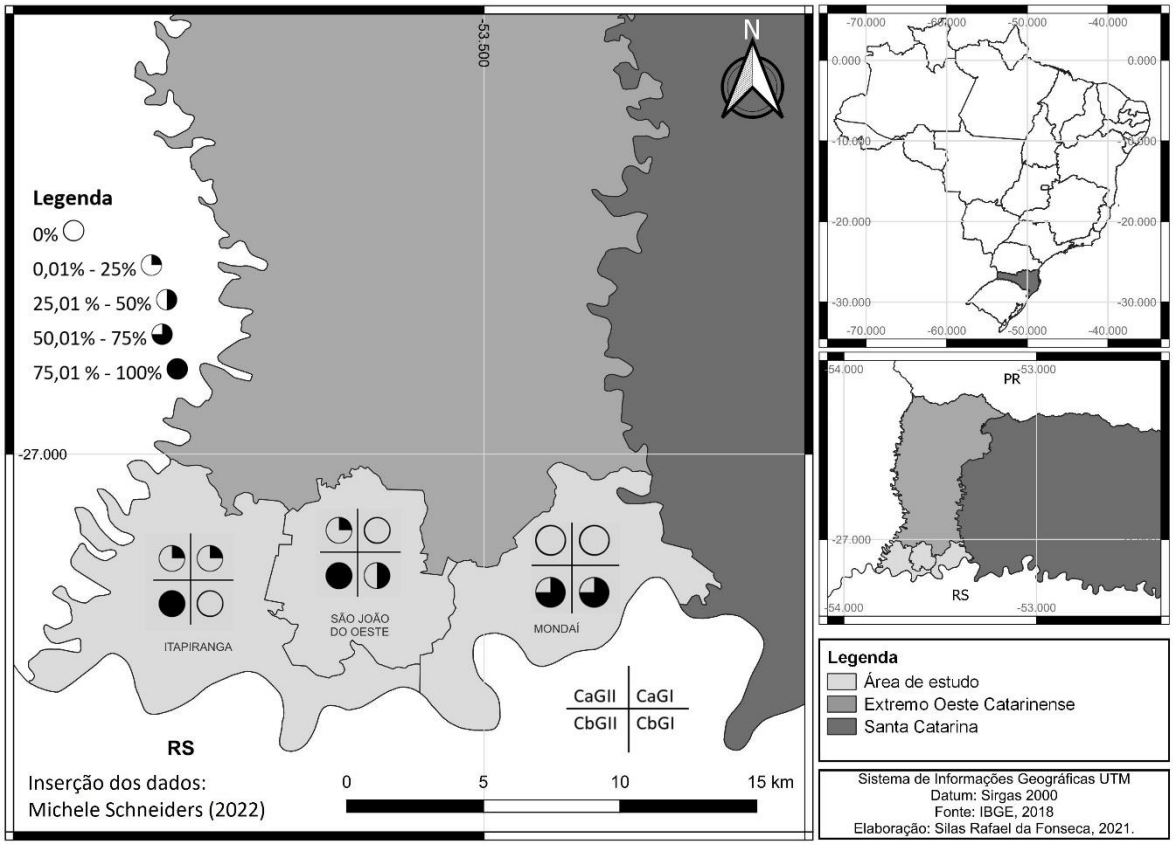
As dimensões diastrática e diageracional, somadas à dimensão diatópica – pontos de pesquisa, são responsáveis por formar o modelo em cruz, proposto por Thun (1998), e caracterizam a proposta da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Com base em Thun (1998), as dimensões diastrática[37] e diageracional são inseridas em formato de cruz para que seja possível verificar a relação entre a idade e a escolaridade dos informantes. Essa relação considera que falantes com idade superior a 55 anos e com Ensino Médio completo e/ou Ensino Superior pertencem a CaGII (classe alta, geração II), falantes com idade superior a 55 anos com Ensino Médio incompleto pertencem a CbGII (classe baixa, geração II), falantes com idade entre 18 e 36 anos e com Ensino Médio completo e/ou Ensino Superior pertencem a CaGI (classe alta, geração I) e falantes com idade entre 18 e 36 anos e Ensino Médio incompleto pertencem a CbGI (classe baixa, geração I).

Para a apresentação dos dados em formato de cruz, utilizamos os cinco símbolos para distinção da porcentagem total de ocorrências (cf. quadro 15). Obtivemos um total de 178 ocorrências de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas e 28 ocorrências de sonorização das consoantes oclusivas e fricativas. A partir do total de ocorrências de dessonorização e sonorização, apresentamos a

[37] A dimensão diastrática é entendida como a classe social com base na escolaridade.

porcentagem de ocorrências nos quatro grupos (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI), inseridas nas três localidades. No cartograma 1, apresentamos as ocorrências do fenômeno de dessonorização em cada localidade, de acordo com os registros nas dimensões diastrática e diageracional.

Cartograma 1 – Total de ocorrências de dessonorização em cada grupo



Fonte: Elaboração da autora

A partir do cartograma, é possível perceber a transição das variantes entre as variáveis sociais no espaço geográfico. Nos grupos sociais indicados, as três localidades apresentam dinâmicas próximas quanto à realização do fenômeno da dessonorização das oclusivas e fricativas.

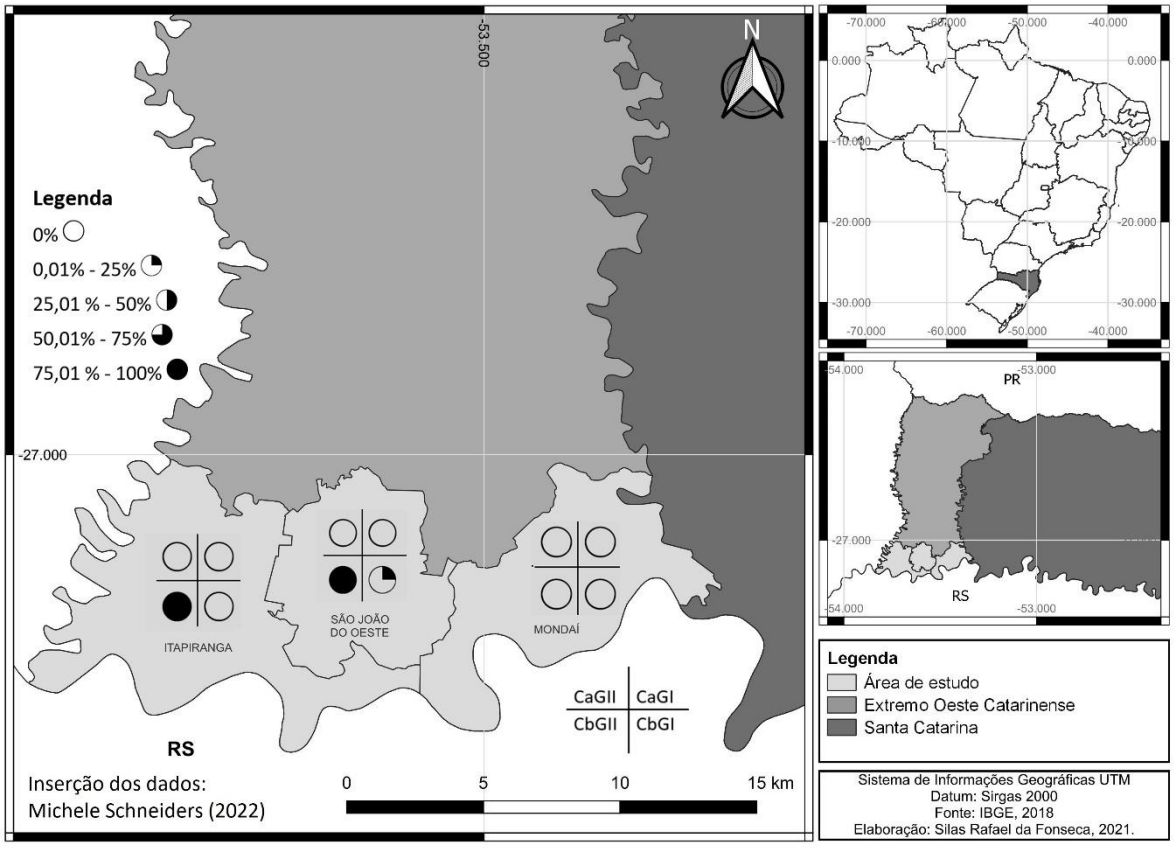
Na CbGII, que consiste em informantes com baixa escolaridade e com mais de 55 anos, percebemos que há um número maior de ocorrências. Das ocorrências de dessonorização na CbGII em cada localidade, Itapiranga apresenta 84,4% de ocorrências, São João do Oeste, 79,4%, e Mondaí, 45% ocorrências. Gewehr-Borella (2014, p. 130), ao analisar o fator escolaridade, também destaca que

> é preciso considerar que os informantes da Ca possuem, de modo geral, um grau de proficiência maior em português, do que os da Cb, tendo em vista que as práticas linguísticas da Ca, em função inclusive de sua ocupação e *modus vivendis*, tendem a ser frequentes em português.

Os informantes da CbGI, apesar de serem jovens, também apresentaram um número significativo de ocorrências de dessonorização em São João do Oeste e em Mondaí. Já em Itapiranga não houve ocorrências nesse grupo. A escolaridade é fator importante na realização das ocorrências, considerando que o número é relativamente baixo nos grupos da CaGII e CaGI nas três localidades.

As ocorrências de sonorização são predominantes também na Cb, mesmo que em número menor, como é possível verificar a seguir:

Cartograma 2 – Total de ocorrências de sonorização em cada grupo



Fonte: Elaboração da autora

Em Mondaí, não houve ocorrências de sonorização de consoantes oclusivas e fricativas. Itapiranga e São João do Oeste apresentam um registro significativo na CbGII (81,3% em SJO e 90% em Itapiranga), o que demonstra uma grande influência

da escolaridade no registro dos fenômenos, tanto de dessonorização quanto de sonorização.

Podemos destacar que a realização das trocas dos fonemas está presente em maior proporção na classe baixa. Isso pode revelar que esses falantes tiverem pouco contato com o ensino formal e, sobretudo, com o ensino de português. Geralmente, os falantes da classe baixa, como é possível perceber nas entrevistas, têm o alemão como língua materna e só aprenderam português na escola. Como consequência da baixa escolaridade, não desenvolveram seus conhecimentos em português, não conseguindo perceber a diferença entre os dois sistemas linguísticos, ou, ainda, apresentam ocupações que não requerem o uso do português com muita frequência, como, por exemplo, atividades na lavoura, agricultura, atividades domésticas, etc.

Por meio das entrevistas, observamos que os falantes da classe baixa não percebem que realizam a troca dos fonemas. Como exemplo, no trecho a seguir, em que uma informante da CbGII, ao ver que seu neto a interrompera no momento da entrevista:

> Entrevistada: – Ela está [k]ravando
> Neto: – O quê?
> Entrevistada: – Ela está [k]ravando
> Entrevistadora: – Eu estou GRAvando
> Neto: – Ah, eu tinha entendido TRAvando

Se a informante da CbGII tivesse percebido que o neto poderia não ter entendido a forma como disse pelo fato da troca entre [g] e [k], talvez pudesse pronunciar com [g]. Porém, de forma geral, para os falantes bilíngues, a troca das consoantes não é perceptível.

Os informantes da classe alta podem apresentar maior contato com o português e, principalmente, um conhecimento da língua escrita que pode interferir no conhecimento da estrutura linguística da fala. O conhecimento da modalidade escrita do português contribui para que o fenômeno da dessonorização e da sonorização seja quase nulo, principalmente por compreenderem que os dois sistemas linguísticos possuem regras distintas. Percebemos que os falantes com menos escolaridade e, principalmente, os da GII são os que mais realizam a troca das consoantes. Nesta pesquisa, a idade, junto à baixa escolaridade, revela uma forte influência na realização do fenômeno.

Por meio da dimensão diageracional, é possível compreender a dinâmica dos fenômenos em variação, principalmente se o fenômeno se caracteriza como uma

variação estável, quando duas formas em variação podem conviver, sem que ocorra a substituição de uma por outra, ou mudança em progresso, quando uma é substituída por outra. Essa situação é apresentada por WLH (2006[1968], p. 126) como “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”.

A variável faixa etária também é apresentada como um fator condicionador importante frente ao fenômeno de variação. Os informantes da pesquisa consideram que não falam o alemão correto, aquele que é falado na Alemanha, e destacam que, por terem aprendido primeiro o alemão, têm dificuldade com o português. Ao ser questionado pela inquiridora sobre quem fala “melhor” português, se o descendente de italiano ou de alemão, um informante da GI menciona que nenhum dos dois, porque o descendente de alemão fala “*amanhãm nóis [f]amo lá pra Iporãm*[38]*”.* O modo como os falantes percebem a língua ao seu redor demonstra também suas atitudes, que podem ser listadas como “não ter interesse em aprender a língua, não querer ensiná-la para seus filhos e preferir que falem português e não alemão”. Há situações referentes a crenças e atitudes linguísticas que também mostram que alguns informantes podem considerar o alemão muito difícil ou que fala muito enrolado (CORBARI, 2013).

Podemos caracterizar o exemplo acima mencionado como um estereótipo, já que o informante julga que nem o falante de alemão, nem o italiano sabem falar bem o português, o que talvez pode também gerar atitudes negativas frente ao uso do alemão.

Já os falantes de São João do Oeste, durante as entrevistas, parecem apresentar certa lealdade linguística em relação a sua língua materna. Sentem orgulho da comunidade onde vivem e, principalmente, preocupação com a manutenção da língua. A lealdade linguística é, de acordo com Weinreich (1979), um “princípio no qual as pessoas empenham a si mesmas e os outros falantes conscientemente e explicitamente a resistir a toda mudança no funcionamento, na estrutura e no vocabulário da língua”[39]. Poderíamos dizer que os falantes dessa comunidade defendem o alemão e seus valores a todo custo.

---

[38] Referência à cidade de Iporã [do Oeste] (SC).

[39] Tradução nossa. No original: *“Language loyalty might be defined, then, as a principal, in the name of which people will rally themselves and their fellow speakers consciously and explicitly to resist changes in either the functions of their language or in the structure or vocabulary”.*

Em experiências do cotidiano, observamos que adolescentes que não compreendem alemão demonstram um certo descaso e/ou repulsa pela língua. Nesses casos, é comum que os pais utilizem a língua para tratarem de assuntos importantes e que não devem ser conhecidos pelos filhos. Há, nesses contextos, situações familiares em que o filho fica com raiva por não poder entender o que está sendo tratado na conversa, pelo fato de o assunto ser de interesse somente dos pais e, por isso, utilizarem o alemão para esse fim. Com relação aos mais jovens, o uso do alemão, muitas vezes, fica restrito às situações de âmbito familiar, ou seja, somente com os pais ou familiares. No trabalho, os mais jovens utilizam o alemão somente em situações em que o falante/cliente não consegue se expressar em português. Gewehr-Borella (2014) também relata que a interação com a língua portuguesa e o contato com os meios de comunicação em português é muito maior entre os mais jovens, em comparação aos mais velhos.

Nas comunidades investigadas, há diferentes ações que são importantes para a manutenção da língua, caracterizadas como políticas linguísticas *in vivo,* já que são trazidas pelos próprios falantes em sua comunidade de fala. Para Calvet (2002, p. 133), políticas linguísticas são “escolhas conscientes referentes às relações entre língua e vida social”. Em São João do Oeste, por exemplo, o comércio solicita que todos os funcionários saibam falar alemão, sendo, inclusive, uma exigência para ser contratado. Na rede social de uma loja da cidade de São João do Oeste, as proprietárias inseriram a seguinte postagem: *“Temos vaga para o sexo feminino!!!, função: caixa/vendedora, requisitos: falar a língua alemã, ser comunicativa e prestativa*”. Se os mais jovens buscam emprego na cidade, de alguma forma, o alemão precisa estar presente e, neste caso, é requisito *sine qua non* para ser contratado, pelo fato de muitos moradores não conseguirem se comunicar bem em português.

Se compararmos São João do Oeste com Itapiranga e Mondaí, podemos dizer que as duas últimas são mais urbanas; ou seja, nelas, há mais oportunidades para os mais jovens. Em Itapiranga, a presença da universidade faz com que muitos jovens tenham contato com outras pessoas e, consequentemente, utilizem mais o português. Em Mondaí, as grandes indústrias trazem grande rotatividade de pessoas no município, além da possibilidade de acesso ao Rio Grande do Sul pelo Porto da Balsa “Navegação Porto Feliz” em Mondaí e pela Balsa Rio Uruguai em Itapiranga. Nessas duas localidades, o contato com pessoas de culturas distintas e residentes de outros municípios pode indicar que o alemão seja utilizado somente em situações mais

específicas e no âmbito familiar, pelo fato de, muitas vezes, nem todos terem o conhecimento[40] dessa língua. São João do Oeste está mais isolado e parece ser mais conservador quanto à preservação do alemão, até mesmo para fazer jus ao título de Capital Catarinense da Língua Alemã e por ser uma cidade turística.

A partir da análise dos dados e de todo contexto situacional de uso da língua pelos mais jovens, os resultados indicam uma possível mudança em progresso quanto ao fenômeno de sonorização e de dessonorização na fala do Extremo Oeste Catarinense, pelo fato de o número de ocorrências ser muito baixo em relação à fala dos mais velhos em Itapiranga e em São João do Oeste. Em Mondaí, consideramos que possivelmente a variação já esteja praticamente em mudança, considerando o fato de a realização de sonorização e dessonorização ser muito baixa na fala dos informantes. Esses resultados comprovam também os estudos de Gewehr-Borella (2014), Lara (2017) e Martins (2013) sobre a dessonorização e a sonorização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul.

5.1.3 Dimensão diassexual

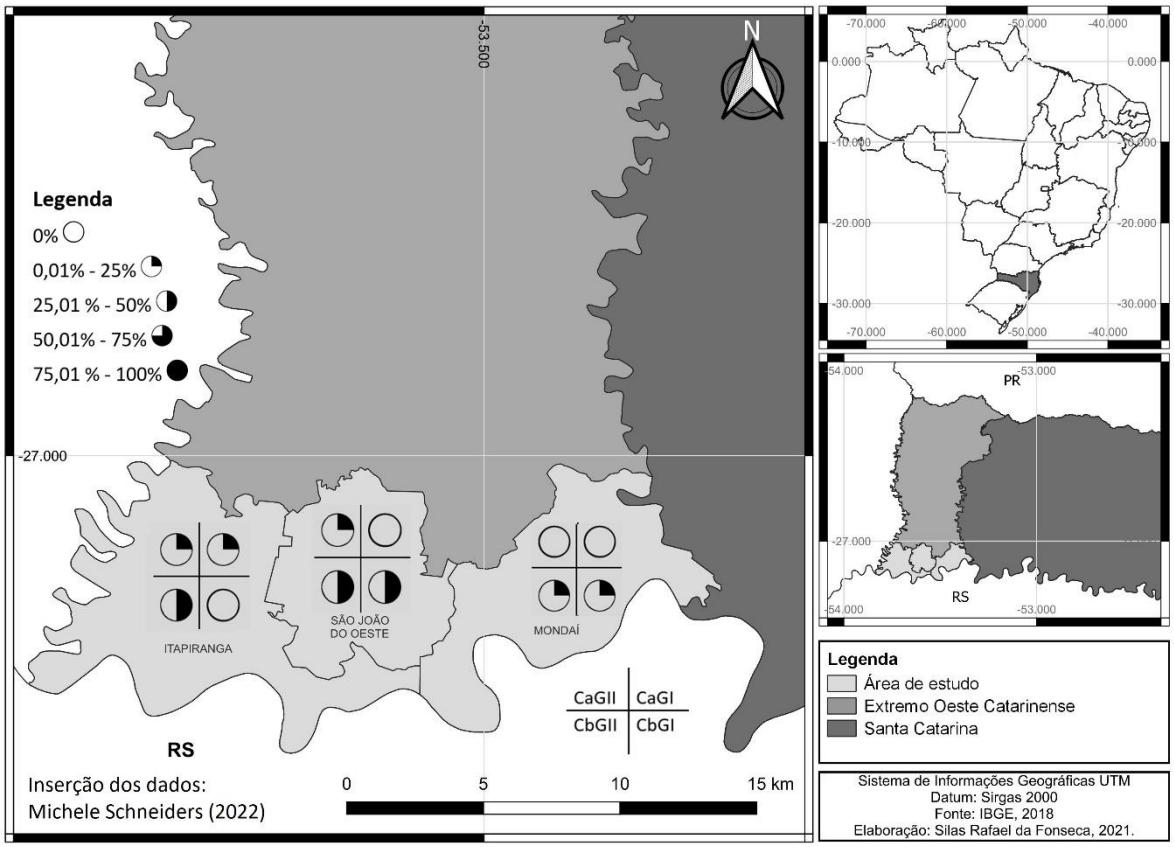
A análise dos dados por meio da dimensão diassexual demonstra a relação que homens e mulheres têm com sua língua. Considerando que a língua é identidade e cultura, também é possível saber, por meio do uso, o conhecimento que os falantes têm sobre as formas variáveis. Para Labov (2008), as mulheres são mais sensíveis às formas inovadoras e se corrigem mais, além de liderarem a mudança linguística. Os homens, em contrapartida, têm menos preocupação com a língua em comparação às mulheres, que tendem a utilizar mais as formas prestigiadas. Weinreich (1979) destaca que os homens tendem a usar mais as línguas minoritárias, em comparação com as mulheres.

A apresentação dos dados foi inserida novamente no modelo em cruz, em que analisamos a variação do fenômeno a partir da dimensão diassexual somada da

[40] É comum que os falantes de São João do Oeste, sobretudo os mais velhos, quando saem da cidade e visitam cidades próximas, falem alemão com as pessoas, mesmo sem conhecê-las, pois pensam que todos entendem. Em uma situação familiar, quando minha avó precisou ser internada no hospital de Chapecó (SC), falava em alemão com os demais pacientes do quarto, até que avisaram que eram de Mondaí (SC) e não entendiam alemão.

diastrática e diageracional. No cartograma a seguir, destacamos a variação do fenômeno de dessonorização com relação às mulheres:

Cartograma 3 - Total de ocorrências de dessonorização entre mulheres



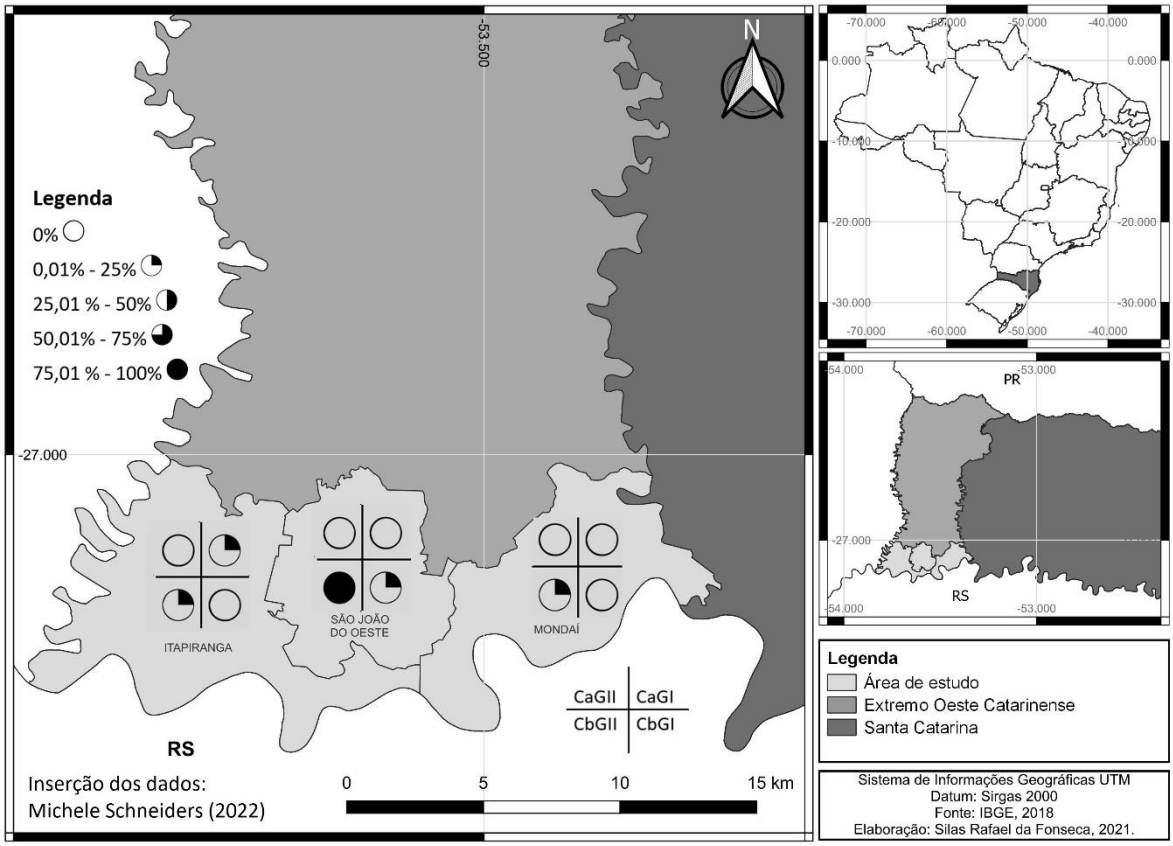
Fonte: Elaboração da autora

Percebemos que, a partir dos resultados, as mulheres da classe baixa realizaram mais o fenômeno de dessonorização. Além disso, em São João do Oeste e em Mondaí, a geração I apresenta realizações do fenômeno, mesmo que em menor proporção, o que demonstra um resultado interessante, já que se esperava que as mulheres mais jovens fossem mais sensíveis às normas de prestígio.

Com relação aos dados, obtivemos um total de 81 ocorrências de dessonorização entre as mulheres, sendo que, dessas, 50% foram realizadas pelas mulheres da CbGII. Da geração CbGI, tivemos um resultado de 43%. Da classe alta, apenas 7% das mulheres realizaram a dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas.

Com relação à variação de dessonorização entre os homens, o cartograma a seguir demonstra um resultado distinto:

Cartograma 4 - Total de ocorrências de dessonorização entre homens



Fonte: Elaboração da autora

Os resultados foram interessantes, pois esperávamos registros semelhantes nos três municípios. Os homens não apresentaram resultados significativos para a realização do fenômeno. Somente em São João do Oeste os homens realizaram mais a dessonorização em comparação às mulheres. Nas demais localidades, foram as mulheres que estiveram à frente na realização da variação de dessonorização.

Com relação aos dados, obtivemos um total de 97 ocorrências de dessonorização entre os homens, sendo que dessas, 98% foram realizados pelos homens de classe baixa e da geração II (CbGII), e o restante das ocorrências foi realizada por homens da GI, sendo uma ocorrência na CaGI em Itapiranga e outra na CbGI em São João do Oeste. Destacamos que, nas localidades investigadas, os responsáveis pelo gerenciamento das principais indústrias (Indústria Moveleira Henn e JBS Foods) são homens, o que pode também indicar que as mulheres estejam ocupando outros lugares dentro dessas localidades.

O fenômeno de sonorização apresentou baixos registros. Em São João do Oeste, tivemos apenas duas ocorrências de sonorização entre as mulheres da CbGI e cinco na CbGII em Itapiranga. Com relação aos homens, em São João do Oeste,

obtivemos 21 ocorrências de sonorização na CbGII. Em Itapiranga, não houve ocorrências de sonorização entre homens, e em Mondaí, não houve ocorrências de sonorização. Pelo baixo percentual de ocorrências de sonorização, decidimos por não inserir esses dados no cartograma.

Os resultados demonstraram que a variação está presente mais entre as mulheres de Itapiranga e em Mondaí em comparação aos homens. A partir desse resultado, observamos que a mulher que chegou a Porto Novo e Porto Feliz era encarregada do serviço doméstico e do cuidado dos filhos, enquanto o homem saía para trabalhar. Geralmente, o homem e a mulher, após o casamento, tinham muitos filhos, para que eles pudessem auxiliar no trabalho de casa. A filha mulher cuidava dos irmãos e da casa, assim como a mãe, enquanto o filho homem trabalhava na lavoura.

Na época de colonização, a mulher era vista como alguém que foi feita para casar e ter vários filhos, como consta no trecho a seguir, retirado de Eidt (2009, p. 202): "– Deves ater-te estritamente aos três compromissos mais sublimes de uma mulher, que são *Kinder, Kirche e Küche* (filhos, igreja e cozinha) – Pois se veem neles claramente expressas a dignidade da mulher, nada fora disso é agradável a Deus!*".* A partir dessa afirmação, proferida pelo padre no momento do casamento, podemos compreender como era vista a mulher imigrante.

Por ser uma região colonizada por jesuítas, as características culturais foram centradas e controladas pela religião. De acordo com Jungblut (2000, p. 550), "a mulher era mais pecadora ou adúltera do que o homem, no conceito da sociedade cristã, cabendo-lhe uma culpa maior se não única nos pecados libidinosos". Nesse sentido, algumas mulheres que vivem na região do Extremo Oeste Catarinense ainda carregam resquícios dessa visão da época, ou seja, permaneceram trabalhando em casa e não saíram para estudar.

Podemos inferir que o condicionador extralinguístico mais influente na variação é a idade somada da baixa escolaridade e o local de residência, se zona rural ou urbana. As mulheres de classe baixa realizaram a troca das consoantes, enquanto as mulheres da classe alta demonstraram um maior conhecimento do sistema linguístico do português e, por isso, perceberam a diferença entre as consoantes surdas e sonoras do alemão e do português. Os falantes da zona rural tendem a utilizar mais o alemão e, por isso, acabam por realizar mais as trocas quando falam o português.

Outro fator interessante é a comparação com outras línguas. É possível perceber que, com relação ao alemão, as mulheres acabaram por realizar mais o fenômeno de dessonorização, o que pode indicar que são elas que utilizam mais o alemão no dia a dia. Para Weinreich (1979), homens ou mulheres podem estar sujeitos a um maior contato com uma segunda língua. Como exemplo, o autor apresenta o que ocorre na Macedônia, em que as mulheres costumam ser monolíngues, enquanto seus maridos são bilíngues ou ainda multilíngues.

Comparando com o polonês, os estudos de Hasselstron (2018) e Wepik (2017) demonstram que, em Nova Erechim, no Oeste Catarinense, as mulheres mantêm mais a língua eslava em comparação aos homens. Com relação ao *Talian,* as pesquisas realizadas por Zamaro (2021) e Matozo (2018) demonstram que, em Chapecó, também no Oeste Catarinense, as mulheres mantêm mais essa variedade linguística e apresentam mais contextos de uso dessa língua.

No geral, o fenômeno é realizado tanto por homens quanto por mulheres, não sendo possível afirmar, com precisão, que a dimensão diassexual influencia na realização da dessonorização e sonorização.

Compreendendo mais a fundo quais os fatores extralinguísticos que condicionam a variação, no tópico a seguir, apresentamos os condicionadores intralinguísticos que interferem na variação de sonorização e dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas.

5.2 Condicionadores intralinguísticos

Os condicionares intralinguísticos, assim como os extralinguísticos, também são importantes na realização de um determinado fenômeno em variação. Ao afirmar que o sistema linguístico se relaciona com fatores externos e internos, é possível destacar que há condicionadores internos que influenciam o fenômeno em variação. Nessa pesquisa, investigamos, por exemplo, o número de sílabas, a tonicidade da sílaba e a característica da ocorrência, ou seja, tudo aquilo que está dentro do sistema e que pode ser um contexto favorável para que o fenômeno aconteça.

5.2.1 Tonicidade silábica

A tonicidade é um fator relevante para a realização do fenômeno em variação pelo fato de as sílabas tônicas “serem mais longas e mais intensas” (CRISTOFOLINI, 2008, p. 54). Quanto aos fenômenos investigados e, com base nos dados, identificamos que a tonicidade da sílaba[41] é um fator que favorece a variação de sonorização e de dessonorização. A seguir, apresentamos alguns usos realizados pelos informantes.

Quadro 18 – Exemplos do fenômeno com relação à tonicidade silábica

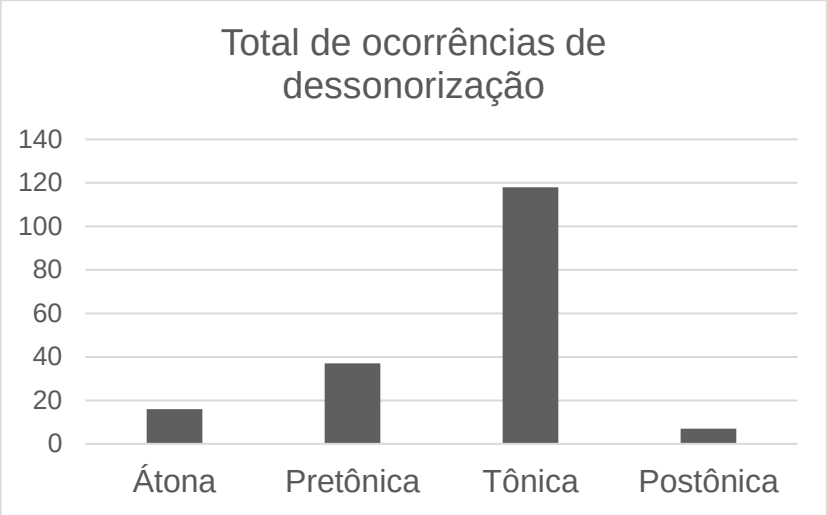
Dessonorização			
Palavra	**Pronúncia realizada**	**Intensidade da pronúncia**	**Consoantes**
Bolo	[p]o.lo	Sílaba tônica	/b/ > /p/
Geral	[ʃ]e.ral	Sílaba pretônica	/ʒ/ > /ʃ/
Hoje	ho.[ʃ]e	Sílaba postônica	/ʒ/ > /ʃ/
Galinhada	[k]a.li.nha.da	Sílaba átona	/g/ > /k/
Sonorização			
Palavra	**Pronúncia realizada**	**Intensidade da pronúncia**	**Consoantes**
Depois	de.[b]ois	Sílaba tônica	/p/ > /b/
País	[b]a.ís	Sílaba pretônica	/p/ > /b/
Furtos	fur.[d]os	Sílaba postônica	/t/ > /d/
Pública	pú.bli.[g]a	Sílaba átona	/k/ > /g/

Fonte: Dados do ALCF (2022)

O fenômeno de dessonorização tem a sílaba tônica como favorável para a realização, pelo fato de o sistema linguístico do alemão obedecer à regra de desvozeamento das consoantes oclusivas e fricativas nesse contexto. Lara (2017, p. 38) destaca que no alemão há a dessonorização sistemática da consoante em sílaba tônica e pretônica. No gráfico a seguir, apresentamos o total de ocorrências em sílabas átona, pretônica, tônica e postônica:

[41] Para a divisão silábica, nos amparamos no dicionário de divisão silábica do Portal da Língua Portuguesa. Disponível em: http://www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=syllables&act=list&search.

Gráfico 3 – Total de ocorrências de dessonorização quanto à tonicidade silábica



Fonte: Elaboração da autora

O fenômeno de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas ocorreu com mais frequência em sílabas tônicas (118/178). Alguns exemplos podem ser visualizados no quadro a seguir:

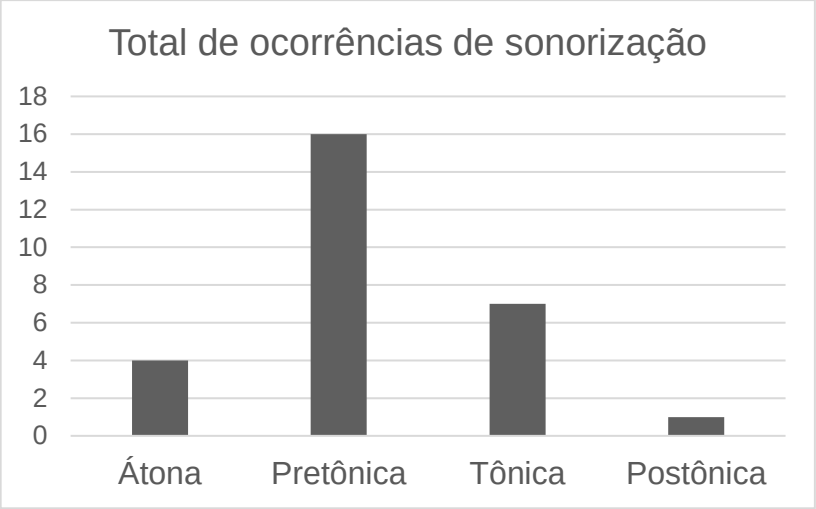
Quadro 19 – Exemplos de dessonorização na sílaba tônica

Palavra	**Pronúncia realizada**
Ajuda	a.[ʃ]u.da
Alguém	al.[k]em
Amizade	a.mi.[s]a.de
Basta	[p]as.ta
Cuidados	cui.[t]a.dos

Fonte: Dados do ALCF (2022)

Como mencionado, os dados apresentam relação com as regras de vozeamento do alemão, já que, segundo Altenhofen (1996), em sílabas pretônicas e tônicas ocorre a dessonorização das consoantes. O estudo de Lara (2013, p. 65) também revelou que a consoante-alvo “localizada na sílaba tônica é favorecedora da aplicação da regra variável”. O fenômeno de sonorização revelou resultados semelhantes, como podemos verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 4 – Total de ocorrências de sonorização quanto à tonicidade silábica



Fonte: Elaboração da autora

A sílaba pretônica é a que obteve um maior número de ocorrências de sonorização (16/28), seguida da sílaba tônica (7/28). O fenômeno de dessonorização ocorre, preferencialmente, em sílabas tônicas, enquanto a sonorização prefere a sílaba pretônica. Os exemplos de sonorização podem ser visualizados no quadro a seguir:

Quadro 20 – Exemplos de sonorização na sílaba pretônica

Palavra	**Pronúncia realizada**
Naturais	na.[d]u.rais
País	[b]a.ís
Panela	[b]a.ne.la
Coloca	[g]o.lo.ca
Terceira	[d]er.cei.ra

Fonte: Dados do ALCF (2022)

Os resultados obtidos através da análise estão de acordo com a pesquisa de Lara (2017) e Gewehr-Borella (2014). Em ambos os estudos, o que favorece a variação de sonorização e de dessonorização é a sílaba pretônica e tônica. Isso ocorre porque, segundo Lara (2017, p. 74), “o falante empreende maior força articulatória para a produção destas sílabas [pretônica e tônica] do que em sílabas postônicas”.

Outras pesquisas também já haviam evidenciado o mesmo resultado. De acordo com Consoni e Ferreira Neto (2002), na posição pretônica, ocorre com maior frequência o fenômeno de sonorização, e o fenômeno de dessonorização prefere a

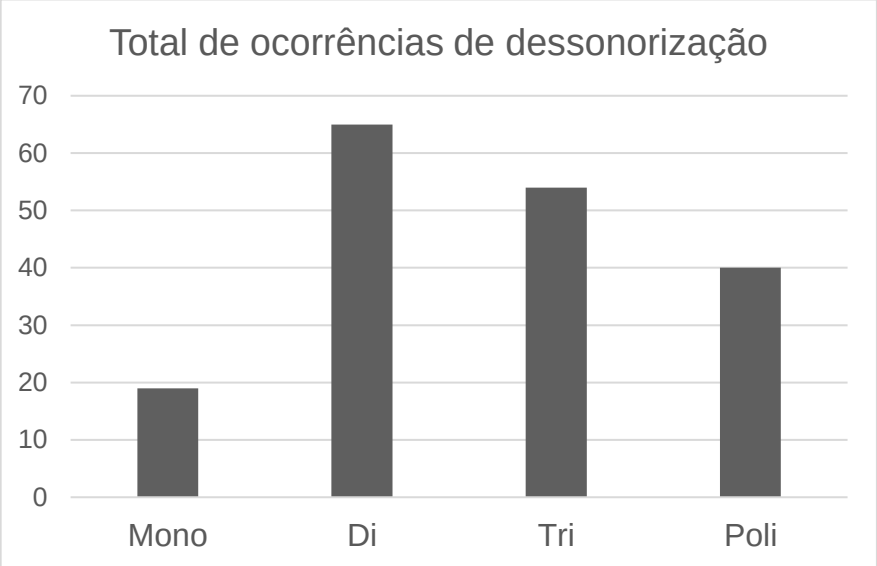
posição tônica. Contudo, Altenhofen (1996) menciona que, de acordo com as regras de vozeamento do alemão, a sonorização ocorre, principalmente, em sílaba postônica, o que não ocorreu nos dados analisados, considerando o baixo número de ocorrências de sonorização das consoantes nessa posição.

5.2.2 Número de sílabas

O número de sílabas da palavra também pode influenciar na realização do fenômeno. Lara (2017, p. 78) afirma que “a tendência à aplicação do desvozeamento na sílaba pretônica aumenta à medida que aumentam o número de sílabas da palavra”.

No gráfico a seguir, apresentamos as ocorrências com base no número de sílabas da palavra em que a variação ocorreu:

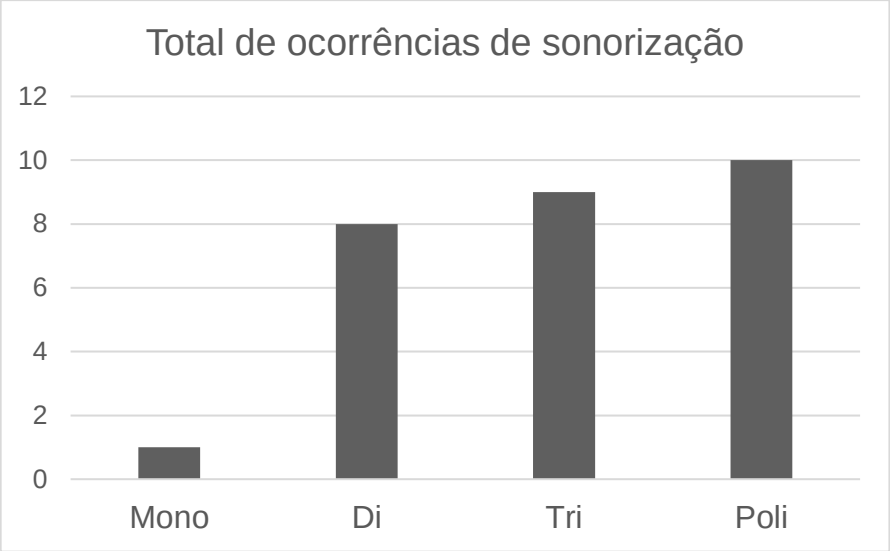
Gráfico 5 – Total de ocorrências de dessonorização quanto ao número de sílabas



Fonte: Elaboração da autora

As palavras dissílabas se apresentam como contexto mais favorável para a ocorrência de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas, apresentando um total de 65 ocorrências (65/178). Já o fenômeno de sonorização apresenta resultado distinto, como podemos verificar no gráfico a seguir:

Gráfico 6 – Total de ocorrências de sonorização quanto ao número de sílabas



Fonte: Elaboração da autora

A sonorização das consoantes oclusivas e fricativas ocorreu, principalmente, em consoantes polissílabas (10/28), contudo, sem muita diferença entre trissílabas (9/28) e dissílabas (8/28). As palavras monossílabas desfavorecem a variação, como também demonstraram os resultados de Lara (2013). No quadro a seguir, apresentamos alguns exemplos dessas ocorrências:

Quadro 21 – Exemplos do fenômeno com relação ao número de sílabas

Dessonorização			
Palavra	**Pronúncia realizada**	**Número de sílabas**	**Consoantes**
Dar	[t]ar	Monossílaba	/d/ > /t/
Geral	[ʃ]e.ral	Dissílaba	/ʒ/ > /ʃ/
Depende	[t]e.pen.de	Trissílaba	/d/ > /t/
Galinhada	[k]a.li.nha.da	Polissílaba	/g/ > /k/
Sonorização			
Palavra	**Pronúncia realizada**	**Número de sílabas**	**Consoantes**
Tu	[d]u	Monossílaba	/t/ > /d/
País	[b]a.ís	Dissílaba	/p/ > /b/
Pública	pú.bli.[g]a	Tríssilaba	/k/ > /g/
Aparece	a.[b]a.re.ce	Polissílaba	/p/ > /b/

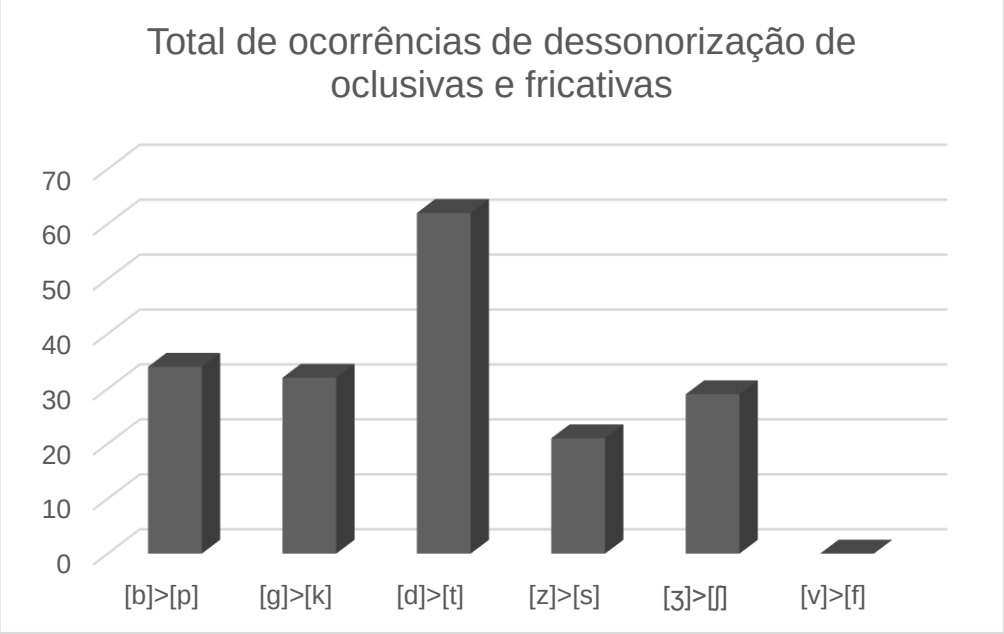
Fonte: Dados do ALCF (2022)

A troca das consoantes ocorreu, principalmente, nas consoantes dissílabas no fenômeno de dessonorização, nas polissílabas[42] no fenômeno de sonorização e, em menor número, nas palavras monossílabas. A variação ocorre em palavras dissílabas, assim como em polissílabas, com mais frequência pelo fato de que a sílaba tônica pode ter maior proporção de aplicação nessas palavras, conforme destacou Lara (2017) em seus resultados.

5.2.3 Característica da ocorrência

Dentre as ocorrências de dessonorização, as consoantes oclusivas foram as mais frequentes, somando um total de 128 (128/178), enquanto as fricativas totalizaram 50 (50/178). No gráfico a seguir, verificamos o total de ocorrências de dessonorização das oclusivas e fricativas:

Gráfico 7 – Total de ocorrências de dessonorização de oclusivas e fricativas



Fonte: Elaboração da autora

[42] Outro aspecto importante é o uso do diminutivo. Vale destacar que todas as palavras no diminutivo foram realizadas com a presença do fenômeno em variação. Por exemplo, Leozinho > Leo[s]inho, enroladinho > enrola[t]inho, marronzinho > marron[s]inho, xicarazinha > xicara[s]inha e arvorezinha > arvore[s]inha. Esse fenômeno pode ser uma indicação de pesquisa futura.

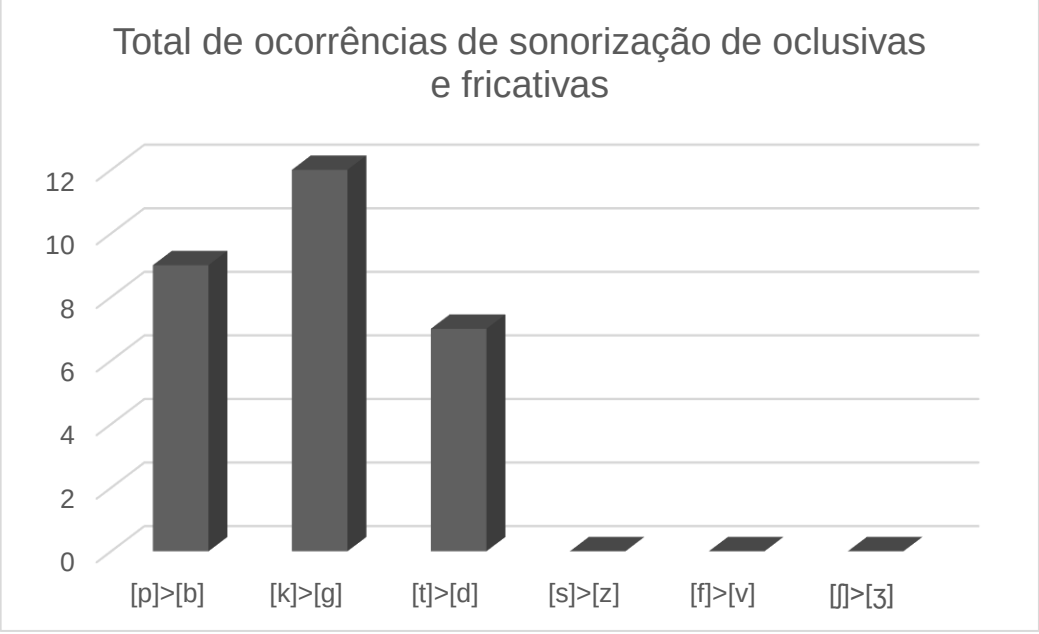
Dentre as consoantes oclusivas, a dessonorização de [d] foi a que obteve mais ocorrências, e dentre as consoantes fricativas, a que obteve o maior número de ocorrências foi a dessonorização de [ʒ]. Destacamos que a troca de uma consoante sonora por sua correspondente surda é um fenômeno comum na língua alemã, sendo possível a pronúncia de determinadas palavras com ambas as consoantes, pois não há mudança de significado, como na palavra *Bett* (cama)*,* que é pronunciada com [b] ou [p], dependendo da variedade dialetal.

Gewehr-Borella e Zimmer (2009, p. 4103) destacam que

> o sistema fonético-fonológico do *Hunsrückisch* não possui as plosivas sonoras, havendo somente a utilização surda nestas posições. Por estar habituado a usar apenas os fonemas surdos na fala de sua língua de imigração, o aluno acaba transferindo para a fala em PB esta ativação.

As ocorrências de sonorização das consoantes oclusivas ocorreram em menor número, se comparadas com as ocorrências de dessonorização. Já em relação às fricativas, não houve realização do fenômeno de sonorização, como pode ser verificado no gráfico a seguir:

Gráfico 8 – Total de ocorrências de sonorização de oclusivas e fricativas



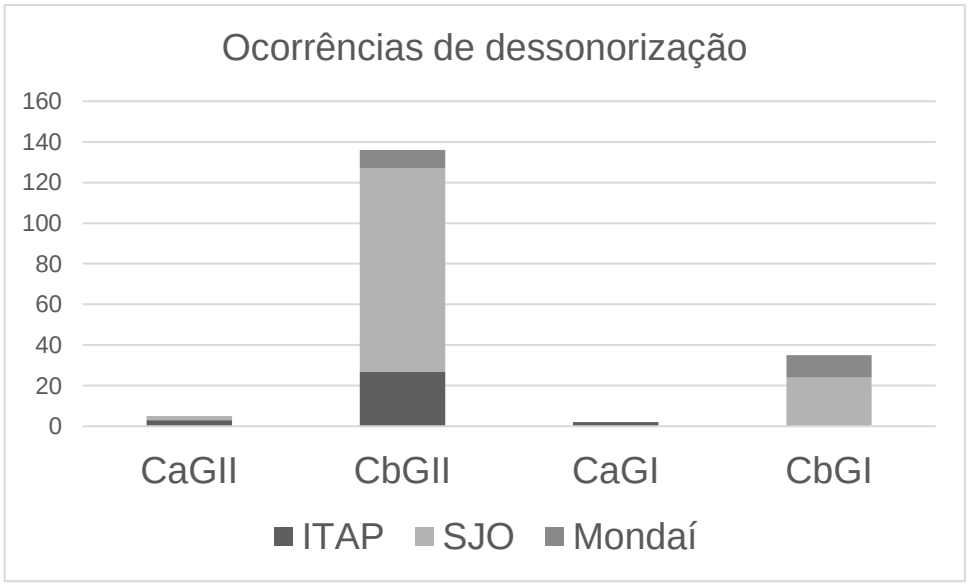
Fonte: Elaboração da autora

A variação não ocorreu entre as consoantes [f] e [v], assim como não houve sonorização de [ʃ], nem de [s]. Uma resposta para esses resultados deve-se ao fato de as consoantes [ʒ] e [z] não fazerem parte do quadro fonético do alemão e, por isso, não serem pronunciadas no português como [ʃ] e [s], respectivamente.

5.3 Cruzamento dos dados

Uma das características da Dialetologia Pluridimensional e Relacional é a sua preocupação com a relação dos dados. Ou seja, não basta analisar os dados a partir das dimensões, é preciso relacioná-los entre si. Por meio da análise de todas as relações, a Dialetologia, de acordo com Thun (1998, p. 705), "se aproxima do ideal da descrição completa e organizada do polimorfismo linguístico e de sua relação com os falantes". No gráfico a seguir, apresentamos a visualização das ocorrências nos quatro grupos e nas três localidades:

Gráfico 9 – Ocorrências de dessonorização



Fonte: Elaboração da autora

Por meio da relação entre as dimensões diastrática e diageracional (CaGII, CaGI, CabGII e CbGI), os dados mostraram que o fenômeno de dessonorização e sonorização relaciona-se, principalmente, com a idade e a baixa escolaridade dos informantes, visto que o número total de ocorrências é muito maior nos falantes da CbGII. Contudo, em alguns casos, também foi possível perceber que os falantes mais jovens e de escolaridade baixa ainda realizam os fenômenos de dessonorização e

sonorização, demonstrando que o conhecimento da estrutura linguística do português é um fator importante. Além disso, observamos que, geralmente, esses jovens são moradores da zona rural e trabalham na lavoura, e que, de certa maneira, não necessitam do uso do português.

O local de residência é um fator importante para a investigação do fenômeno, considerando que os falantes de classe baixa que realizaram as entrevistas, geralmente, eram pessoas que residiam e trabalhavam na zona rural dessas localidades, o que evidencia, possivelmente, um contato maior com o alemão e a manutenção dessa língua em zonas interioranas.

Nesta pesquisa, os resultados também mostram que o fenômeno tem pouca realização em jovens de escolaridade alta. A partir disso, destacamos que as localidades podem estar caminhando para uma mudança em progresso, já que o fenômeno não acontece na CaGI em São João do Oeste e em Mondaí, e, em Itapiranga, o número de ocorrências nesse grupo é quase nulo.

A seguir, sintetizamos os resultados encontrados nas três localidades e em cada grupo.

Quadro 22 – Síntese das ocorrências de dessonorização nas três localidades

Itapiranga (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	1	3	0	Dessonorização de /z/	vi[s]itar
Mulheres	3	1	24	0	Dessonorização de /d/	[t]eixa
São João do Oeste (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	0	87	1	Dessonorização de /d/	pe[t]aço
Mulheres	2	0	13	23	Dessonorização de /ʒ/	[ʃ]ente
Mondaí (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	0	5	0	Dessonorização de /g/	[k]ringo
Mulheres	0	0	4	11	Dessonorização de /d/	facul[t]ade

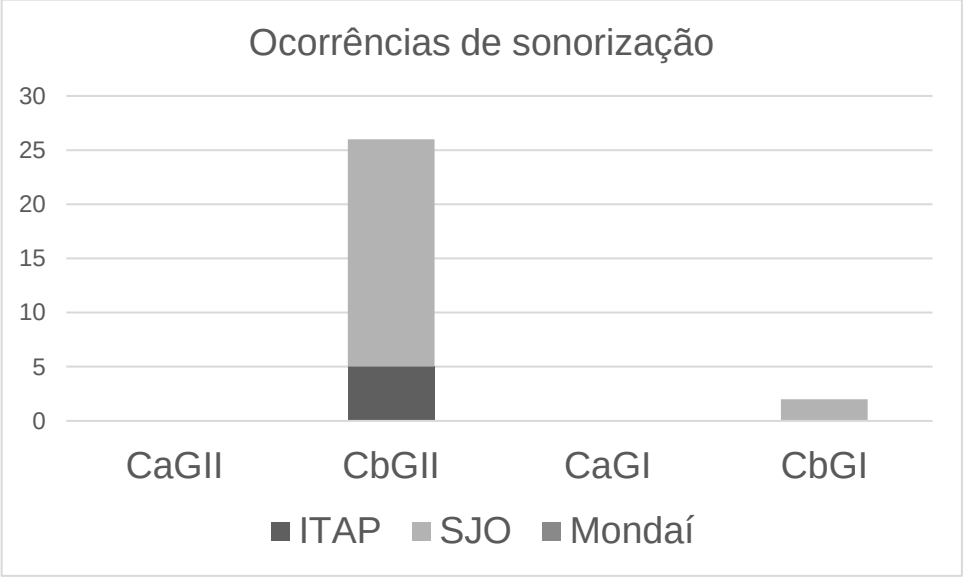
Fonte: Dados do ALCF (2022)

A partir do quadro 23, é possível perceber que as ocorrências de dessonorização foram mais frequentes na CbGII, deixando em evidência a localidade de São João do Oeste, com 87 ocorrências somente em um informante da CbGII. Vale

destacar que esse informante é residente da zona rural e a sua ocupação é o trabalho na agricultura, sem muito contato com a língua portuguesa no dia a dia.

Nas demais localidades, as ocorrências foram menores, mas, dentre elas, percebemos um número mais elevado entre as mulheres, principalmente na classe baixa, ou seja, quando as informantes têm o ensino médio incompleto. Abaixo, apresentamos o gráfico das ocorrências de sonorização nas três localidades:

Gráfico 10 – Ocorrências de sonorização



Fonte: Elaboração da autora

Novamente, as ocorrências de sonorização são mais evidentes na classe baixa e na geração II, sendo predominante em São João do Oeste. Nesse sentido, os falantes com baixa escolaridade e com idade acima de 55 anos foram os que mais realizaram a variação. A seguir, apresentamos o quadro que sintetiza esses dados nas três localidades:

Quadro 23 – Síntese das ocorrências de sonorização nas três localidades

Itapiranga (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	0	0	0	--	--
Mulheres	0	0	5	0	Sonorização de /p/	[b]anela
São João do Oeste (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	0	21	0	Sonorização de /k/	[g]omércio
Mulheres	0	0	0	2	Sonorização de /p/	[b]o[b]reza
Mondaí (SC)					**Fenômeno predominante**	**Exemplo**
	CaGII	CaGI	CbGII	CbGI		
Homens	0	0	0	0	--	--
Mulheres	0	0	0	0	--	--

Fonte: Dados do ALCF (2022)

Das ocorrências de sonorização, novamente, a CbGII é predominante na variação das consoantes oclusivas e fricativas, sendo que em Itapiranga houve mais realizações entre as mulheres na CbGII, e, em São João do Oeste, entre os homens na CbGII. Em Mondaí, não tivemos ocorrências de sonorização.

Com relação ao fenômeno, percebemos uma predominância da dessonorização de [d], principalmente na sílaba tônica, como é possível verificar nos exemplos destacados nos quadros acima. As ocorrências de sonorização, em comparação com as de dessonorização, foram relativamente baixas. Cabe destacar que a dessonorização é uma característica do alemão, por isso, as ocorrências de sonorização foram menores.

Destacamos também a predominância da sonorização de [p] em sílaba pretônica ou tônica e em palavras com mais de uma sílaba, como mostram os exemplos do quadro acima, ocorrendo, preferencialmente, em palavras com mais de uma sílaba.

A partir dos cartogramas, quadros e gráficos, pudemos analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que estão relacionados com a variação de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas do português em contato com o alemão nas três localidades do Extremo Oeste Catarinense. Foi constatado a língua é um sistema heterogêneo e, ao mesmo tempo, organizado, não sendo possível dizer que os fenômenos em variação são “um caos linguístico”. Nesse sentido, foi importante esclarecer de que forma a variação ocorre e a relação entre

dois sistemas linguísticos diferentes torna possível evidenciar uma “norma” em meio a tanta diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese de doutorado, analisamos as variáveis linguísticas e sociais que condicionam a variação de sonorização e de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas, demonstrando, sobretudo, a dinamicidade e a maleabilidade que caracterizam o português brasileiro. A realidade do Sul do Brasil é marcada por situações de contato linguístico que demonstram a heterogeneidade linguística e cultural presente na região. Ao longo da pesquisa, demos destaque a essas discussões, demonstrando a importância da manutenção das línguas minoritárias e, principalmente, a identidade dos falantes.

A pesquisa apresentada teve como objetivo geral analisar os contextos extralinguísticos e intralinguísticos que condicionam os fenômenos de sonorização e de dessonorização na realização das consoantes oclusivas e fricativas na fala de bilíngues alemão-português em São João do Oeste, Itapiranga e Mondaí, municípios do estado de Santa Catarina, a partir dos dados do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – ALCF.

Quanto ao objetivo específico de descrever o registro dos fenômenos da dessonorização e sonorização das consoantes na dimensão diatópica, nossa hipótese de que São João do Oeste apresentaria mais realizações do fenômeno se confirmou, ao destacarmos que, dentre as 178 ocorrências de dessonorização de consoantes oclusivas e fricativas que tivemos, 126 foram realizadas em São João do Oeste, e dentre as 28 ocorrências de sonorização de consoantes oclusivas e fricativas, 23 também foram realizadas por falantes de São João do Oeste. Contudo, vale destacar que o número das ocorrências foi expressivo em São João do Oeste pelo fato de um falante da CbGII, residente da zona rural e agricultor, ter realizado quase 60% do total dessas ocorrências.

Ao avaliar o fenômeno em variação a partir da dimensão diastrática e diageracional, nossa hipótese também foi confirmada, considerando que os falantes da CbGII foram os que apresentaram maior produtividade na realização do fenômeno de dessonorização e sonorização das consoantes oclusivas e fricativas. É possível, inclusive, que a realização desse fenômeno esteja em processo de mudança, considerando que esteve pouco presente na fala dos mais jovens de classe alta. Gewehr-Borella (2014, p. 155, grifos do autor), em sua pesquisa, já havia mencionado que “a variável dessonorização/sonorização de oclusiva passa atualmente por um

processo de *mudança linguística*". Os mais jovens que realizaram o fenômeno foram os residentes da zona rural ou que não necessitavam utilizar, em sua ocupação profissional, o português com muita frequência.

Quanto à dimensão diassexual como fator determinante na realização do fenômeno, a hipótese levantada inicialmente não se confirmou, pois tivemos resultados distintos dependendo da localidade, considerando que foram as mulheres de classe baixa que, de forma predominante, realizaram o fenômeno de dessonorização em Itapiranga e em Mondaí.

Na busca por identificar se os aspectos intralinguísticos condicionam a variação de sonorização e dessonorização, nossa hipótese se confirmou quanto à tonicidade silábica, pois a sílaba tônica favoreceu a ocorrência de dessonorização e a sílaba pretônica e tônica favoreceram a sonorização. Contudo, quanto ao número de sílabas, nossa hipótese se confirmou parcialmente, pois as palavras dissílabas favoreceram a variação de dessonorização e as polissílabas favoreceram a sonorização. Além disso, as ocorrências de dessonorização das consoantes oclusivas e fricativas foram mais expressivas em comparação com as consoantes fricativas. É possível destacar que as consoantes oclusivas são mais salientes na realização do fenômeno, por isso, são mais predominantes.

Dentre os fatores extralinguísticos analisados para identificar quais contextos atuam como condicionadores para a realização da variação, destacamos a baixa escolaridade (Cb) somada à idade (GII) dos falantes, em localidades que apresentam vitalidade e manutenção do alemão, principalmente quando esses falantes vivem de forma mais isolada, ou seja, em zonas rurais, com pouco contato com o português, ou quando ocupam cargos de trabalho com pouca necessidade de uso do português. À primeira vista, nosso foco inicial não foi analisar e comparar a fala dos residentes da zona rural e da zona urbana, mas, em algumas entrevistas foi possível assinalar esse fator, que revelou ser muito importante, se não o mais expressivo, na realização do fenômeno.

Além disso, fatores como sílaba tônica ou pretônica e as palavras com mais de uma sílaba também favoreceram a realização do fenômeno, não sendo possível dizer que todas as consoantes sonoras são trocadas por seus pares surdos e vice-versa. É preciso considerar, portanto, a característica da palavra e o contexto de uso. Em uma palavra, a troca ocorre, preferencialmente, na sílaba tônica (tanto dessonorização quanto sonorização) ou pretônica (sonorização), o que demonstra que a variação

ocorre de maneira sistematizada, provando que a língua é um sistema linguístico extremamente organizado.

Salientamos que um fator importante com relação à produção do fenômeno é a religião. Percebemos que a religião católica tem forte influência na manutenção do *Deitsch* em Itapiranga e em São João do Oeste, já em Mondaí, a presença de luteranos faz com que tenhamos o uso da forma *Deutsch.* Neste aspecto, para pesquisas futuras, orientamos que o fenômeno também seja avaliado a partir da dimensão diarreligiosa.

Ao responder às problematizações feitas no início desta pesquisa, destacamos que a língua precisa ser analisada dentro do seu contexto sociocomunicativo, bem como a partir dos seus falantes e da sua comunidade de fala. Não é possível fazer generalizações a partir de uma observação sem conhecer a comunidade de fala e a característica linguística dos falantes. Neste caso, ao criar um personagem que se autodenomina como um “alemão” que fala português, é necessário compreender de que forma essa língua funciona e como as “trocas de letras” ocorrem dentro do sistema linguístico. Vimos, ao longo da pesquisa, uma série de fatores que estão envolvidos no fenômeno variável e que, por trás dessas “simples” trocas de letras, há um contexto linguístico que atua de forma ordenada.

A partir da pesquisa, entendemos que é pertinente que os falantes bilíngues compreendam o que acontece com a sua língua, ao destacar que a denominação desse fenômeno muito comum se chama dessonorização – troca de consoantes sonoras por surdas – e sonorização – troca de consoantes surdas por sonoras. Ao compreenderem o que consiste esse fenômeno, é possível também que entendam que esse fenômeno é característico do bilinguismo e dos contatos entre línguas e que não há problema nisso. Além disso, embora não esteja no nível de consciência dos falantes, é necessário destacar que a imitação por parte de humoristas parece ridicularizar esses falantes.

Destacamos que a compreensão do fenômeno pelos próprios falantes também seja uma forma de manutenção da língua minoritária, ao passo que é uma característica de transferência linguística que ocorre devido à relação estabelecida entre dois sistemas linguísticos distintos, o sistema linguístico do alemão e o do português. Além disso, o fenômeno de dessonorização também é um processo evolutivo do latim, ou seja, o português também passou por essas transformações de “troca de letras”. Não é problemático pensar que isso ocorra entre os falantes

bilíngues. Ao compreender este fenômeno, destacamos que os pais bilíngues podem e devem continuar ensinando o alemão (ou qualquer outra língua) aos seus filhos. A “troca de letras”, como é chamada pelos falantes, pode ocorrer em determinados períodos de aquisição das duas línguas; contudo, isso não é fator determinante para deixar de lado o ensino e considerar que seus filhos estejam falando português errado[43]. Pesquisas estão disponíveis mostrando a importância de pais manterem a língua de imigração de seus filhos, preservando a cultura dos seus antepassados, descendentes e sua identidade. É importante que este conhecimento chegue às localidades e à sociedade em geral.

Um fator importante que deve ser levado em consideração, além da manutenção da língua no âmbito familiar, é a compreensão desses fenômenos também no âmbito do ensino e da sociedade como um todo. Atualmente, já houve grandes avanços com relação ao uso da língua alemã na escola, ao passo que as escolas têm inserido o alemão como língua estrangeira nos currículos escolares, principalmente nas localidades que apresentam o contato linguístico. Contudo, é importante ressaltar que, muitas vezes, a escola não permite que os alunos falem em alemão na sala de aula e/ou nos espaços fora da aula de alemão como língua estrangeira. Sinalizamos, portanto, a importância da vitalidade do alemão também na escola, em espaços de interação entre professores e alunos que trazem a sua língua de casa e que compartilham desse conhecimento também na escola.

Ressaltamos que, após a compreensão da sociedade e dos pais, os professores[44] que recebem alunos bilíngues que chegam à escola com um português característico do bilinguismo alemão-português, precisam atentar-se às características desse português, considerando as diferenças dos sistemas linguísticos e a presença de fenômenos característicos, a exemplo da dessonorização e da sonorização. Por causa desse fenômeno, alguns casos já foram classificados como distúrbios de aprendizagem. É preciso reconhecer e verificar qual o contexto sociolinguístico em que esses alunos estão inseridos. Além disso, é grave que alunos tenham sido reprovados por causa desse fenômeno (PAULI, 2001).

---

[43] Aos pais, recomenda-se a leitura do artigo “Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso” sob autoria de Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18946.

[44] Aos professores, recomenda-se leituras no âmbito da educação para o plurilinguismo. Ver Broch (2014): “Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares”. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/102190/000930127.pdf?sequence=1.

Às comunidades investigadas, esperamos que continuem mantendo o alemão, mesmo em contextos de forte urbanização e mobilidade. Para tanto, devem ser pensadas políticas linguísticas que auxiliem na vitalidade e na manutenção, pensando no futuro desses municípios que apresentam ainda características da colonização.

Por fim, as análises dos dados permitiram destacar que os municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Mondaí apresentam situações de contato entre alemão e português. Contudo, as ocorrências de sonorização e dessonorização das oclusivas e fricativas ocorrem de maneira distinta nas três localidades, evidenciando que o uso do alemão na comunidade nem sempre revela que os falantes realizarão a troca das consoantes oclusivas e fricativas quando falarem o português, desmistificando a ideia de que aprender e falar o alemão faz com que você fale o português “errado”. E, caso essas ocorrências sejam realizadas, ocorrem de maneira organizada, com contextos bem delimitados.

Os resultados desta pesquisa também possibilitaram a comparação com os resultados de Lara (2017), Gewehr-Borella (2014) e Martins (2013), mostrando a proximidade entre os falantes bilíngues alemão-português das localidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Esperamos que esta tese tenha plantado algumas sementes e que seja possível utilizá-la como fonte de pesquisa para o ensino de línguas, para a compreensão do bilinguismo e contato entre línguas de imigração[45], além do estudo da Fonética e da Fonologia. O importante é que as sementes foram plantadas, os frutos que virão serão apenas uma consequência.

[45] Uma proposta futura é retornar aos municípios investigados para promover reflexões acerca do fenômeno variável, a partir de oficinas e/ou minicursos para a comunidade em geral, bem como nas escolas para professores e alunos.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. ***Hunsrückisch* in Rio Grande do Sul**: *Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.* Stuttgart: Steiner, 1996.

ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELAZINCÍN, A.; ESPIGA, J. (orgs.). **Español y portugués:** fronteiras e contatos. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, C. V.; MORELLO, R. (orgs). ***Hunsrückisch*:** Inventário de uma língua no Brasil. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018. Disponível em: https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2014/08/eBook_Livro-do-Invent%C3%A1rio-do-Hunsr%C3%BCckisch_2018-1.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ALVAR, M. ***Manual de dialectologia hispánica:*** *El español de España*. Barcelona: Ariel, 1991.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. ***Language contact and bilingualism***. Amsterdam: Amsterdam Academic Archive, 1987.

BANDEIRA, M. T.; ZIMMER, M. C. A transferência dos padrões de VOT de plosivas surdas no multilinguismo. In: **Revista Letras de Hoje**, v. 46, n. 2, p. 87-95, 2011. Disponível em: https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/7503/6577. Acesso em: 04 fev. 2021.

BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à Linguística**: objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2010. p. 120-139.

BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português no Sul do Brasil:** variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

BLOOMFIELD, L. ***Language.*** New York: Henry Holt, 1933.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** A sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil.** São Paulo: Ática, 1991.

BRESCANCINI, C. R. A análise da regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BRESCANCINI, C. R.; BISOL, L. **Fonologia e variação:** recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-75.

BUSSE, S. **Um estudo geossociolinguístico da fala do Oeste do Paraná.** Tese (Doutorado). Londrina: Universidade Estadual de Londrina (UEL); Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2010. 284 p. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000159311. Acesso em: 20 out. 2020.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica:** introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CALVET, L. **Sociolingüística:** uma introdução crítica. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, S. A. **Geolinguística:** tradição e modernidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. Dialetologia. In: FERRARIZI JÚNIOR, C.; MOLLICA, M.C (Org.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas:** Uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e estágio atual. **Revista Alfa**. p. 855-870, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/alfa/a/v3JHS56nn7zfC4RHRK6GYgD/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 ago. 2021.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. Urban Dialectology. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dilectology.** 2. ed. United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. ***The Sound Pattern of English***. New York: Harper & Row, 1968.

COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Revista Domínios de Lingu@gem.** v. 4. n. 2, p. 173-194, 2010. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11618. Acesso em: 10 jul 2019.

COELHO, I, L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G. H.; SOUZA, C. M. N. de. **Sociolinguística.** Florianópolis: CCE/UFSC, 2012. Disponível em: https://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf. Acesso em: 26 nov. 2021.

CONSONI, F.; FERREIRA NETTO, W. **A tonicidade como influenciadora da variação entre consoantes surdas e sonoras na escrita de crianças no processo de alfabetização**. SEMINÁRIO DO GEL, 50. São Paulo, 2002.

CORBARI, C. C. **Atitudes linguísticas:** um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste. Tese (Doutorado). Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA); Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, 2013. 259 p. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/16202/1/Clarice%20Cristina%20Corbari.pdf. Acesso em: 24 ago. 2022.

COSERIU, E. ***Sentido y tareas de la dialectologia***. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CRISTOFOLINI, C. **Trocas ortográficas:** uma interpretação a partir de análises acústicas. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2008. 205 p. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/90855/261122.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 06 ago. 2022.

CRISTOFOLINI, C. Trocas ortográficas relativas à sonoridade na escrita infantil. In: **Working Papers em Linguística**, v. 12, n. 1, p. 11-25, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/viewFile/1984-8420.2011v12n1p11/21265. Acesso em: 09 set. 2019.

DUDALSKI, R.; FIGUEREDO, S.; MEIRELES, S. M. Recepção oral e produção escrita – um estudo sobre aprendizado da língua alemã por alunos de graduação em Letras. In: BATTAGLIA, M. H. V.; NOMURA, M. (Orgs.). **Estudos Linguísticos Contrastivos em alemão e português.** São Paulo: Annablume, 2008. p. 15-40.

ECKERT, P. *Age as a Sociolinguistic Variable*. In: COULMAS, F. ***The Handbook of Sociolinguistics***. Blackwell Publishing, 1998. p. 105-115.

EIDT, P. **Os sinos se dobram por Alfredo.** Chapecó: Argos, 2009.

FACEBOOK. **Museu Municipal Mondaí Karl**. Disponível em: https://www.facebook.com/martahugo.museu. Acesso em: 20 ago. 2021.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: GIGLIOLI, P. P. (Org.). ***Language and social context:*** Selected readings. Baltimore: Penguin, 1959. p. 232-251.

FORNARA, A. E. **Aspectos do bilinguismo deitsch-Português em Saudades-SC e Talian-Português em Nova Erechim-SC.** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2019. 147 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3253/1/FORNARA.pdf. Acesso em: 07 ago. 2022.

FRITSCH, C. E.; PEREIRA, C. S. P. O r-tepe /r/ na fala de usuários descendentes de falantes de *Hunsrückisch*: um preconceito linguístico com essa variante fonológica na língua portuguesa brasileira na comunidade escolar de Feliz. In: **Web Revista Sociodialeto**. v. 9. n. 26, p. 324-353, 2018. Disponível em: http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/153/137. Acesso em: 12 jul. 2020.

GEWEHR-BORELLA, S.; ZIMMER, M. C. A influência do dialeto alemão *Hunsrückisch* na aquisição da escrita do PB entre participantes bilíngues. In: **Anais** do VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa, 2009, p. 4095-4104.

GEWEHR-BORELLA, S. **A influência da fala bilíngue *hunsrückisch*-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais.** Dissertação (Mestrado). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas (UCPEL); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010. 205 p. Disponível em: http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/96. Acesso em: 04 fev. 2021.

GEWEHR-BORELLA, S. **"Tu dampém fala assim?":** macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 204 p. Disponível em: http://hdl.handle.net/10183/108953. Acesso em: 12 jul. 2020.

GREGORY, V. **Imigração alemã no Brasil.** Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2013, p. 9-27. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=6784b18c-388e-36b9-7404-2f6de3f23a15&groupId=265553. Acesso em: 17 maio 2021.

GROSJEAN, F. *Bilingualism*: *A short introduction*. In: GROSJEAN, F.; LI, P. ***The Psycholinguistics of Bilingualism*.** Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2012.

HABEL, J. Introdução às características fonético-fonológicas das consoantes do alemão *Standard* e do alemão boêmio**.** In: **Revista Pandaemonium**, São Paulo, v. 22, n. 38, set.-dez. 2019, p. 75-96. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/pg/v22n38/1982-8837-pg-22-38-75.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

HABEL, J. Os nomes do *Hunsrückisch*: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. In: **Revista Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, 2017b, p. 314-330. Disponível em: http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/859. Acesso em: 30 jun. 2022.

HASSELSTRON, M. M. **Línguas de imigração em contato com o português no Oeste Catarinense**: crenças e atitudes linguísticas. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018. 149 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1925/1/HASSELSTRON.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

HAUGEN, E. ***The Norwegian Language in America***. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1953.

HELBIG, G.; GÖTZE, L.; HENRICI, G. ***Deutsche als Fremdsprache:*** *ein internationales Handbuch*. Berlin: de Gruyter (Handbuch zur Sprach- und Kommunikation swissen schaft, 2001.

HORST, C.; KRUG, M. J. Atlas das Línguas em Contato na Fronteira. In: SNICHELOTTO, C. A.; DA LUZ, M. N. S (Orgs.). **Estudos Linguísticos da/na Fronteira Sul.** Chapecó: Editora UFFS, 2021. p. 85-101.

HORST, C.; KRUG, M. J. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Revista Linguagem & Ensino.** v. 23. n. 4, p. 1274-1296, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/18946. Acesso em: 20 ago. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

ILARI, R. **Lingüística Românica**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ITAPIRANGA, Prefeitura Municipal de. Dados sobre o município, 2021. Disponível em: https://itapiranga.atende.net/. Acesso em: 20 ago. 2021.

JUNGBLUT, R. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica & Editora, 2000.

JESUS, L. M. T. ***Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants.*** Tese (Doutorado). Southampton: University of Southampton; Department of Electronics and Computer Science, 2000, 256 p. Disponível em: http://sweet.ua.pt/lmtj/lmtj/Jesus2000.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.

KAUFMANN, A.; HORST, C.; KRUG, M. J. Manutenção do Deitsch e Deutsch na mesorregião do oeste catarinense. In: FRANZEN, D. O. **Porto Feliz – Mondaí:** o centenário da colonização (1922-2022). Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 61-82.

KAUFMANN, A. **Manutenção do deitsch e deutsch em contato com o português em Mondaí/SC e Saudades/SC.** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2019. 117 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3316/1/KAUFMANN.pdf. Acesso em: 07 ago. 2022.

KENT, R. D.; READ, C. ***The Acoustic Analysis of Speech***. San Diego: Whurr Publishers, 1992.

KING, K.; MACKEY, A. What if my child mixes and switches languages? In: **The bilingual edge:** why, when, and how to teach your child a second language. New York, NY: Harper Collins. 2007. p. 183-206.

KNOB, G. **O sujeito teuto-brasileiro e o (des)uso do dialeto alemão em Chapada.** Dissertação (Mestrado). Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo (UPF); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018. 136 p. Disponível em: http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/1486/2/2018GlauciaKorb.pdf. Acesso em: 05 ago. 2022.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LARA, C. C. **Variação fonético-fonológica e atitudes linguísticas:** o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o Hunsrückisch no Rio Grande do Sul, Brasil. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2017. 155 p. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159078. Acesso em: 12 jul. 2020.

LARA, C. C. **Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional.** Dissertação (Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013, 88 p. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/76223. Acesso em: 14 jan. 2022.

LAVANDERA, B. R. ***Variación y significado***. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LEE, S.H. Variação fonológica e fonologia como gramática de compreensão. **Revista Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 101-113, 2013.

LIMA-HERNANDES, M. C. Sociolinguística e línguas de herança. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. (orgs.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**: uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

LYONS, J. **Introdução à lingüística teórica.** São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1979.

MACKEY, W. F. *The Description of bilingualism***.** In: FISHMAN, Joshua A. (ed) ***Reading in the sociology of language***. 3 ed. The Hague, Norton, 1972. p. 554-584.

MACWHINNEY, B*. A Unified Model*. In: ELLIS, N. ROBINSON, P. ***Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition****.* USA: University of Michigan, Lawrence Erlbaum Press. 2007, p. 341-371.

MARTINS, R. L. **Influências interlinguísticas na fala e na escrita de crianças bilíngues falantes do português e do *Hunsrückisch***: consoantes oclusivas, fricativas e róticas. Tese (Doutorado). Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2013, 369 p. Disponível em: https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5791. Acesso em: 14 out. 2020.

MATOZO, D. L. **Crenças e atitudes linguísticas de ítalo-descendentes no contato português/talian:** contexto urbano e rural de Chapecó – SC. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2018. 138 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1926/1/MATOZO.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

MATTOSO CÂMARA JR., J. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Editora, 1975.

MATTOS E SILVA, R. V. **Português arcaico:** Fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 5ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014. p.11-89.

MEYER, M. ***Deitsch* ou *Deutsch*? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch Rio-Grandense em contato com o português.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2009, 46 p. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/21647. Acesso em: 27 mar. 2021.

MIARELLI, R. N. **A aprendizagem da língua alemã por brasileiros:** aspectos fonéticos e fonológicos. Dissertação (Mestrado). Araraquara: Universidade Estadual Paulista (UNESP); Faculdade de Ciências e Letras, 2019. 157 p. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/182499. Acesso em: 20 ago. 2021.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In.: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004.

MORENO-FERNÁNDEZ, F. ***Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje***. 4 ed. Barcelona: Editora Ariel, 2009.

NEUSCHRANK, A. **Fonologização na diacronia:** do Latim ao Português Moderno. Tese (Doutorado). Pelotas: Universidade Católica de Pelotas (UCPEL); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2015. 181 p. Disponível em: http://tede.ucpel.edu.br:8080/jspui/handle/tede/551. Acesso em: 11 nov. 2020.

NETTO, W. F. **Introdução à Fonologia da Língua Portuguesa.** São Paulo: Hedra, 2001.

PAIVA, M. da C. A. de.; DUARTE, M. E. L. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolingüística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 131-151.

PAIVA, M. da C. A. de. Mudança em tempo real e em tempo aparente. In: MOLLICA, C. M.; JUNIOR, C. F. **Sociolinguística, Sociolinguísticas:** uma introdução. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 23-32.

PARKER, S. **O livro do corpo humano**. London: DK, 2007.

PAULI, V. **Interferência fonética de um dialeto alemão na expressão oral e escrita em português.** Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística, 2001. 146 p. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/30390933.pdf. Acesso em: 10 jun. 2020.

PEDROSA, J.; LUCENA, R. M. Fonologia Estruturalista. In: DA HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (Orgs.). **Fonologia, Fonologias.** São Paulo: Editora Contexto, 2017. p. 15-30.

RADTKE, E.; THUN, H. ***Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie.*** Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996.

RAMBO, A. B. **Jesuítas no Sul do Brasil:** O projeto pastoral. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2013.

RASO, T; MELLO, H; ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 13-56.

ROMAINE, S. Variation in language and gender. In: HOMES, J.; MEYERHOFF, M. **The Handbook of Language and Gender**. Oxford: Blackwell, 2003, p. 98-118.

ROSSI, N. A Dialectologia. **ALFA**, Marília, n. 11, p. 89-116, 1967.

RUSCHEINSKY, E. W. **"Uma vez falando em alemão":** o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste**.** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2014. 119 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/88 Acesso em: 13 nov. 2020.

RUSSO, L.; BEHLAU, M. **Percepção da fala:** análise acústica do português brasileiro. São Paulo: Lovise, 1993.

SANTANA, N. M. C. de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. In: **Revista Dimensões**, vol. 25, 2010, p. 235-248. Disponível em: https://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2013/10/dimensoes-25-16-nara-maria-carlos-de-santana.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

SANTOS, M. T. **Uma análise espectrográfica dos sons fricativos surdos e sonoros do português brasileiro**. Monografia (Especialização). São Paulo: Escola Paulista de Medicina,1987.

SÃO JOÃO DO OESTE. **Lei nº 1.685/16, de 12 de julho de 2016.** Publicado em mural público em 12/07/2016.

SÃO JOÃO DO OESTE, Prefeitura Municipal de. Dados sobre o município. Disponível em: https://www.saojoao.sc.gov.br/, 2021. Acesso em: 20 ago. 2021.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** (Orgs. Charles Balley e Albert Sechehaye). Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCHELLACK, G. ***Was bedeutet das Wort Hunsrück?*** In: *Hunsrücker Heimatblätter, Simmern*, Jg. 15, Nr. 33, p. 103-109, 1975.

SCHNEIDERS, M. **Macroanálise pluridimensional da variação de <Gurke/Kummer> e <Pfirsich/Pesch> como indicadores de normatividade e/ou dialetalidade do "Hunsrückisch".** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017. 110 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/176. Acesso em: 20 ago. 2019.

SCHNEIDERS, C. As mulheres de Porto Novo: da idealização à vida na colônia. In: FRANZEN, D. O.; SAUSEN, J. V.; MAYER, L. **Porto Novo 95 anos:** perspectivas históricas e contemporâneas. Itapiranga: Schreiben, 2021. p. 39-52.

SPECKHANN, S. E. J. **Aprendizagem formal e natural do alemão:** a produção da fricativa palatal surda [ç] por brasileiros**.** Dissertação (Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2017.197 p. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/185546/PLLG0700-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y. Acesso em: 05 fev. 2021.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística.** 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.

THE INTERNATIONAL PHONETIC ALPHABET (IPA), 2005. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/site%3Aipa-2005/IPA_chart_%28C%292005.pdf. Acesso em: 22 jul. 2022.

THUN, H. **La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas Linguistico Diatópico y Diastrático del Uruguay).** In: International congress of romance linguistics and philology, 21. Palermo. Atti del XXI Congresso Internztionale di Linguística e Filologia Romanza, vol 5. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

THUN, H. A Dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In. ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-79.

THUN, H. *Pluridimensional cartography*. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds.). ***Language mapping***. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRUBETZKOY, N. S. A fonologia atual. Trad. R. A. FIGUEIRA. In: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos de linguística. Fonologia e sintaxe.** V. 2. Campinas: 1933, p. 15-35.

TRUDGILL, P. **On dialect**. Oxford: Blackwell, 1983.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**: Findings and Problems. New York: Mounton Publishers, 1979.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WEPIK, F. F. **Crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova Erechim/SC:** o uso dos termos de parentesco. Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017. 144 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/723/1/WEPIK.pdf. Acesso em: 02 ago. 2022.

WILLEMS, E. **A Aculturação dos Alemães no Brasil:** Estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

WOLSCHICK, I. **ASPECTOS DO BILINGUISMO ALEMÃO-PORTUGUÊS NAS COMUNIDADES DE MONDAÍ E SÃO JOÃO DO OESTE – SC.** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2016. 133 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/760/1/WOLSCHICK.pdf Acesso em: 13 nov. 2020.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A Geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 45-72.

ZAMARO, L. C. **A situação linguística dos Ítalo-brasileiros e imigrantes Haitianos na cidade de Chapecó-SC.** Dissertação (Mestrado). Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS); Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2021. 134 p. Disponível em: https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3927/1/ZAMARO.pdf Acesso em: 02 ago. 2022.

APÊNDICE – DADOS DA PESQUISA

Escrita padrão	Pronúncia realizada	Fenômeno	Número de sílaba	Acento	Tipo da ocorrência
Abandonado	A[p]an[t]onado	b>p / d>t	Poli	Átona / Pretônica	dess / dess
gás	[k]ás	g>k	Mono	Tônica	dess
Ajuda	a[ʃ]uda	ʒ> ʃ	Tri	Tônica	dess
Alguém	Al[k]em	g>k	Di	Tônica	dess
Alguém	Al[k]em	g>k	Di	Tônica	dess
Amizade	ami[s]ade	z>s	Poli	Tônica	dess
Antigamente	an[d]igamente	t>d	Poli	Átona	son
Aparece	A[b]arece	p>b	Poli	Pretônica	son
Arvorezinha	Arvore[s]inha	z>s	Poli	Tônica	dess
Atendendo	A[d]en[t]endo	t>d / d>t	Poli	Pretônica / Tônica	son / dess
Atender	aten[t]er	d>t	Tri	Tônica	dess
Barriga	[p]arriga	b>p	Tri	Pretônica	dess
Barriga	[p]arriga,	b>p	Tri	Pretônica	dess
Barriga	[p]ariga verde	b>p	Tri	Pretônica	dess
Basta	[p]asta,	b>p	Di	Tônica	dess
Bastante	[p]astante	b>p	Tri	Pretônica	dess
Bastante	[p]astante	b>p	Tri	Pretônica	dess
Bem	[p]em	b>p	Mono	Tônica	dess
Bem	[p]em	b>p	Mono	Tônica	dess
Bem	[p]em	b>p	Mono	Tônica	dess
Boa	[p]oa	b>p	Mono	Tônica	dess
Boca	[p]oca	b>p	Di	Tônica	dess
Bolo	[p]olo	b>p	Di	Tônica	dess
Botar	[p]otar	b>p	Di	Tônica	dess
Branca	[p]ranca	b>p	Di	Pretônica	dess
Brasil	[p]rasil	b>p	Di	Pretônica	dess
Brasil	[p]rasil	b>p	Di	Pretônica	dess
Brasil	[p]ra[s]il	b>p / z>s	Di	Pretônica / Tônica	dess / dess
Brasil	Bra[s]il	z>s	Di	Tônica	dess
Brasileira	[p]rasileira	b>p	Poli	Átona	dess

Brasileira	[p]rasileira	b>p	Poli	Átona	dess
Brasileiro	[p]rasileiro	b>p	Poli	Átona	dess
Brasileiro	[p]rasileiro	b>p	Poli	Átona	dess
Brasileiro	[p]rasileiro	b>p	Poli	Átona	dess
Brasileiro	[p]rasilero	b>p	Poli	Átona	dess
Calendario	Calen[t]ario	d>t	Poli	Tônica	dess
Casa	[g]asa	k>g	Di	Tônica	son
Coisa	Coi[s]a	z>s	Di	Postônica	dess
Coloca	[g]oloca	k>g	Tri	Pretônica	son
Colonizadores	coloniza[t]ores	d>t	Poli	Tônica	dess
Colonizaram	Coloni[s]aram	z>s	Poli	Tônica	dess
Começo	[g]omeço	k>g	Tri	Pretônica	son
Começo	[g]omeço	k>g	Tri	Pretônica	son
Correta	[g]oreta	g>k	Tri	Pretônica	dess
Costume	[g]ostume	k>g	Tri	Pretônica	son
Cuidados	Cui[t]ados	d>t	Tri	Tônica	dess
Curiosidade	Curio[s]i[t]ade	z>s d>t	Poli	Pretônica / Tônica	dess / dess
Daí	[t]aí	d>t	Mono	Tônica	dess
Daí	[t]aí	d>t	Mono	Tônica	dess
Dar	[t]a	d>t	Mono	Tônica	dess
Dar	[t]á	d>t	Mono	Tônica	dess
Dar	[t]ar	d>t	Mono	Tônica	dess
De	[t]e	d>t	Mono	Tônica	dess
Deixa	[t]eixa	d>t	Di	Tônica	dess
Deixar	[t]eixar	d>t	Di	Tônica	dess
Deixar	[t]eixar	d>t	Di	Tônica	dess
Deixar	[t]eixar	d>t	Di	Tônica	dess
Deixo	[t]eixo	d>t	Di	Tônica	dess
Dela	[t]ela	d>t	Di	Tônica	dess
Depende	[t]epende	d>t	Tri	Pretônica	dess
Depende	[t]epende	d>t	Tri	Pretônica	dess
Depois	De[b]ois	p>b	Di	Tônica	son
Descendência	[t]escen[t]encia	d>t / d>t	Poli	Átona / Tônica	dess / dess
Descendência	[t]escen[t]encia	d>t / d>t	Poli	Átona / Tônica	dess / dess
Deve	[t]eve	d>t	Di	Tônica	dess

Dia	[t]ia	d>t	Di	Tônica	dess
Dialeto	[t]ialeto	d>t	Tri	Pretônica	dess
Difícil	[t]ifícil	d>t	Tri	Pretônica	dess
Digo	[t]igo	d>t	Di	Tônica	dess
Dinheiro	[t]inheiro	d>t	Tri	Pretônica	dess
Disse	[t]isse	d>t	Di	Tônica	dess
Disso	[t]isso	d>t	Di	Tônica	dess
Distribui	[t]istri[p]ui	d>t / b>p	Tri	Átona / Tônica	dess / dess
Dividida	[t]ivi[t]ida,	d>t / d>t	Poli	Átona / Tônica	dess / dess
Diz	[t]iz	d>t	Mono	Tônica	dess
Doenças	[t]oenças	d>t	Tri	Pretônica	dess
Dois	[t]ois	d>t	Mono	Tônica	dess
Dois	[t]ois	d>t	Mono	Tônica	dess
Dormir	[t]ormir	d>t	Di	Pretônica	dess
Dormir	[t]ormir	d>t	Di	Pretônica	dess
Dormir	[t]ormir	d>t	Di	Pretônica	dess
Droga	[t]roga	d>t	Di	Tônica	dess
Empurrador	Empura[t]or	d>t	Poli	Tônica	dess
Enroladinho	Enrola[t]inho	d>t	Poli	Tônica	dess
Entender	En[t]en[t]er	d>t / d>t	Tri	Pretônica / Tônica	dess / dess
Esguicho	es[k]icho	g>k	Tri	Tônica	dess
Estádios	Está[t]ios	d>t	Poli	Postônica	dess
Estudar	Estu[t]ar	d>t	Tri	Tônica	dess
Faculdade	Facul[t]ade	d>t	Poli	Tônica	dess
Fazendo	Fa[s]endo	z>s	Tri	Tônica	dess
Furtos	Fur[d]os	t>d	Di	Postônica	son
Furtos	Fur[d]os	t>d	Di	Postônica	son
Futebol	Fute[p]ol	b>p	Tri	Tônica	dess
Galinhada	[k]alinhada	g>k	Poli	Átona	dess
Gente	[ʃ]ente	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Gente	[ʃ]ente	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Gente	[ʃ]ente	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Gente	[ʃ]ente,	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Gente	[ʃ]ente,	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Geral	[ʃ]eral,	ʒ> ʃ	Di	Pretônica	dess

Geralmente	[ʃ]eralmente	ʒ> ʃ	Poli	Átona	dess
Governo	[k]overno	g>k	Tri	Pretônica	dess
Governo	[k]overno	g>k	Tri	Pretônica	dess
Governo	[k]overno	g>k	Tri	Pretônica	dess
Gramática	[k]ramatica	g>k	Tri	Pretônica	dess
Gramática	[k]ramática	g>k	Tri	Pretônica	dess
Grande	[k]rande	g>k	Di	Tônica	dess
Grau	[k]rau	g>k	Mono	Tônica	dess
Gravando	[k]ravando,	g>k	Tri	Pretônica	dess
Gringo	[k]ringo	g>k	Di	Tônica	dess
Grosso	[k]rosso,	g>k	Di	Tônica	dess
Guarani	[k]uarani	g>k	Tri	Átona	dess
Hoje	Ho[ʃ]e	ʒ> ʃ	Di	Postônica	dess
Idiomas	I[t]iomas	d>t	Poli	Pretônica	dess
Igual	I[k]ual	g>k	Di	Tônica	dess
Ijuí	I[ʃ]ui	ʒ> ʃ	Tri	Pretônica	dess
Inglês	In[k]les	g>k	Di	Tônica	dess
Inglês	In[k]les	g>k	Di	Tônica	dess
Já	[ʃ]a	ʒ> ʃ	Mono	Tônica	dess
Já	[ʃ]a	ʒ> ʃ	Mono	Tônica	dess
Já	[ʃ]á	ʒ> ʃ	Mono	Tônica	dess
Já	[ʃ]a	ʒ> ʃ	Mono	Tônica	dess
Jeito	[ʃ]eito	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oao	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oao	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oão	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oão	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oão	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
João	[ʃ]oão	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Jogo	[ʃ]ogo	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
José	[ʃ]osé	ʒ> ʃ	Di	Pretônica	dess
Juntas	[ʃ]untas	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Junto	[ʃ]unto	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Laju	La[ʃ]u	ʒ> ʃ	Di	Tônica	dess
Léozinho	Leo[s]inho	z>s	Tri	Tônica	dess

Maronzinho	Maron[s]inho	z>s	Poli	Tônica	dess
Mensalidade	Mensali[t]ade	d>t	Poli	Tônica	dess
Micróbios	Mi[g]róbios	k>g	Poli	Tônica	son
Miguel	Mi[k]el	g>k	Di	Tônica	dess
Mudado	mu[t]ado	d>t	Tri	Tônica	dess
Naturais	na[d]urais	t>d	Tri	Pretônica	son
Necessidade	Necessi[t]ade	d>t	Poli	Tônica	dess
Oportunidade	Oportuni[t]ade	d>t	Poli	Tônica	dess
País	[b]aís	p>b	Di	Pretônica	son
Panela	[b]anela	p>b	Tri	Pretônica	son
Paraguai	Para[k]uai	g>k	Tri	Tônica	dess
Pedaço	Pe[t]aço	d>t	Tri	Tônica	dess
Pêssego	Pesse[k]o	g>k	Tri	Átona	dess
Pisar	Pi[s]ar	z>s	Di	Tônica	dess
Pisca	[b]isca	p>b	Di	Tônica	son
Planejado	plane[ʃ]ado	ʒ> ʃ	Poli	Tônica	dess
Pobreza	[b]o[p]reza	p>b / b>p	Tri	Pretônica / Tônica	son / dess
Podia	Po[t]ia	d>t	Di	Tônica	dess
Português	Portu[k]es	g>k	Tri	Tônica	dess
Português	Portu[k]es	g>k	Tri	Tônica	dess
Português	Portu[k]es	g>k	Tri	Tônica	dess
Português	Portu[k]es	g>k	Tri	Tônica	dess
Português	Portu[k]es	g>k	Tri	Tônica	dess
Praticamente	Prati[g]amente	k>g	Poli	Pretônica	son
Presente	Pre[s]ente	z>s	Tri	Tônica	dess
Produtos	pro[t]utos	d>t	Tri	Tônica	dess
Propaganda	Pro[b]a[k]anda	p>b / g>k	Poli	Pretônica / Tônica	son / dess
Pública	Publi[g]a	k>g	Tri	Átona	son
Quase	Qua[s]e	z>s	Di	Postônica	dess
Quieto	[g]ieto	k>g	Di	Tônica	son
Rápido	Rapi[t]o	d>t	Tri	Átona	dess
Região	re[ʃ]iao	ʒ> ʃ	Tri	Tônica	dess
Religião	reli[ʃ]iao	ʒ> ʃ	Poli	Tônica	dess
República Argentina	Re[b]úbli[g]a ar[ʃ]entina	p>b / k>g / ʒ> ʃ	Poli / Poli	Tônica / Átona / Pretônica	son / son / dess

Rio Grande	Rio [k]rande	g>k	Di	Tônica	dess
Rio Grande	Rio [k]rande	g>k	Di	Tônica	dess
Sabe	sa[p]e	b>p	Di	Postônica	dess
Saber	sa[p]er	b>p	Di	Tônica	dess
Sadio	sa[t]io	d>t	Tri	Tônica	dess
Saúde	Saú[t]e	d>t	Tri	Postônica	dess
Seguida	Se[k]ida	g>k	Tri	Tônica	dess
Também	Tam[p]em	b>p	Di	Tônica	dess
Também	Tam[p]em	b>p	Di	Tônica	dess
Também	[d]am[p]em	t>d / b>p	Di	Pretônica / Tônica	son / dess
Telecomunicações	Tele[g]omuni[g]ações	k>g / k>g	Poli	Átona / Pretônica	son / son
Televisão	Televi[s]ao	z>s	Poli	Tônica	dess
Televisão	Televi[s]ao	z>s	Poli	Tônica	dess
Terceira	[d]erceira	t>d	Tri	Pretônica	son
Tu	[d]u	t>d	Mono	Tônica	son
Vendiam	ven[t]iam	d>t	Tri	Tônica	dess
Vezes	Ve[s]es	z>s	Di	Postônica	dess
Visitar	vi[s]itar	z>s	Tri	Pretônica	dess
Visitei	Vi[s]itei	z>s	Tri	Pretônica	dess
Visitei	Vi[s]itei	z>s	Tri	Pretônica	dess
Vizinho	Vi[s]inho	z>s	Tri	Tônica	dess
Xicarazinha	Xicara[s]inha	z>s	Poli	Tônica	dess

ANEXOS

ANEXO A – Questionário I (KRUG, 2013 [adaptado])

I – Frases

	Frase lida pela pesquisadora	Tradução possível	Uso*	Possível tradução com a variante uma vez
1	Mea fange mo on	Vamos começar.	Imp.	Vamos começar uma vez.
2	Ich hat mo eine Fuca	Eu tinha um fusca certa vez.	Adv.	Eu tive uma vez um fusca
3	Mach die Tir mo zu	Feche a porta.	Imp.	Fecha uma vez a porta.
4	Ich woo mo dot.	Eu estive lá uma vez.	Adv.	Eu estava lá uma vez.
5	Kommst du mo balt her?	Você vem logo?	Imp.	Você vem uma vez logo?
6	Bring mir mo ein gloss Wasa.	Traga-me um copo de água.	Imp.	Me traz uma vez um copo de água
7	Gebt mir mo die Schmier.	Me passe o doce de frutas.	Imp.	Me dá uma vez o doce
8	Mein Mama is net ta hemm	Minha mãe não está em casa.	Aus.	
9	Gehen wir jetz mo schlofe	Vamos dormir agora.	Imp.	Vamos dormir uma vez
10	Lass João mo dot	Deixe João lá.	Imp.	Deixe João uma vez lá
11	Geh die Shwine mo fitra.	Vá tratar os porcos.	Imp.	Vá tratar uma vez os porcos
12	Te kommt hier einmo te Toch	Ele vem aqui uma vez por dia.	Num.	Ele vem uma vez por dia aqui.
13	Awer jetz chegs mo.	Mas agora chega.	Imp.	Mas agora chega uma vez.
14	Ich hat mein Schwesta drei mo besucht.	Eu visitei minha irmã três vezes.	Num.	
15	Come mo er	Venha aqui.	Imp.	Vem aqui uma vez.
16	Kuk mo dot ihn.	Olhe para lá.	Imp.	Olhe uma vez para lá
17	Ich wo dot nur en mo.	Eu estive lá apenas uma vez.	Num.	Eu estava lá só uma vez.
18	Mach mo die TV on.	Ligue a TV.	Imp.	Ligue uma vez a TV
19	Sai mo ruich.	Fique quieto.	Imp.	Fique quieto uma vez
20	Mein Mama hat mo so gesaht.	Minha mãe disse assim certa vez.	Adv.	Minha mãe disse assim uma vez.
21	Wer hot der Bolo gess? Ich mo net.	Quem comeu o bolo? Eu não.	Adv.	
22	Ruf mo die	Chame-a.	Imp.	Chama ela uma vez
23	Ich hon das Buch mo gelest.	Eu li o livro.	Adv.	Eu li uma vez esse livro
24	Loss mo noh	Pare.	Imp.	Para uma vez.
25	Her mo der Hund	Escute o cachorro.	Imp.	Escuta uma vez o cachorro.
26	Ich sind so mied heit.	Eu estou tão cansada hoje.	Aus.	
27	Loss mo Maria dot	Deixe Maria lá.	Imp.	Deixe uma vez Maria lá.
28	Probia mo.	Experimenta.	Imp.	Experimenta uma vez.
29	Ich hat das dich tausend mo gesagt	Eu lhe disse isso mil vezes.	Num.	
30	Ich gehn mo hemm.	Eu vou para casa.	Adv.	Eu vou uma vez para casa

* Essa coluna apresenta o uso da variante, isto é, numeral (Num.), advérbio (Adv.) e imperativo (Imp.).

II - Perguntas

Você já exerceu alguma função de liderança na comunidade ou na sua casa. Conte-me como foi. Você gostou da experiência? Você precisou coordenar muito os trabalhos? Como você distribuía as tarefas? Como você pedia, mandava alguém fazer algo? Por escrito, falando? Como você falava?
Como se faz conserva de pêssego?
Como é cuidado com os suínos?
Você já carneou porcos, como é isso? Como se faz linguiça?
Como se cozinha uma boa galinhada?
Você sabe fazer cuca? Como faz, quais são os ingredientes? Você pode me dizer passo a passo?
Como se adesiva um carro?
Explique como funciona a regra de três?
Como se cola atualmente na escola?
Você costuma usar o Facebook durante as aulas? Você acha que o professor ou professora sabe que está usando? Como você faz para que o professor não perceba?
Tem alguma coisa que alguém da sua família faz que você não gosta? Você já falou com ele sobre isso?

III - Leitura

UMA SITUAÇÃO BRASILEIRA Vamos pensar uma vez na situação atual do Brasil, a situação geral. Receberemos a copa do mundo no ano que vem e em seguida, as olimpíadas. É a primeira vez que um país sedia os dois maiores eventos esportivos em dois anos. Você já pensou na grande quantidade de dinheiro que é necessário investir para tudo isso? Vamos calcular uma vez isso. Mas que números usaremos? De onde vem esse dinheiro? Perceba que pouco sabemos da real situação brasileira atual. O governo tenta nos convencer mais de uma vez que estamos em expansão, mas mundialmente, muitos países estão em colapso. Será que também iremos à falência como países europeus já foram outras vezes? É preciso pensar uma vez muito sobre isso. Lê uma vez algo sobre o assunto na internet, que é muito comum hoje em dia.

ANEXO B - Questionário II (KRUG, 2013 [adaptado])

I – Questões de identidade (KRUG, 2013)

1. Você se considera bilíngue? AP: Meinst du, dass du zweisprachig bist? VA: Bist du zweisprachig?

2. Que línguas você fala? AP: Welche Sprache sprichst du? VA: Was fo Sprache sprechst du?

3. Qual você aprendeu primeiro? AP: Welche hast du zuerst gelernt? VA: Was fo hast du zuerst gelernt?

4. Qual você fala melhor? AP: Welche sprichst du besser? VA: Was fo sprechst du besser?

5. Qual você acha mais bonita? AP: Welche findest du schöner? VA: Was fo ist die schönste?

6. Para você, qual é a mais difícil de aprender? AP: Für dich, welche ist die schwieriger zu lernen? VA: Was fo ist die schlimmste zu lernen?

7. Que línguas costuma falar na família? (quantas vezes? Quando, com quem? (Krug, 2004, Steffen 2007) AP: Welche Sprachen sprechen Sie normalerweise in der Familie? (wie oft? Wann, mit wem?) VA: Was fo Sprach sprechst du der mehrste in die Familie? (wie oft? Wenn? Mit wem?)

8. Que tipo de alemão é? Como se chama? Poderias falar “um pouquinho sobre o que é típico alemão”? O que disso que você colocou você acha que apresenta? AP: Was für ein Deutsch ist es? Wie heiβt es? Können Sie ein biβchen über was typisch Deutsch ist reden? Von diesen, welche haben Sie? VA: Was fo Deutsch? Wie heiβt er? Was ist fo dich typisch Deutsch? Was von das, hast du?

9. Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença? (Vide KRUG, 2004) AP: Gibt es einige Unterschieden zwischen das Deutsch, das man in Deutschland spricht und das man hier spricht? Was ist der Unterschied? VA: Sehst du Unterschied zwische unse Deutsch und de Deutsch von Deutschland? Was ist die Unterschied?

10. Em que língua gosta de conversar mais? AP: Auf welche Sprache sprechen Sie lieber? VA: Was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch/Portugiesisch?

11. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária, ou português? AP: Im Algemeinenen sprechen Sie mehr die Minderheitensprache oder Portugiesisch? VA: Was von Sprache sprechst du mehr, Deustch oder Brasilianisch?

12. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide KRUG, 2004) AP: Wenn Besuch kommt, welche Sprache benutzen Sie lieber? VA: Wenn du Besuch kriegst, was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Brasilianisch?

13. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão? (Vide KRUG, 2004) AP: Und wenn der Besuch nur Portugiesisch spricht? Fühlen Sie sich besser wenn es ein Besuch ist, der auch Deutsch spricht? VA: Und wenn der Besuch nur Portugiesisch sprecht? Fühlst du dich besser wen de Besuch auch Deutsch sprecht?Is es besser wenn de Besuch auch Deutsch weis?

14. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua língua de casa, alemão? AP: Was denken Sie über Leute, die nur Portugiesisch sprechen und nie die Sprache von zu Hause, Deutsch? VA: Was finst du von die Mensche wo nur Portugiesisch spreche und nie die Sprach von zu Haus? /Baheim

15. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, alemão, mas insistia em só falar português? AP: Ist es dir schon passiert, mit jemandem zu sein, der seine Sprache von zu Hause wusste, Deutsch, aber der nur Portugiesisch sprechen wollte? VA: Ist dich schon passiert mit einer sein wo wusst Deutsch spreche, aber hat immer insistiert nur Português spreche?

16. Como aprendeu o português? AP: Wie haben Sie Portugiesisch gelernt? VA: Wie hast du Português gelernt?

17. Como é/foi o uso do alemão na escola e na igreja? (Vide KRUG, 2004) AP: Wie war/ist das Deutsch in der Schule und in der Kirche benutzt? VA: Wie ist/war das Deutsch in die Kirch und in die Schul benutzt?

18. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Vide KRUG, 2004) AP: Was denken Sie, wie sehen die Auβenseiter die Leute, die hier leben? VA: Was denkst du, wie sehen die Leut von drauβen die Leut von hier?

19. Como se sente mais? Alemão, Brasileiro ou Catarinense? AP: Fühlen Sie sich mehr Deutsch, Brasilianer(in) oder Catarinense? VA: Wie fühlst du dich mehr? Deutsch, Brasilianer oder Catarinense?

20. Quem nasce em Santa Catarina é... AP: Wer in Santa Catarina geboren ist, ist... VA: Wer in Santa Catarina gebohr ist , ist...

21. E quando pensa no alemão? AP: Und wann denken Sie an das Deutsch? VA: Und wenn denkst du an die Deutschsprache?

22. Se a seleção brasileira de futebol joga contra a alemã, para quem você torce? AP: Wenn die brasilianische Fuβball-Nationalmannschaft gegen die Deutschemannschaft spielt, wem drücken Sie die Daumen? VA: Wenn die seleção brasileira gegen Alemanha Fuβball spiele tut, fo wen torciest du?

II Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade) (KRUG, 2013)

1. O que identifica o alemão típico daqui? AP: Was identifiziert den lokalen typischen Deutscher? VA: Wie ist der Deutscher von hier?

2. E o brasileiro? AP: Und der Brasilianer? VA: Und de Brasilianer?

3. Como são chamadas as pessoas que não são de origem alemã? (na língua do imigrante e no português) (Vide KRUG, 2004). AP: Wie nennen Sie die Leute, die nicht von Deutsche abstammen? VA: Wie heiβe die Mensche, wo nicht von Deutsch abstammen?

4. Características do brasileiro. Como é esse brasileiro? (Vide KRUG, 2004) AP: Eigenschaften des Brasilianer, wie ist er? VA: Wie ist der Brasilianer?

5. O que sabe da língua do (outro) alemão? Citar palavras ou expressões. (Vide KRUG, 2004) AP: Was wissen Sie von der Sprache der anderen? Erwähnen Sie Worte oder Ausdrücke. VA: Was kennst du von der andere Sprache? Sag ma Worte und Audruck.

6. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem? AP: Im Allgemeinen, wer erhielt am besten VA: Von alle Menschen von hier, wer passt mehr sein Sprache uff.

7. Tem diferença entre o alemão falado em Mondaí e São João? A que se deve isso? Dê alguns exemplos. AP: Gibt es Unterschiede zwischen das Deutsch, das man in Mondaí spricht und das man in São João spricht? Warum ist das? Geben Sie Beispiele. VA: Gebt es Unterschiede zwischen das Deutsch wo man in Mondaí sprecht und São João?

8. De modo geral, quem fala melhor o português, o alemão ou o italiano? AP: Im allgemeinen, wer spricht besser Portugiesisch, die Deutsche oder die Italiener? VA: Wer sprecht besser Portugiesisch, der Deutsch oder de Italiener?

III Papel da língua na constituição da identidade (relação da língua com outros ícones da cultura) (KRUG, 2013)

1. Acha importante que os filhos aprendam alemão dos pais? Por quê? (vide Krug 2004) AP: Was denken Sie, ist es wichtig, dass die Kinder Deutsch Von seinen Eltern lernen? Warum? (Vide KRUG, 2004) VA: Finst du important das die Kinder die Sprach Von die Elder lerne? Warum? /Fo was?

2. Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão) ... O que acha disso? AP: Viele junge Leute sprechen die Sprache der Eltern nicht mehr (Deutsch) Wie denkst du darüber? VA: Viele junge Leut sprechen nicht mehr die Sprache von die Elder. Was denkst du von das?

3. Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão? AP: Gibt es Situationen, in den Sie sich schämen Deutsch zu sprechen? VA: Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?

4. Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? Se sim, seria mais importante que ensino de inglês? Por quê? (Vide Krug 2004) AP: Denken Sie, dass es Deutschunterricht in der Schule geben sollte? Wenn ja, würde es wichtiger sein als

English? Warum? VA: Denkst du, das es Deutsch in die Schul gebe mist? Wenn ja, wär das besser als English?

5. Se fosse dizer o que mais identifica um alemão, diria que é o quê? AP: Wenn Sie sagen könnten, was ein Deutscher besser identifiziert, was würde es sein? VA: Wenn du sagen dest wie man ein Deutsche rauskennt, was wär es?

Suas características físicas AP: das Aussehen? VA: das Aussehen
Sua língua AP: seine Sprache VA: die Sprache
Sua Música AP: seine Musik VA: Musik
Sua casa AP: sein Haus VA: das Haus
Seu jeito de ser AP: VA:
Sua religião AP: seine Religion VA: die Religion
Seus hábitos e costumes AP: Gewohnheit und Tradition VA:
Suas festas AP: seine Feste VA: Fest
Seus nomes AP: Seine Namen VA: Name
Outro _____

IV Grau de bilinguismo dos informantes da sua comunidade e o reconhecimento da identidade (KRUG, 2013)

1. Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt 1997)
AP: Welche Sprache sprechen Sie in den folgenden Gelegenheiten in Ihrem Gebiet?
VA: Was von Sprache sprechst du in diese ocasiões in dein Municip?
30.1 no Correio VP: Auf der Post VA: auf der Post
30.2 no supermercado VP: Im Supermarkt VA: in der Merkat
30.3 nas lojas VP: In den Laden VA: ins Geschäft
30.4 no sindicato VP: Im Syndikat VA: in der Sindicat
30.5 no restaurante VP: Im Restaurant VA: im Restaurant
30.6 na prefeitura VP: Im Rathaus VA: In die Prefeitura
30.7 no posto de saúde VA: in der Posto
30.8 com o padre/pastor VP: mit dem Pfarrer/Pastor VA: mit der Pader/Pfarrer
30.9 nas festas e nos bailes VP: auf den Festen und auf den Bällen VA: ufs Fest und Ball
30.10 no confessionário VP: in der Beichte VA: in der Beichte
30.11 no posto de gasolina VP: auf der Tankstelle VA: in der Gasolinapost
30.12 no trabalho VP: auf dem Arbeitsplatz VA: an die Arbeit

2. Quando você encontra um(a) estranho(a) na rua de sua cidade em que língua você fala com ele/ela? AP: Wenn Sie einem(er) Fremder(e) auf der Straβe Ihrer Stadt begegnen, auf welche Sprache sprechen Sie mit ihm/ihr? VA: Wenn du einer Fremder in die Straβe deine Stadt begegen tust, was von Sprach sprechst du mit ihm?

3. Em que situações você fala a língua minoritária, e o português? AP: Bei welchen Gelegenheiten sprechen Sie die Minderheitensprache, und Portugiesisch? VA: In was Von Situacionen sprechst du die Deutschsprache, und Português?

4. Quando você fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê? AP: Wenn Sie Portugiesisch sprechen, mischen Sie es mit

der Minderheitensprache? Wenn ja, was mischen Sie und warum? VA: Wenn du Português sprechen tust, vermischtst du es mit dem Deutsch? Wenn ja, was vormischt du und warum?

5. Quando você fala a variedade minoritária, você mistura o português? Se sim, o que mistura e por quê? AP: Wenn Sie die Minderheitensprache sprechen, mischen Sie es mit Portugiesisch? Wenn ja, was mischen Sie und warum? VA: Wenn du Deutsch sprechst, vormischt du es mit Português? Wenn ja, was vormischt du und warum?

Como você diz ..... em alemão?
AP: Wie sagen Sie ..... auf Deutsch?
VA: Wie sogst/sagst du ..... auf Deustch?
Travesseiro
Verde
Escuro
Chão
Tempo ruim
Nevoeiro, neblina
O rapaz
Uma xícara de café
Palavras
Jogar fora
Rua
Estar deitado na cama
Escada
Receber um presente
Milho

Texto para leitura (versão português) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).
Lucas 14, 15 (em português)

Parábola do Filho Pródigo

Jesus disse também: “Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: “Pai, tenho a ideia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence. ” O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para seus campos guardar e cuidar de porcos. Desejava encher o estomago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou: “Eu minguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com meu pai e digo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores.”

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: “Pai, pequei contra deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse logo aos empregados: “tragam depressa a melhor roupa e vistam-no. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés.

Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa.

Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu as músicas e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido as tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres da má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que mingues mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz.”

O pai disse-lhe com voz tênue: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmo-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.”

Texto para leitura (versão alemão padrão) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas LinguísticoContatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).
Lukas 14, 15 (in Hochdeutsch)
Vom verlorenen Sohn

Und er sprach: Ein Mensch hatte zwei Söhne. Und der Jüngere von ihnen sprach zu dem Vater: Gib mir, Vater, das Erbteil, das mir zusteht. Und er teilte Hab und Gut unter sie. Und nicht lange danach sammelte der jüngere Sohn alles zusammen und zog in ein fernes Land; und dort brachte er sein Erbteil durch mit Prassen. Als er nun all da Seine verbraucht hatte, kam eine grosse Hungersnot über jenes Land, und er fing an zu darben und ging hin und hängte sich an einen Bürger jenes Landes; der schickte ihn auf seinen Acker, die Säue zu hüten. Und er begehrte, seinen Bauch zu füllen mit den Schoten, die die Säue frassen; und niemand gab sie ihm. Da ging er in sich und sprach : Wie viele Tagelöhner hat mein Vater, die Brot in Fülle haben, und ich verderbe hier im Hunger! Ich will mich aufmachen und zu meinem Vater gehen und zu ihm sagen: Vater, ich habe gesündigt gegen den Himmel und vor dir. Ich binhinfort nicht mehr wert, dass ich dein Sohn heisse; mache mich zu einem deiner Tagelöhner! Und er machte sich auf und kam seinem Vater. Als er aber noch weit entfernt war, sah ihn sein Vater und jammerte ihn: er life und fiel ihm um dem Hals und küsste ihn. Der Sohn aber sprach zu ihm: Vater, ich habe gesündigt gegen den Himmel und vor dir, ich bin hinfort nicht mehr wert, dass ich dein Sohn heisse. Aber der Vater sprach zu seinen Knechten: Bringt schnell das beste Gewand her und zieht es ihm an und gebt ihm einen Ring an seine Hand und bringt das gemästete Kalb und schlachtet’s; last uns essen und fröhlich sein! Denn dieser mein Sohn war tot und ist wiedr lebendid geworden, er war verloren und ist gefunden worden. Und sie fingen an,

fröhlich zu sein! Aber der älteste Sohn war auf dem Feld, und als er nahe zum Hause kam, hörte er Singen und Tanzen und rief zu sich einen der Knechte, und fragte, was das wäre. Der aber sagte ihm: Dein Bruder ist gekommen und dein Vater hat das gemästete Kalb geschlachtet, weil er ihn gesund wieder hat. Da wurde er zornig und wollte nicht hineingehen. Dann ging sein Vater hinaus und bat ihn. Er antwoertete aber und sprach zu seinem Vater: siehe, so viele Jahre diene ich dir und habe dein Gebot noch nie übertreten, und du hast mir nie einen Bock gegeben, dass ich mit meinen Freunden fröhlich gewesen wäre. Nun aber, da dieser dein Sohn gekommen ist, der dein Habe und Gut mit Huren verprasst hat, hast du ihm das gemästete Kalb geschlachtet. Er aber sprach zu ihm: mein Sohn, du bist allezeit bei mir, und alles, was mein ist, das ist dein. Du solltest aber fröhlich und gutes Mutes sein; den dieser dein Bruder war tot und ist wieder lebendig geworden, er verloren und ist wiedergefunden.
Fonte: [Lucas 15, 11-32] Das Neue Testament. Nach der Übersetzung Martin Luthers revidierter Text Stuttgart Deutsche Bibelgesellschaft 1984.

Texto para leitura (versão variedade alemã) (Fonte: projeto ALMA – H - Atlas LinguísticoContatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata).
Lukas 14, 15 (in Hunsrückisch)
Vom verloane Sohn

Unn sooh Jesus: Ein Mensch hot zweu Buwe gehat. De jingste von denne hot seim Vater verlangt: Vater, gib mea das Errebteel, wo mea geheat. Do hot de Vater alles was seon woo, unner de kinner veteelt. En poo Tooche denoch hot de jingste Bub alles sammergepackt unn is weit fott in en anner Land gezoh; dott horr er sein Errebteel all veschwenn. Wie er jetz alles wo sein woo verbraucht hot, is en gros Hungersnot iwer's Land Komm, unn de hot ongefang se verderre unn hot sich on'en Mann von dem Land gehong unn be idem geklooht. De hot'en do uf de Kamp geschickt, die Sei ufsepasse. So genn hett de seine Panz gefillt mit de Schote, wo die Sei gefress honn; niemand awer hot se dem geb. Do is'er in sich gefall unn hot gesprohch: Wievel schaffe bei mei'm Vater im Toochlohn unn honn meh Brot se esse wie se kenne, unn ich vederwe hier von Hunger. Ich mache mich uf de Weech unn gehn bei mein Vater unn soohn dem: Vater, ich honn gesindicht geche dich. Ich senn net meh weat, ene von dein Buwe genennt were; holl mich fo enne von deine Knechte. Do is de ufgestieh unn bei sein Vater gang. De woo noch weit wech, do hot de Vater 'en schon gesiehn komme, unn hoten schrecklich gedauert. De is dm Jung dann entgeche geloof, hot ich dem um de Hals geworref unn'en gekusst. Do soot de Jung: Vater, ich honn geche de Himmel unn geche dich gesindicht; ich senn net meh weat, ene von dein Buwe genennt se were. Awer de Vater hot sein Knechte gesproch: bringt'em fix das beste Stick Zeich unn zieht'em das on. Tot'em 'en Ring on sein Hand unn Schuh on sein Fiess unn bringt das fettste Stick Vieh her unn schlacht'es. Losst uns esse unn frehlich senn. Well de do Jung von mea woo tot unn is nommo ons Lewe komm; de woo veloa unn is nommo gefunn geb. Unn so honn''e dann ongefang frehlich se feire.

Awer de ellste Sohn woo uf'em Kamp unn wie de dicht hem komm is, unn das Singe unn Tanze geheat hot, hot de sich enne von de Knechte geruf unn gefroht, was das wea. De awer hot'em geantwott: dein Bruder is hemmkomm, unn dein Vater hot das fettste Stick Vieh geschlacht, well'er en gesund zurick hot. Do is de Bruder iwer bees geb unn wollt net rinngehn. Sein Vater awer is rauskomm unn hot'em im Gute geredt. De Jung awer hot geantwott unn dem Vater gesproch: so viel Johr schon diene ich dea unn senn noch nie geche deine Wille gang; unn du host mea noch net mo en

Bock geb fo dass ich mit mein Amigos frehlich feire kennt. Kaum awer is hier de Sohn von dea komm, de dein Geld mit Prostitutte vekrach hot, unn du host fo dee das fettste Stick Vieh geschlacht. De Vater awer hot'em do geantwott: mein Jung, du bist jedezeit bei mea, unn alles wasmein is, das is dein.Du sollst awer frehlich senn unn gute Wille zeiche: well de do Bruder von der woo tot unn is nommo onsLewe komm; de woo veloa unn is nommo gefunn geb.

Fonte: [Lucas 15, 11-32] Übersetzung ins Hunsrückich: Cléo V. Altenhofen, 2006